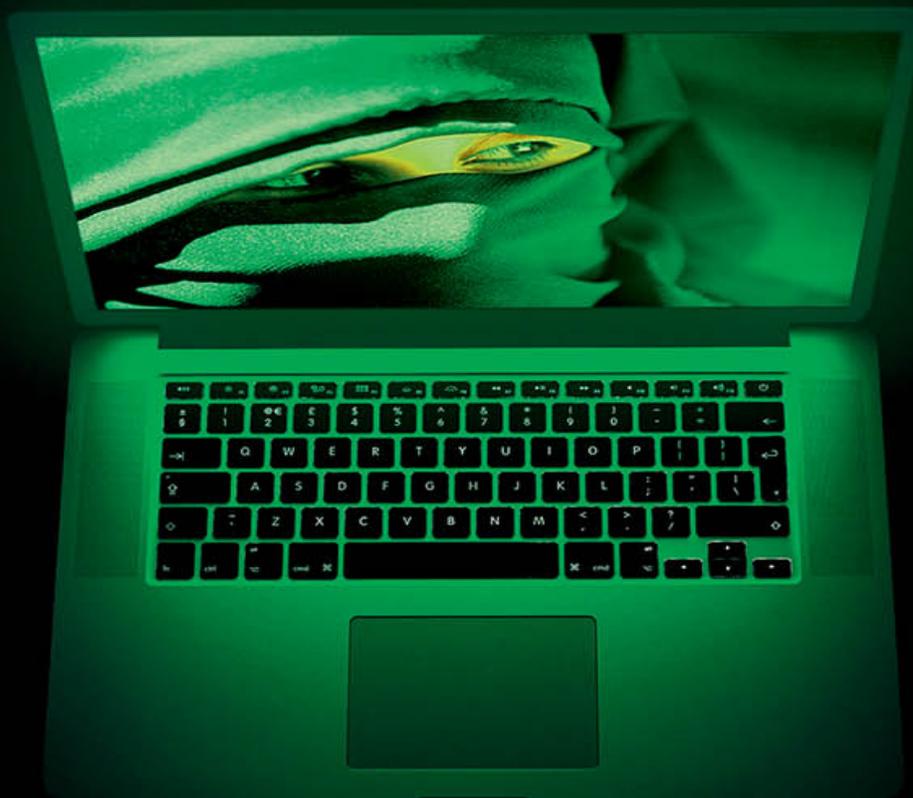


ANNA ERELLE
NA PELE DE UMA
JIHADISTA



A história real
de uma jornalista
recrutada pelo
Estado Islâmico

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ANNA ERELLE

NA PELE DE UMA
JIHADISTA

A história real
de uma jornalista
recrutada pelo
Estado Islâmico

Tradução

DOROTHÉE DE BRUCHARD

EDUARDO BRANDÃO

BRUNO

Para Éric e Noël
Para Pauline e Jérôme...

*Somente por um movimento voluntário de moderação de nossas paixões,
serena e aceita por nós, pode a humanidade se alçar acima da corrente
materialista que aprisiona o mundo. Ainda que nos fosse poupado
sermos destruídos pela guerra, nossa vida precisa mudar se não quiser
perecer por sua própria culpa.*

*Alexander Soljenítsin,
Ultimato por uma mudança profunda*

Os fatos a seguir ocorreram na primavera de 2014, dois meses antes da tomada de Mosul, segunda cidade do Iraque, pelo Estado Islâmico, e da autoproclamação de um califado por seu líder Abu Bakr al-Baghdadi.

— Escute! Eu te amo como nunca amei ninguém. Não posso te imaginar nem mais um dia longe de mim, no meio de todo esse vício que te rodeia. Eu vou te proteger. Vou te afastar de todos os demônios do mundo. Quando vir me encontrar, você vai se encantar com este paraíso. Com este país que eu e os meus homens estamos construindo. As pessoas, aqui, se amam e se respeitam. Formamos uma única e grande família, onde já existe um lugar para você: estão todos te esperando! Você tem que ver como são felizes as mulheres aqui conosco. Elas, antes, eram iguais a você. Perdidas. A esposa de um amigo meu já pensou em toda uma programação para quando você chegar. Assim que acabarem suas aulas de tiro, ela vai te levar a uma loja muito bonita, a única no país que vende tecidos de qualidade. Vou arcar com tudo. Você vai criar um mundinho seu com suas novas amigas. Não vejo a hora de te ver chegar. Mélodie, minha mulher! Venha logo, estou te esperando.

Diante da tela do computador, Mélodie arregala os olhos. Sente admiração por aquele homem forte, dezoito anos mais velho que ela. Nunca o viu senão via Skype, mas já o ama. Com uma vozinha fraca, ainda com inflexões de menina, Mélodie murmura:

— Você me ama mesmo?

— Eu te amo por Alá e diante de Alá. Você é minha joia, e o Estado Islâmico é sua casa. Juntos, vamos inscrever nossos nomes na história, construindo, pedra por pedra, um mundo melhor em que os infiéis, ou os *kuffar*, como chamamos, não terão direito de entrada. Encontrei para você um apartamento imenso! Se trazer junto umas amigas, escolho outro ainda maior. De dia, você cuidará dos órfãos e dos feridos, enquanto eu estiver em combate. E à noite nos encontramos... *Inch'Allah*.

Mélodie se sente amada. Se sente útil. Ela vinha buscando um sentido para sua vida: agora encontrou.

Paris, dez dias antes

Na sexta-feira à noite, saio contrariada de uma das redações para as quais trabalho como freelancer. A carta de um advogado enviada ao jornal proíbe a publicação de meu artigo dedicado a uma jovem jihadista. Acontece que acabo de passar dois dias na Bélgica com Samira, a mãe dela. Um ano atrás, a filha fugiu para a Síria ao encontro de Tarik, o homem de sua vida, um fanático devotado à causa da organização Estado Islâmico (EI). Loucamente apaixonada, loucamente inconsciente também, Leila queria viver ao lado do seu grande amor. Samira sentiu novo alento ao saber da morte daquele que era obrigada a considerar seu genro. Uma bala certa no coração levara a melhor sobre suas 21 primaveras. Com Tarik morto, Samira não via nenhum motivo para a filha prolongar sua permanência num país tragicamente arrasado pela guerra. Leila, porém, se manteve inflexível: ela agora pertencia àquela terra sagrada e tinha a firme intenção de acrescentar sua pedra ao edifício lutando para criar um Estado religioso no Levante. Com ou sem marido. Graças a sua determinação e fé, Tarik tinha recebido o título de emir, um dos mais honrados no mundo muçulmano, então cuidavam bem de sua viúva. Tratavam-na com profundo respeito. De modo que Leila respondeu à mãe com outra pergunta:

— Por que eu deveria voltar?

A imprensa local se apoderou da história. Comparou a jovem jihadista de dezoito anos à viúva negra, alta figura do

terrorismo internacional e esposa do assassino do comandante Massud, um comandante antitalibã. A resposta de Samira, proporcional ao amor que tem pela filha, não se fez esperar. Mas com isso ela se impunha um enorme desafio. Precisava não só conseguir repatriar Leila para a Bélgica, como também convencer as autoridades de que sua filha estava no país mais perigoso do mundo por razões humanitárias. Do contrário, seria vista como uma ameaça à segurança nacional e mandada para a prisão antes de ser, talvez, proibida de permanecer em sua própria pátria.

É nesse momento que meu caminho se cruza com o de Samira. O jornalismo conduz a tudo e, às vezes, ao desespero de uma mãe. Já sem saber o que fazer, Samira recorreu a Dimitri Bontinck, um ex-militar das forças especiais belgas que se tornou famoso ao conseguir repatriar da Síria o próprio filho. Dimitri encarna a esperança das tantas famílias europeias que acordaram um belo dia diante dessa brutal realidade: o jihad pode envolver um adolescente acima de qualquer suspeita, o seu próprio filho. Dimitri, desde então, hiperativo e, principalmente, hiperexaltado, tem prosseguido suas missões-suicida para salvar outros adolescentes ou, pelo menos, desencavar informações concretas que possam ajudar suas famílias. Ciente do risco que Leila corria, com sua fama de “nova viúva negra”, pediu que eu me encontrasse com a mãe dela. Sou jornalista, apaixonada por geopolítica, mas estou longe de ser uma especialista. Em compensação, sempre nutri um genuíno interesse por tudo que diz respeito a comportamentos erráticos. Pouco importa sua origem: religião, nacionalidade ou meio social; me fascina a fratura que causou a mortífera reviravolta desses destinos. Pode ter sido a droga, a delinquência, a marginalidade... Paralelamente, trabalhei muito, nos últimos anos, sobre as derivas do Islã radical. De um ano para cá, tenho examinado especialmente os hábitos de alguns jihadistas europeus do Estado Islâmico. Embora esses casos que vêm se sucedendo sejam todos muito parecidos, procuro compreender, em cada um deles, qual o

corte que os feriu tão profundamente a ponto de se apropriarem desta causa, de abandonarem tudo para ir matar e desafiar a morte.

Nessa época, Dimitri e eu estávamos trabalhando num livro que relatava seus nove meses de horror em busca do filho. Batemos à porta de muitas famílias europeias confrontadas com o mesmo calvário. Da minha parte, tratava de multiplicar as entrevistas. Embora perceba perfeitamente o impacto que a propaganda digital pode ter sobre esses novos soldados de Deus, continuo sem entender o que os leva a passar ao ato. Deixar tudo para trás? Os pais, o próprio passado? Riscar, em poucas semanas, uma vida inteira da própria vida com a convicção de que não se deve, nunca, olhar para trás. Andar pelos seus quartos, geralmente intocados por pai e mãe, às vezes me gela o sangue. Penetro numa intimidade que não é minha, nesses cômodos transformados em santuários de uma vida esquecida. Como se suas relíquias de adolescentes fossem a prova derradeira de sua existência. O de Leila parece congelado, prisioneiro de uma época pretérita. Fotos de sua vida “normal” estão espalhadas aqui e ali. Posso vê-la de blusa regata, maquiada, na casa de amigos, num café. Imagens de ingênua simplicidade, bem distantes da nova Leila de burca integral, empunhando um rifle *kalachnicov*. Depois de escutar longamente Samira, prossigo minha investigação, que confirma uma parte do que ela disse, e escrevo o artigo. Mais um, sobre um tema que tem se banalizado dramaticamente nos últimos meses. Mas não será publicado. Leila ficou furiosa quando a mãe lhe contou sobre nossa entrevista. Ameaçou cortar relações: “Se você falar de mim na imprensa, além de eu não voltar para casa você nunca mais vai ter notícias minhas. Não vai mais nem saber se eu estou viva ou morta”, relata Samira aos prantos, totalmente em pânico. Com o problema colocado nesses termos, quem sou eu para interferir? Poderia, a rigor, publicar o texto assim mesmo: o caso é público e amplamente divulgado na Bélgica. Mas de que adiantaria? Lamentavelmente, histórias como essa aparecem

toda semana. Conheço a determinação desses jovens que julgam ter abraçado a fé. O dia inteiro martelam na cabeça deles que esqueçam sua família de “incrédulos” e abram os braços para seus novos irmãos. Os “infieis”, mesmo que se chamem pai ou mãe, aos seus olhos já não passam de simples pedras no caminho da busca.

Leila não tem culpa, acredita sinceramente estar protegendo a mãe ao ditar uma conduta para ela. Sozinha em casa, me irrito com os métodos de proselitismo empregados pelas brigadas islamitas. Procurando vídeos de Tarik vivo, encontro incontáveis filmes de propaganda no YouTube. Quando a língua empregada não é o francês ou o inglês, corto o som. Não aguento mais esses cantos que, verdade, sobem à cabeça e embrutecem. São, porém, mais suportáveis que as imagens de tortura e cadáveres abandonados no sol. Vagueio pelos meandros das redes francófonas dos mujahedins [jihadistas], sem nunca deixar de ficar pasma com o contraste entre som e imagem. Os risos juvenis que comentam imagens insustentáveis de horror só fazem aumentar o insuportável. Faz quase um ano que vejo crescer esse fenômeno. Muitos adolescentes mantêm uma segunda conta no Facebook, sob falsa identidade. Vivem de modo irrepreensível à vista da família, mas, uma vez a sós em seus quartos, alçam voo nesse outro mundo virtual, que agora é o seu, e que confundem com o real. Alguns, sem se dar conta do alcance e da gravidade das mensagens que passam adiante, conclamam ao assassinato. Outros incitam ao jihad. As garotas partilham muitos links sobre as crianças de Gaza, expondo em especial o sofrimento dos pequeninos. Os pseudônimos por trás dos quais se escondem começam todos por *Umm*, “mamãe” em árabe.

As redes sociais guardam preciosas informações, se soubermos onde buscá-las. Com esse objetivo, e a exemplo de muitos jornalistas, mantenho uma conta fictícia, criada anos atrás. Uso-a para observar alguns fenômenos da atualidade.

Comunico-me, em geral, bem pouco, ou bem brevemente pelo menos, com a centena de “amigos” virtuais, um punhado em cada canto do mundo, que compõem a minha lista. Nessa conta alternativa, sou Mélodie. Os que têm acesso à minha página tampouco se apresentam com sua real identidade. E é esse avatar que, enquanto se julgam no anonimato, revela muitas coisas sobre os hábitos e a atração crescente desses jovens pela propaganda islamita. Durante horas a fio, observo a facilidade com que expressam pública e livremente seus projetos macabros, ou apenas delirantes. Isso tudo contribui, é claro, para alimentar o proselitismo. Felizmente, nem todo adolescente que conclama ao crime é um futuro assassino. O jihad 2.0, para alguns, não passa de modismo. Para outros, no entanto, constitui a primeira etapa de sua radicalização.

Ruminando minha frustração por não poder publicar meu artigo sobre a história de Leila e Samira, passo essa noite de sexta-feira de abril jogada no sofá, zapeando de conta em conta. De repente eu me vejo grudada no vídeo de um jihadista francês de uns 35 anos de idade. Parece tiração de sarro. Sorrio sabendo que deveria chorar. Não estou nada orgulhosa de mim mesma, mas tenho que ver a cena: um absurdo. O tal Abu Bilel, em traje militar, realiza para seus fãs o “inventário” de seu 4 × 4. Afirma estar na Síria. O cenário em volta dele, um autêntico *no man’s land*, tende a confirmar isso. Empunha orgulhosamente seu radinho PX dos anos 1970. Serve para ele se comunicar com outros combatentes quando falha o sinal telefônico. Mesmo que, na prática, o rádio mais chie do que transmita. Na parte traseira do veículo está seu colete antibalas, lado a lado com uma de suas pistolas-metralhadoras, uma Uzi, arma histórica do Exército israelense. Ele então exhibe as outras armas, uma a uma, entre elas “uma M16 roubada de um marine no Iraque”... Caio na gargalhada. Vou descobrir, mais tarde, que isso é totalmente plausível. E

também vou perceber que Abu Bilel não é tão bobo como parece. E, principalmente, que já multiplicou jihads mundo afora nos últimos quinze anos. Mas ainda não chegamos lá. Por enquanto, o beligerante prossegue sua demonstração, desvendando orgulhosamente o conteúdo de seu porta-luvas. Um espesso maço de libras sírias, munição e uma faca. Por fim, tira os óculos Ray-Ban espelhados, revelando uns olhos negros delineados com um risco escuro de lápis. Sei que é uma técnica da guerra afegã para evitar chorar com a fumaça. Ainda assim, um terrorista maquiado como eu às vezes estou é, no mínimo, surpreendente, para não dizer outra coisa. Abu Bilel fala um francês perfeito, com um levíssimo sotaque que suponho ser argelino. Ostenta um largo sorriso e uma expressão de contentamento e plenitude quando conclama a todos que se juntem a ele para efetuar sua hégira, ou, em outras palavras, o abandono de sua terra para um país islamita.

Compartilho o vídeo. Sou muito discreta nesse perfil, mas, às vezes, tenho de imitar meus semelhantes virtuais para poder ocupar um espaço em seu mundo. Não levanto nenhuma bandeira. Não incito. Limito-me a publicar, vez ou outra, links de artigos relatando as investidas do Exército de Bashar al-Assad, ou vídeos como este. Minha foto de perfil é uma imagem animada da princesa Jasmine do filme da Disney. Na capa, baixei um slogan de propaganda que circula em todo lugar: “Como fizeste, assim te será feito”. A cidade onde moro muda — se necessário — ao sabor de minhas reportagens. No momento, é Toulouse. É verdade que muitas reportagens me levaram para lá nos últimos cinco anos. A começar pelo caso Mohammed Merah, em 2012. O bairro Cité des Izards, na periferia nordeste da cidade, é uma mina inesgotável de informações. Além de ser um dos bairros onde viveu Merah, é um ponto estratégico do tráfico de maconha.

No momento, porém, estou em Paris, de mãos abanando. Perdendo a esperança de achar uma maneira mais aprofundada de abordar esses casos de partida para a Síria. Desconfio que o leitor esteja saturado de tantas informações, tantos casos tão tristemente parecidos. Além disso, o pesadelo em que se encontra o país torna as coisas difíceis de analisar. Toda semana, com meus redatores-chefes, consideramos diferentes ângulos. Sempre chegamos à mesma constatação: tanto faz a origem do candidato ao jihad, seu meio social, sua religião, seu ambiente familiar. É quando mais um fracasso ou infelicidade faz transbordar o copo que ele se volta para a religião, se radicaliza e parte afinal para a Síria, decidido a integrar uma das tantas brigadas islamitas que proliferam por lá. Mas aí é que está: de tanto me debruçar sobre esses temas, acabei me envolvendo com algumas famílias, com a história de seus filhos que não conheço e que provavelmente nunca vou conhecer. Sem falar nos “adolescentes” com os quais tive contato ao longo das reportagens. Hoje, quando acontece de revê-los, eles confessam que queriam ir para lá. “Para lá”? Mas o que é que tem lá para vocês, digo e repito, além de matar e virar bucha de canhão? E ouço sempre a mesma resposta: “Anna, você não entende. Você pensa com a cabeça, e a gente, com o coração...”. Uso todas as minhas armas. Tento comparações arriscadas sobre a História que se repete. A Alemanha, país tão rico em cultura, caída nas mãos de Hitler no século passado. E a explicação simplista e maniqueísta do mundo oferecida pelo prisma do comunismo. Enfim, nos anos 1970, uma geração de intelectuais pregando ferozmente o pensamento de Mao, declarando que todas as verdades emanavam do *Livrinho vermelho*. Porém, sejam quais forem as referências que evoco, zombam de mim delicadamente do outro lado do computador, explicando que verde e vermelho são cores bem diferentes. Só que eu não me referia ao Corão, que nada tem a ver com a ideologia fanática.

Ser jornalista em 2014 já não tem o menor prestígio para a opinião pública. Quando, ainda por cima, a nossa preferência

vai para o “societal”, é porque realmente amamos esta profissão. Se eu ao menos achasse um jeito de abordar esse assunto fugindo do formato da sucessão de casos similares... Queria entender as motivações todas desse “jihad virtual”, fazendo uma investigação longa o bastante para chegar às raízes desse mal que vem corroendo um número cada vez maior de famílias, quaisquer que sejam suas origens religiosas. Analisar a fundo, aqui, a forma como garotos se deixam cair na armadilha dessa propaganda, e lá, as angústias que habitam esses soldados prontos a torturar, roubar, estuprar, matar e morrer durante o dia e, à noite, grudados nos computadores, a se gabar de suas “façanhas” com a maturidade de adolescentes pré-púberes empanturrados de videogames.

*

Estou neste ponto de meus questionamentos, entre desânimo e recusa de desistir, quando meu computador me avisa que “Mélodie” recebeu três mensagens pessoais consecutivas de um tal... Abu Bilel. Situação surreal. São 22 horas de uma sexta-feira de primavera, estou sentada no sofá do meu quarto e sala parisiense e, enquanto me pergunto como prosseguir nas minhas investigações sobre o tema, eis que me escreve um terrorista francês localizado na Síria. As palavras me faltam. Minha única certeza, nesse momento, é que não era assim que eu imaginava começar meu fim de semana.

Na mesma noite

“*Salam aleykum*, irmã, vejo que assistiu ao meu vídeo, é incrível como ele já rodou o mundo! Você é muçulmana?”

“O que você acha dos mujahedins?”

“E, última pergunta: você pensa em vir para a Síria?”

Está aí um que vai direto ao ponto! Não sei o que fazer. Fico louca para responder, compreendendo, no ato, que falar com esse jihadista talvez seja uma oportunidade única de chegar a uma mina de informações. Quando me apresento como jornalista, é difícil obter respostas sinceras, não formatadas. O fato é que meu interlocutor não sabe quem eu sou. Pedir uma informação através desta conta, no contexto de uma reportagem, não me incomoda nem um pouco. Em compensação, a eventualidade de começar uma conversa com alguém que não sabe quem eu sou me põe diante de um autêntico problema ético. Me dou cinco minutos para pensar. Só o tempo de me perguntar sobre a própria ética dele... e respondo:

“*Maleykum salam*. Nunca imaginei que um jihadista viesse falar comigo. rs! Você não tem mais o que fazer? Não tenho opinião formada sobre os combatentes. Acho que depende do tipo de combatente...”

Escrevo também que me converti ao islã, sem maiores detalhes. Cometo erros propositais de ortografia, e uso ao máximo uma linguagem “descolada”, os Rs, “kkk”, “Hahaha” que enfeitam as mensagens dos jovens. aguardo a resposta

com um frio na barriga. Não de medo, mas por não acreditar: parece demais para ser verdade. Já entrevistei alguns mujahedins, mas nenhum deles tinha mais de vinte anos, e seu discurso não ia além do disco arranhado da propaganda oficial. Enquanto espero, navego em outras páginas. Apenas três minutos depois, o computador me avisa que chegou outra mensagem.

“Sim, claro que tenho muito que fazer! Mas aqui agora são 23 horas, e os combates estão encerrados. Você compartilhou o meu vídeo, quer dizer que talvez tenha perguntas para me fazer... Posso te contar tudo que está acontecendo na Síria, a verdade única e exclusiva: a de Alá. Para conversar, o Skype seria mais prático. Te passo meus dados.”

Bilel é direto... e diretivo. O Skype está fora de cogitação! Me esquivo do convite, outra hora conversamos. Mélo die está ocupada no momento. Abu Bilel entende, e é claro que não quer incomodar. Amanhã, quando ela quiser, ele estará à sua disposição.

“Amanhã?”, pergunto, estupefata. “Você ainda vai estar com acesso fácil à internet?”

“Vou sim, vou estar por aqui. É o que estou dizendo.”

E então, um minuto depois:

“Você já é convertida... então vá preparando a sua hégira, Mélo die. Eu cuido de você.”

Depois do Skype, a hégira! O homem não perde o foco, nem perde tempo! Um primeiro contato, umas poucas linhas trocadas, e já pede a uma garota sobre a qual não sabe nada, a não ser que é uma convertida, para ir se encontrar com ele no país mais sangrento do planeta. Convida-a na maior cara de pau a esquecer seu passado, de onde ela vem, a abandonar a família, a menos que os parentes, quem sabe, também queiram se juntar à sua santa causa? Renascer em outro lugar e esperar que Deus lhe abra suas portas... Passada a surpresa, vários sentimentos se misturam dentro de mim. Não os distingo claramente, minha única certeza é de que o nojo supera todos. Bilel espreita presas frágeis e, assim que elas

mordem a isca, tal como seus pares do EI, ele faz de tudo para reformatá-las, como quem apaga um disco para gravar novos dados. O modo de proceder, o tipo de vítima escolhida, isso tudo me deixa possesso. É tão fácil, tão injusto, vir atrás de uma menina como Mélodie. Garotas como ela eu conheço aos montes. Não tiveram acesso a uma educação sólida. Nem a uma certa forma de cultura. Acreditam piamente em boatos porque não têm quem as oriente. Mesma coisa com os garotos. Nesse momento, só sinto um desejo furioso de partir para cima dele.

No que é que eu estou embarcando? Pressinto que isso tudo vai longe. Mas não imagino, nem um segundo sequer, que seis meses depois, enquanto escrevo este livro, Abu Bilel ainda estará tendo pesadas consequências em minha vida. No momento, mal começo a me dar conta de que, se quiser mesmo usar esse terrorista para obter informações, preciso dar uma existência real a Mélodie. Forjar para ela, como nos casos de espionagem, uma “legenda”, quem sabe até lhe reservar um fim sacrificial. Fazer com que ela passe para o outro lado do espelho. Fazer com que carregue em si algo de cada um desses garotos apanhados pelo jihad que me marcaram, uma mistura dos irmãos Bons, Norah, Clara, Leila, Élodie, Karim e seu melhor amigo. As famílias deles têm sido obrigadas a ir até a fronteira turco-síria para conseguir alguma prova de vida. Retornam, no mais das vezes, de mãos abanando. Se Mélodie iniciar uma correspondência com esse homem, que pela idade não parece ser nenhum principiante, ele talvez acabe soltando umas informações interessantes. Quem não arrisca, não petisca. Tenho, além disso, perguntas demais em suspensão. As respostas, caso as encontre, vão ser um alimento precioso para minhas futuras matérias. Entro nessa empreitada de maneira antropológica. Mas por enquanto o que eu mais quero é parar de pensar em Abu Bilel.

Meu namorado ficou de vir aqui em casa. Telefonei dizendo que prefiro dormir na casa dele. Não falo nada de Abu Bilel. Esta noite, quero simplesmente adormecer ao seu lado.

Sábado de manhã

Milan me passa uma Coca light, uma revista *M, le magazine du Monde* e seu iPad. A Coca é meu café da manhã, sou uma criança que não sabe tomar bebida de adulto nas horas estipuladas. Milan conhece meus hábitos, e o seu tablet está sempre conectado à conta Facebook de Mélodie Nin, para eu poder ficar de olho nas “notícias”. Abu Souleyman, jovem alsaciano que foi para a Síria, morreu enquanto dormíamos. A foto do seu cadáver, meio-sorriso nos lábios, é compartilhada e comentada por dezenas de internautas. Milan, deitado do meu lado, se engasga com o café. Olha carinhosamente para mim, como se eu fosse um caso perdido. “Isso ainda vai durar muito?”, pergunta, ainda meio dormindo. Sorrio e lhe dou um beijo. Ele está folheando *Le Film français*, e eu, espiando os comentários em torno do “mártir” do dia. Nada de muito original. Parece que ele está melhor lá onde está agora, que Deus sente orgulho dele, que todos nós deveríamos sentir. Orgulho por ele ter, aos 21 anos, “morrido por sua causa”.

Algumas conversas à parte são mais interessantes. Abu Bakr al-Baghdadi, líder do EI, teria escapado por pouco de uma emboscada armada pela Jabhat al-Nusra. A Frente al-Nusra continua sendo o principal grupo terrorista filiado à Al Qaeda na Síria. Essa brigada é frequentemente, e erroneamente, associada ao Daesh, acrônimo árabe para Organização Estado Islâmico. Se os dois, durante um período, mantiveram relações cordiais, ou mesmo harmoniosas, esse já não é mais o

caso. Já não perseguem o mesmo objetivo, nem o mesmo adversário. O inimigo histórico da Al Qaeda continua sendo o Ocidente: os cruzados. O Daesh, por sua vez, tenta criar um Estado islâmico, um califado sunita, em algum lugar entre Síria e Iraque. Pretende, primeiro, eliminar do poder todos os que buscam, direta ou indiretamente, o apoio dos xiitas, a começar pelo braço alauíta minoritário que dirige o país, e, em seguida, banir o poder xiita do Iraque. Retornar aos tempos medievais, instaurar um islã conquistador, lutar a cavalo, se apropriar de territórios pela força, tais são os métodos e a ambição do Estado Islâmico. A Al Qaeda compartilha essa ideologia, mas quer, primeiro, reduzir as forças ocidentais, demonstrar seu domínio e poder de ataque, como fez nos atentados de 11 de setembro de 2001. Simplificando ao extremo, percebo que o Daesh quer eliminar, inicialmente, todos os heréticos de sua zona geográfica, ao passo que a Al Qaeda se concentra nos infiéis.

Quando eventualmente minhas entrevistas me conduzem a um jihadista, pergunto-lhe sobre quais seriam suas ambições caso o próximo episódio se encerrasse com a tão sonhada conquista do Oriente. E escuto sempre o mesmo refrão: “O Estado Islâmico chegará às portas dos Estados Unidos para combatê-los, e submetê-los à vontade de Deus. Em seguida, aboliremos todas as fronteiras: a terra será então um grande Estado islamizado sujeito às leis da charia”. Ao criar uma base territorial para a sua utopia, o Daesh foi bem-sucedido onde a Al Qaeda fracassou. Enquanto esta multiplicava minuciosamente células no mundo inteiro, o Daesh, além de guerrear, instaurava uma autêntica política e constituía um exército de fanáticos, oficialmente na Síria, oficiosamente no Iraque. Um exército composto por sunitas hostis à invasão americana no Iraque, até que milhares de combatentes estrangeiros viessem engrossar suas fileiras. Paralelamente, a organização terrorista opera usando sua arma de guerra favorita: a propaganda digital. A imagem antiquada dos talibãs vivendo como ermitões nas grutas afegãs limitava, até então,

as vocações. Já a comunicação dos novos soldados 2.0 do jihad acerta no alvo. Inundando o YouTube com vídeos ultraviolentos, o Estado Islâmico impressiona milhares de ocidentais lobotomizados pela velocidade de ação e execução de suas ameaças. “Promessas só funcionam com quem as ouve...” Uma triste verdade, no caso desses jovens jihadistas. Ávidos de reconhecimento, a maioria vai para a linha de frente com a ambição última de postar na internet uma foto sua de uniforme de soldado. Lá, terão uma importância inequívoca e ainda por cima o direito de exibi-la no Twitter ou no Facebook. Esses garotos tornam incrivelmente acertada e premonitória a célebre frase pronunciada em 1968 por Andy Warhol: “No futuro, todos terão direito a quinze minutos de fama mundial”. Nasci no início dos anos 1980, que não foi a década mais frutífera no plano musical. Em 1997, afinei meu gosto musical com *L'École du micro d'argent*, o mítico álbum da banda francesa de rap IAM. Ainda sei de cor cada letra deste óvni musical de dezesseis faixas. A música “Petit frère”, [irmãozinho], que fala da realidade dos mais jovens, atravessa o tempo até os dias de hoje:

Irmãozinho sonha com carrão, roupa e grana
Quer ter fama de durão, era capaz de ir em cana
De crime em crime, ele vai caminhando
Sem nem ligar para o mal que está causando*

Na época, a religião já estava envolvida, mas não suscitava nenhum sinal de representação exterior ou comportamento. Alguns “irmãozinhos” de ontem se tornaram jihadistas. O dinheiro fácil, as armas, o tráfico, já não atiçavam sua fantasia. Seu sonho: ser respeitado e cada vez mais reconhecido. Tornar-se “herói”. Afinal, brincar de guerra e exibir a brincadeira é bem mais interessante que virar o mandachuva do bairro ou ganhar num jogo de PlayStation. Mas, atenção, não existe uma única categoria de jihadistas. Algumas idas

para o Levante têm correspondido, ultimamente, a casos de radicalização solitária. Penso aqui, mais particularmente, numa garota da Normandia que julgou que tinha encontrado sozinha, na rede, todas as respostas para a sua existência. Algumas semanas depois, a cristã convertida partia para engrossar as fileiras das brigadas islamitas. Imagino meu avatar toulousense, Mélodie, como uma hipersensível que não quer dominar, mas ser dominada, a fim de encontrar um sentido para a sua vida. Como tantos outros jovens, de qualquer época ou meio social, ela sofre da dor de viver.

** Petit frère rêve de bagnoles, de fringues, de tunes/ De réputation de dur, pour tout ça/ il volerait la lune/ Il collectionne les méfaits sans se soucier/ Du mal qu'il fait, tout en demandant du respect.*

Mais tarde, na mesma noite

Milan dormiu. Na atmosfera silenciosa do seu quarto, doce como ele, me reviro de um lado para o outro na cama. As venezianas ficaram abertas, a luz dos lampadários derrama no cômodo um halo poético. Esse habitual espetáculo noturno acompanha minha insônia sem expulsar as perguntas que explodem no meu cérebro.

Levanto cautelosamente. Milan dorme como um anjo, mas meu inconsciente me arrasta para a sala, e para um demônio aprisionado atrás de uma tela Retina. Há três novas mensagens do meu correspondente. Não esperava tanto. Acendo um cigarro. A primeira foi enviada às 14h30, horário de lá, um timing surpreendente para um fervoroso combatente. A essa hora, era para ele estar a postos na linha de frente. Ou em outro lugar qualquer. Imaginá-lo num cibercafé em plena tarde acucando digitalmente uma garota me deixa perplexa.

“*Salam aleykum*, minha irmã. Como está você hoje? Só para dizer que estou à disposição, se quiser conversar. Estou por aqui.”

Por aqui? Aqui onde? Não tenho nem tempo de pensar, fígada pela mensagem seguinte:

“A que horas você vai estar conectada, para a gente poder conversar? Quero muito conversar.”

“Aliás, tenho uma dedicatória especial para você... *Mashallah*.”

A “dedicatória” em questão é uma foto dele mesmo armado até os dentes. *So glamorous...* Traz a tiracolo um enorme fuzil de assalto tipo M4. Na testa, uma bandana preta com as inscrições brancas do EI. Muito ereto, peito inflado. Sorri. Ingenuamente, acho isso tudo meio irreal. Ele não me conhece. E se eu estiver escondendo minha identidade atrás de Mélodie? E se eu for um tira de tocaia atrás da tela? Ou um jornalista à cata de informações confiáveis e de fonte muito segura? Não, Abu Bilel não se preocupa; está, visivelmente, achando que fígou um peixe. E a julgar pelo teor de suas mensagens, não vai deixar que ele escape de sua rede. Será que age assim com frequência? Devem ser umas quatro horas da manhã. Eu esperava respostas. Mas são as perguntas que se multiplicam.

Diz-se com frequência que jornalistas são como cachorros em busca constante de um osso para roer. Verdade que, neste momento, certamente me excita a ideia de penetrar na psicologia do assassino. Deste assassino. Admiro os que são habitados pela fé. Invejo a força que ela proporciona. Deve ser uma muleta preciosa para avançar em meio aos dramas que permeiam inevitavelmente a vida. Mas quando a espiritualidade passa a servir de álibi para assassinos que a desvirtuam, então eu, Anna, me autorizo a me tornar outra pessoa. Virtualmente falando, pelo menos. Está decidido. Para Bilel, serei Mélodie, uma garota perdida, conformada e ingênua. De um ponto de vista estritamente deontológico, meu método pode soar questionável. Mas, na era da comunicação sacralizada, essa organização terrorista tem recorrido a todos os meios para se promover e recrutar o maior número possível de indivíduos. Minha consciência encerrou a questão. Abu Bilel não será objeto de uma reportagem, mas quero passar suas palavras no crivo e separar o verdadeiro do falso. A começar pelo número de homens que servem o Estado Islâmico. Quantos franceses? Quantos europeus? Há mesmo mulheres que vão saciar o prazer dos jihadistas a fim de servir à causa de Deus? Será que também

elas pegam em armas? Abu Bilel está querendo me enrolar na sua vontade de dominação religiosa. Enquanto extermina a viúva e o órfão, num país minado por divisões confessionais. Será que em algum momento irá me relatar seus embates sangrentos?

O dia clareia e navego pela “darknet”, nos meandros da rede, buscando alguma coisa, qualquer coisa, que me traga informações sobre ele. Desencavo dezenas de conversas entre mujahedins e aprendizes. Nada de muito concludente. Descubro, porém, que uma importantíssima batalha foi travada na Síria, na região de Deir Ezzor, a menos de quinhentos quilômetros da fronteira iraquiana, país ainda marcado pelo espectro de Saddam Hussein e pela invasão americana. Intercepto um diálogo que deveria ter me chamado a atenção: “Filmei tudo, eles estão sendo aniquilados! Mas al-Baghdadi e seus emires ficaram em casa a salvo, para o caso desses cães da al-Nusra terem posto mais uma armadilha. Você pode ir procurar Guitone, ele está lá com eles”. Faz tempo que sei quem é al-Baghdadi, o perigosíssimo líder do Daesh. Mas esta noite, já que não encontro nada especial sobre Bilel, quem me interessa é Guitone. Conheço “bem” este marselhês de 22, 23 anos. Depois de uma longa temporada na Grã-Bretanha, juntou-se ao Daesh e rapidamente galgou a hierarquia. Possui, com efeito, três trunfos essenciais, que o tornam imprescindível na ferrenha propaganda digital promovida pelo EI: é muito bonito, conhece a religião de cor e é capaz de pregá-la em quatro línguas distintas.

Eu e alguns de meus colegas o apelidamos de “assessor de imprensa”. Quando precisamos verificar informações, ele sempre nos atende com o maior zelo e prazer. Guitone me conhece sob minha verdadeira identidade: Anna. Conversamos em várias oportunidades, sempre que precisei. A última vez que falei com ele foi em março, a respeito de Norah, uma jovem de quinze anos que vivia em Avignon. Eu acabava de

me encontrar com sua família, que me garantira que ela partira para se juntar à Jabhat al-Nusra, e não ao EI. Guitone me confirmou a informação e sua posição geográfica.

Na sua conta do Facebook, ele reivindica seu pertencimento ao Daesh, e não hesita em se mostrar em vídeos: Guitone visitando hospitais, ao lado dos pobres jihadistas feridos, Guitone armado até o pescoço, saboreando um banquete na fronteira turca, escarnecendo de passagem a França e a Turquia, Guitone saudando uma multidão de combatentes em delírio nas ruas conquistadas de Raqqa. Cada aparição sua faz salivar dezenas de adolescentes de vários pontos da Europa. Veste, dos pés à cabeça, roupas de marcas prestigiosas. Diz que vive como um paxá e goza de um reconhecimento para lá do imaginável. É respeitado por aquilo que é. Ostenta um permanente sorriso angelical. É sua marca registrada. Num país dramaticamente em guerra, pode haver algo melhor que um homem feliz para convencer alguém a abraçar sua causa? Muito esperto, há que reconhecer. De modo que eu poderia enviar uma mensagem a Guitone, na qualidade de jornalista, pedindo para ele me esclarecer sobre este último combate em que os “emires” não estavam presentes. Mas ainda não me caiu a ficha. Ainda não sei da relação entre Guitone, Abu Bilel e Baghdadi. Uma tremenda relação, aliás. Continuo esmiuçando tudo: nada sobre Bilel... Quem é ele, afinal? Sua idade, sua experiência do “terreno”, que eu intuo, começam a me intrigar ainda mais. Pressinto que estou indo ao encontro de uma personalidade mais complexa que a dos mais jovens que pude acompanhar até o momento.

Domingo à noite

“Sympathy for the Devil”, dos Stones, reverbera nas paredes da minha sala e ressoa como uma premonição. Ligo o computador e descubro as novas mensagens de Bilel. Mal tenho de tempo de lê-las, ele já está conectado e se dirige imediatamente à minha marionete digital. Suas primeiras postagens mal disfarçam uma insistência grosseira. A cada três linhas, o mercenário convida Mélodie a bifurcar do Facebook para o Skype, um chat que reúne os encantos do som e do vídeo. Será uma obsessão sua, ditada pela cautela? Quer conferir minha identidade? Ou verificar com os próprios olhos se o novo peixe que vem direto para a sua rede é do seu gosto? Me faço de tonta. Mélodie responde simplesmente:

“Por que você quer ir para o Skype?”

“Conversar por Skype é mais seguro, irmã, se é que você me entende...”

Não, não entendo. Ele conclui sua frase com um *smiley*. Um bonequinho amarelo e redondo piscando o olho para mim. É absurdo. Ele é absurdo. Em seu perfil, ele jura “ser leal ao Estado Islâmico”. Prossigo então com o mesmo tema:

“Você trabalha para o EI, qual é o seu cargo? Aqui na França dizem que esta brigada não é a mais forte...”

Sob as feições de Mélodie, não posso deixar de provocá-lo indiretamente. Acrescento, eu também, um *smiley*. Um bonequinho com as bochechas vermelhas de vergonha. Bilel responde depressa, cheio de brios. Ele se esforça para parecer

firme e convincente: o Daesh é o supressumo do poder, não só na Síria como no mundo todo. Acorrem soldados dos quatro cantos do planeta para integrar seus batalhões. Mas não é só isso, segundo meu interlocutor, tão encantador quanto didático:

“Há três tipos de combatentes: os que estão na linha de frente, os que se tornam camicazes e os que vão voltar à França para punir os infiéis.”

“Punir? Mas como?”

“Você sabe... como Mohammed...”

Bilel se refere a Mohammed Merah, o assassino louco de Toulouse. Mas Mélodie não entende.

“Quem é Mohammed? E como é que ele pune as pessoas?”

“Você mora em Toulouse, não mora? Não ouviu falar no assassino da moto?... A regra principal é: aterrorizar os inimigos de Alá.”

“Mas Merah matou criancinhas... Criança é pureza, inocência; não pode ser inimiga de ninguém...”

“Como você é ingênua, Mélodie... Você gosta de crianças? Um dia ainda terá suas crianças, *inch'Allah*. Há aqui muitos órfãos esperando por uma mãe, sabe? As irmãs do Daesh cuidam deles todo dia, são formidáveis. Você ia se dar bem com elas, vocês são muito parecidas.”

Bilel muda de assunto. Seu método: tentar entorpecer uma Mélodie que ele não conhece nem um pouco, embalando-a com doces cantigas. Pouco importa o assunto, no fundo, uma vez que a leve para onde quer. Já que Mélodie deixa transparecer certa afeição por crianças, Bilel sugere que ela pode vir a ser uma mãe substituta. E ela já esqueceu a discussão sobre Mohammed Merah. Esboça um sorriso ao se imaginar cuidando dos mais tristes que ela. Como se a infelicidade alheia pudesse ajudá-la a expulsar a sua própria. Já faz algum tempo que ela perdeu fé nesse mundo cinza-escuro que a envolve. O que quer que faça, é sempre a mesma impressão de déjà-vu, de perda de tempo. De desperdício, em suma. A felicidade verdadeira é um sentimento raro e

efêmero, e ela mal recorda a força que ele traz. Mélodie está perdida e cansada dessa vida insípida na qual não vislumbra futuro nenhum. Vejo nela uma personalidade evoluindo entre a “adolescente baratinada” e um passado difícil que deixou cicatrizes demais. Está à procura de um objetivo.

E se Bilel e seus belos discursos encarnassem essa centelha de esperança que devolve a fé na vida? O assassino procura discernir suas motivações em relação ao jihad. Parece o vendedor que, antes de iniciar sua demonstração, confere se entendeu direito os pontos fracos e as expectativas de sua presa. Para ele, Mélodie não representa mais que um perfil típico. Assim que conseguir enquadrá-la numa categoria, bastará recitar com sua voz grave, em tom convincente, a resposta apropriada. Bilel é um gênio do mal. É um especialista em vendas que faz questão de não perguntar se ela pretende fazer seu jihad, e sim, o que ela pensa encontrar ao fazê-lo. Uma nuance que está longe de ser neutra. Bilel ainda não sabe quase nada a respeito de Mélodie. Nem sua idade, nem a cor dos seus olhos, nem sua situação familiar. Isso não parece incomodá-lo. Como se um único dado essencial bastasse para torná-la interessante aos seus olhos: o fato de ela ser convertida.

E disso Bilel está convencido: a fé de Mélodie é suficientemente forte para levá-la ao seu encontro no país mais perigoso do mundo. A única coisa que o interessa é saber sua opinião sobre os jihadistas. Tenho a sensação de estar sendo sondada pela Sofres, uma empresa francesa de pesquisa de opinião. Componho a resposta de Mélodie com as unânimes ladainhas escutadas ao longo de diversas reportagens nas periferias consideradas de risco.

“Ouvi falar no que Israel faz com as crianças palestinas. Vi dezenas de vídeos terríveis mostrando bebezinhos mortos. Comecei a acompanhar pelo Facebook alguns irmãos que foram fazer o jihad, primeiro lá, e depois na Síria. Alguns mujahedins fazem o bem, outros fazem o mal, então não sei bem o que pensar...”

“Só pense bem deles! Eu mesmo sou um grande mujahedim, faz tempo que estou envolvido na religião, e posso te dizer: posso ser muito, muito doce com as pessoas que amo, e muito, muito duro com os infiéis. Espero, para o seu bem, que este não seja o seu caso...”

“Como poderia, se sou convertida...”

“Isso é bom, mas não basta... Se limitar a fazer as preces cinco vezes ao dia e observar o ramadã não basta. Ser um bom muçulmano, como quer o Profeta, é vir para o Sham e servir a causa de Deus.”

“Mas não posso deixar minha família, abandonar tudo...”

“Resposta errada... Devo deduzir que você é capitalista?”

Mérodie não é um macaco adestrado. O capitalismo não significa absolutamente nada para ela. O que isso tem a ver com a sua família? Ela não entende aonde Bilel quer chegar. Ele logo lhe explica que ela deve se pautar tão somente pelo tribunal islâmico (a charia, doutrina islâmica radical aplicada numa minoria de países) e dar as costas para a sociedade de consumo dentro da qual cresceu. Bilel é categórico: Mérodie não deve se submeter às leis de seu país. As leis que agora prevalecem são as que emanam de uma determinada forma de islã radical. O “tão puro” islã que ele mesmo abraçou. A ingênua Mérodie, é claro, não percebe o que vem pela frente. Deixa-se devorar de todas as maneiras. Nem sequer repara nas contradições de Bilel, que ataca a sociedade de consumo embora tudo na sua aparência seja o reflexo dela, desde os óculos Ray-Ban até os tênis Nike último modelo.

“Capitalista tem a ver com oferta e demanda para encontrar um equilíbrio, uma coisa assim, né? kkk!”

“O capitalismo, menina, é o câncer do mundo. Enquanto você assiste à MTV se entupindo de Snickers, enquanto compra os CDs do Boubou e fica namorando as vitrines da FootLocker, os nossos têm morrido às dezenas todo dia porque pedimos, simplesmente, para viver felizes num Estado só nosso, só dos muçulmanos. Enquanto arriscamos a vida, vocês passam os dias em preocupações fúteis. Ser religioso significa lutar para

impor seus valores. Fico chateado por você, Mélodie, porque sinto que você tem uma bela alma, e se ficar no meio desses *kuffar* todos, vai acabar ardendo no inferno. A exploração do homem pelo homem, você sabe o que é isso?”

E ele agora faz referência a Marx... Será que realmente domina a doutrina do filósofo alemão e seu conceito de luta de classes? Ou se limita a papagaiar um discurso servido por outros? Penso em Guitone, o “assessor de imprensa” do EI, vestido de Lacoste da cabeça aos pés. Mélodie, por sua vez, está estupefata com o caminho prometido por Bilel aos “*kuffar*”. Seu dia a dia no Ocidente a desespera. Mas será tão negro assim, se comparado ao destino mais que precário dos sírios, que Bilel relata com pesar? O que seu interlocutor quer é que o medo que ele insufla tome conta de sua crença. Consegue semear a dúvida dentro dela, junto com um forte sentimento de culpa.

Este Abu Bilel é diabólico. Observo a foto do seu perfil. Ele até que é bonito. Seus grosseiros erros de gramática mal arranham sua força de convicção. Como será que chegou a tanta radicalidade, a tamanha servidão cega e, portanto, especialmente perigosa? Alguns pais de jihadistas comparam o recrutamento de seus filhos aos métodos que vigoram nas seitas. E tem mesmo algo a ver. Bilel, o guru, apresenta a guerra para Mélodie como uma missão divina que lhe cabe cumprir em nome de uma profecia que ela mal compreende. Acabei de apagar um cigarro, acendo outro.

“Você quer dizer que se eu não for para o Sham, serei uma má muçulmana e nunca irei para o paraíso?”

“Exatamente... Mas nada está perdido, eu vou te ajudar. Vou ser seu protetor. Posso te perguntar uma coisa?”

E lá vem outro *smiley*, estava demorando. Mélodie tem, portanto, duas escolhas: a Síria ou o inferno. No cartão-postal pintado por Bilel, a Síria nada tem de infernal. O jihadista, já tendo preparado o terreno, continua:

“Dei uma olhada geral no seu perfil, e vi uma única foto. É sua?”

Putz! Tinha me esquecido totalmente dessa foto. Quando criei a conta de Mélodie no Facebook, seis anos atrás, as mulheres dos radicais religiosos ainda podiam mostrar o rosto. Mas, atualmente, os raros islamitas radicais que deixam suas esposas se conectarem às redes sociais já não permitem que o mostrem. E eu não lembrei de apagar do meu perfil a antiga foto das feições de uma bonita loirinha.

Pega de surpresa, improviso:

“É da minha irmã mais velha! Ela não oculta o rosto, já que não é convertida. Eu, sim.”

“*Mashallah!* Você me deu um susto! Ninguém deveria poder te olhar! Uma mulher de respeito só se mostra para o marido. Que idade você tem, Mélodie?”

Até o momento, minha impressão era a de estar falando com um vendedor de carros. Agora, tenho a incômoda sensação de estar falando com um pedófilo. Minha vontade era responder que Mélodie é menor de idade, só para ver sua reação. Mas é algo que não vai colar caso eu acabe por encontrá-lo virtualmente no Skype. Já entrei na casa dos trinta. Mesmo se, pelo que dizem, pareço mais jovem do que sou, não tenho a ilusão de achar que posso fazer o papel de uma mocinha púbere.

“Tenho quase vinte anos.”

“Posso fazer outra pergunta?”

Ele, obviamente, não está nem aí para a idade de Mélodie. Será que sua conversa seria a mesma se ela afirmasse ter quinze anos?

É meia-noite na Síria, 23 horas na França. Meu maço de Marlboro está vazio. Também estou esgotada, e pressinto que a pergunta seguinte vai terminar de me derrubar por hoje.

“Você tem um pretendente?”

Touché. Me pegou. A discussão está tomando um rumo que eu temia. Mélodie não se estende no assunto, não pode fazer isso:

“Não, não tenho. Mas fico sem jeito de falar sobre isso com um homem. É *haram*, proibido. Minha mãe está para chegar

do trabalho, preciso esconder meu Alcorão e ir para a cama.”

“Em breve você não vai ter mais nada para esconder, *inch'Allah!* Só me diga uma coisa: posso ser seu pretendente?”

“Mas, você não me conhece...”

“E daí?”

“E daí que eu talvez não seja do seu agrado.”

“Você é tão doce. Sua beleza interior é que conta... Tenho uma intuição boa a seu respeito, e posso te ajudar a viver a vida que te espera. Meu coração sangra de saber que você precisa se esconder para orar. É para isso que luto diariamente, para que a charia seja respeitada.”

Me encho de raiva. O que me incomoda não é tanto o pedido, mas a instrumentalização da religião. O islã, e essa é só uma opinião pessoal minha, é um culto nobre que chama seus fiéis à solidariedade. Eu, que sou agnóstica, admiro essa comunidade que sabe se reconhecer em qualquer parte do mundo. Já previa André Malraux: “O século XXI será religioso, ou não será”. Essa citação já foi muito distorcida; Malraux se referia à espiritualidade, aos sentimentos “elevados”. Já Bilel reivindica tão somente uma doutrina ultrarradical que, entre outras práticas de eras passadas, obriga as mulheres a usar véu integral e as incita a se casar já desde os catorze anos. Algumas dessas leis pregam uma violência intolerável: a mulher adúltera é apedrejada, ao marido que faz o mesmo só cabe uma multa a pagar, o ladrão tem sua mão cortada... E o Daesh quer definitivamente instaurá-la no Levante, e em seguida, no resto do mundo.

Nisso, Bilel se faz professor: para bem respeitar a charia, Mélodie não poderá mostrar nem um centímetro do seu corpo, nem mesmo as mãos, para quem quer que seja. O véu, que deixa entrever o contorno do rosto, não é suficiente. Ela deve adotar a burca, e por cima acrescentar mais um véu. Suas prédicas começam a me irritar seriamente. Dou uma acalmada no clima:

“Minha mãe criou, sozinha, a mim e à minha irmã mais velha. Acumula dois empregos de meio-período para que não

falte nada para a gente. Eu me converti no maior segredo, e não é ela que me impede de viver o meu culto.”

“Sua mãe é uma boa pessoa, sem dúvida, só está meio perdida... Espero que ela logo encontre o caminho certo, único e exclusivo: o de Alá.”

Me fogem as palavras diante dessa estreiteza de espírito, impressionante má-fé e juízos marcados pela cegueira. Seu discurso é ideologicamente pobre, mas tem relativa coerência. Face aos questionamentos de Mélodie, Bilel pratica a mais primária demagogia: todas as respostas são encontradas no islã. A visão medieval do islã pregada pelo Daesh. Ladainha antiga de todas as ideologias ditatoriais... Está mesmo na hora de pôr fim a essa discussão que já durou demais. Mélodie repete que precisa ir se deitar. Bilel assente e lhe deseja bons sonhos. E acrescenta:

“Me responda, antes de ir dormir: você aceita que eu seja seu pretendente?”

Saio do Facebook.

Acabamos de trocar 120 mensagens no espaço de mais ou menos duas horas. Releio-as demoradamente.

Tarde da noite, ligo afinal para Milan.

Segunda-feira

É cedo quando abro os olhos. Algo que não está nos meus hábitos. Corro para o jornal para o qual trabalho como freelancer, ansiosa por contar para um dos redatores-chefes esse final de semana que posso qualificar de rico em emoções. Também ele tem acompanhado a expansão dos movimentos islâmicos na rede. No dia anterior, eu tinha lhe encaminhado o vídeo de Bilel fazendo o inventário do seu carro. Meu chefe acha incrível que o contato tenha se estabelecido com tanta facilidade. Como eu, percebe imediatamente, nessa brecha em que me enfeei, a oportunidade única de empreender uma pesquisa séria e publicar, na sequência, uma matéria consistente sobre o fenômeno do jihad digital. Só me pede para ser vigilante ao extremo, porque isso tudo é potencialmente perigoso. Enquanto me cobre de instruções de segurança, dá uma incrementada no projeto ao me atribuir um fotógrafo, André, um amigo próximo, também freelancer. Há vários anos que trabalhamos juntos. Nossa dupla funciona muito bem, graças à cumplicidade entre nós. Vou responder afirmativamente ao convite de Bilel para um encontro por Skype. André vai se encarregar das fotos enquanto converso por vídeo com meu interlocutor. Será, além de mim mesma, Anna, uma segunda testemunha do espetáculo armado por Bilel para Mélodie. Na hora, me sinto meio boba. Cá estou: a protagonista dessa história improvável, em que cada um só revela uma verdade parcial... Nunca tinha me acontecido algo

assim, e é perturbador. Tinha pensado em Bilel mais como um gênio mau a consultar em caso de necessidade. E de repente eu mesma estou dentro da lâmpada, tendo que atender a seus desejos de dominação... Mas, por ora, é urgente pensar num detalhe importante: como me transformar em Mélodie. Preciso rejuvenescer uns dez anos no mínimo, encontrar um véu e tudo mais que possa me ajudar a entrar na pele de uma mocinha. Outra redatora-chefe, ex-grande repórter que também supervisiona essa matéria, me empresta um *hijab* e um vestido preto, uma espécie de *djelaba*. Bilel abraçou um radicalismo tal que não vai se dirigir a Mélodie caso a maior parte de seu corpo não esteja dissimulada. Ele tem 38 anos, suas exigências não são as mesmas dos jovens jihadistas emergentes. Para mim, é melhor assim. Que um provável assassino, passível de retornar a qualquer momento à França, seu país, veja o meu rosto, não é uma ideia que me encha de entusiasmo.

Nesse mesmo dia, André chega à minha casa por volta das dezoito horas. Na Síria, é uma hora mais tarde. Temos cerca de sessenta minutos para nos preparar antes que Bilel “chegue dos combates” e entre em contato com Mélodie. Procuramos o melhor ângulo, que permita enquadrar bem a tela do computador, e minha silhueta, ao contrário, o menos possível. As ordens são formais: a segurança, minha e de André, em primeiro lugar. Enquanto ele, na sala, termina de fazer as regulagens, enfio a sombria vestimenta de Mélodie por cima do meu jeans e pulôver. A *djelaba* preta até cai bem, com seu lacinho de cetim na cintura. Arrasta pelo chão. Com o celular, tiro uma foto dessa pesada cauda que tapa meus tênis velhos. Parece mesmo que tenho vinte anos. Mas meu domínio do uso do véu é cômico. André cai na risada quando me vê voltando para a sala. “Tem que puxar bem o véu sobre a testa”, caçoa, enquanto imortaliza o momento numa foto. Ele me ajuda a ajeitar o *hijab*, que só pode revelar o contorno do rosto, sem

deixar aparecer uma mecha sequer de cabelo. Já me aconteceu de me cobrir com um *niqab* em outras reportagens. Nunca tive essa sensação de sufocamento descrita por certas mulheres que usam véu. O olhar das outras pessoas, nessas horas, é que é opressivo. O traje em si nunca me incomodou. Usar o *hijab*, porém, é novidade para mim. Tenho a terrível sensação de ter voltado à infância e estar usando um capuz! Esse instrumento de tortura imposto pelos pais me traz más recordações. Tal como a pequena Anna que eu era aos cinco anos, sinto minha pele comichar, e não reconheço meu rosto, amassado feito um peixe embrulhado. O riso discreto de André só piora o ridículo da situação. Tiro meus anéis. Imagino que Bilel não vá apreciar essa manifestação de frivolidade. Além disso, para me tornar Mélodie tenho que eliminar qualquer sinal distintivo. Não a imagino usando meus anéis, grandes e vistosos. Escondo com um pouco de base a pequena tatuagem que trago no pulso. Pensei o dia inteiro em comprar acetona para tirar o esmalte vermelho das minhas unhas. Acabei esquecendo. Azar. Improviso uma resposta, caso o combatente aguerrido faça algum comentário.

Está quase na hora. André tenta me acalmar falando de outras coisas. Percebe a confusão dos meus sentimentos, entre impaciência, excitação, dúvida e medo. Insisto no último termo. Não temo o terrorista com quem estou prestes a me encontrar, já estive no Skype com muitos outros. Mas pressinto que, nesse caso, vou descobrir muitas coisas e me pergunto se Mélodie poderá suportar essas revelações. Assim que ligo o computador, vejo que Abu Bilel, fielmente a postos, está conectado no Facebook e espera, impaciente, por Mélodie:

“Você está aí?”

“Vamos nos encontrar no Skype?”

“Mélodie?”

“Alô? kkk.”

“Mélodie???”

“Desculpe: *Salam aleykum*... ☺ Você está aí???”

Segunda-feira, 20 horas

Pronto. Estou quase lá. Sentada no sofá em posição de lótus. O encosto alto permite não deixar à vista de Bilel muitos indícios que possibilitem identificar meu apartamento. André também tirou da parede uma foto lindíssima, bem conhecida e largamente premiada, tirada na Líbia três anos atrás. Ele está atrás do sofá, num ângulo cego. Mélo die ganha tempo, primeiro respondendo a Bilel por escrito. Meu smartphone já está gravando a conversa por vir. Estou equipada com outro telefone, cujo cartão pré-pago comprei numa tabacaria algumas horas atrás. O EI está repleto de especialistas em contraespionagem, tarimbados nos mais diversos métodos de pirataria. É mais seguro Bilel não saber o meu número. De modo que Mélo die agora tem o seu próprio. Também tomei o cuidado de criar no Skype uma conta com seu nome. Achei no YouTube um tutorial explicando como esconder o endereço de IP. Caso as coisas deem errado, ele não vai ter por onde me procurar.

O telefone toca. Soa como um sino fúnebre numa aldeia enlutada. Ao apertar o botão verde, me transformo em Mélo die. Concedo-me o tempo de uma longa inspiração. Pronto, já posso vê-lo. Ele também me vê. Durante um instante, nenhum de nós diz palavra. Bilel examina Mélo die. Seus olhos, sempre delineados com um risco forte de lápis preto. Não hesita em acentuar seu olhar “abrasador”, como para enfeitiçar a jovem Mélo die. Talvez porque seja difícil para

mim o confronto com ele, o que mais atrai minha atenção é o lugar onde ele se encontra. O jihadista contata Mélodie por Skype de seu carro, com um smartphone de última geração. Num país regularmente privado de água e luz elétrica na maior parte de seu território, ele dispõe de um equipamento de alta tecnologia. A conexão está boa, o que nessas circunstâncias nem sempre é o caso. A crer no seu discurso, o Daesh está mais para ONG do que para organização terrorista. Mas, no momento, o mínimo que se pode dizer é que Bilel não remete à imagem do humanitário a serviço dos mais desfavorecidos. Parece muito limpo, bem arrumado até, para quem passou o dia na linha de frente. Ostenta uma atitude confiante, ombros para trás, queixo empinado. Mas sinto que conhecer Mélodie o deixa nervoso. Depois de um tempo, que me parece interminável, ele quebra afinal o silêncio:

— *Salam aleykum*, irmã.

Adoto uma vozinha fina, não se pode esquecer que fumo, há uns quinze anos, feito chaminé. A voz mais doce e clara possível. E sorrio. Desde já, esse sorriso será minha melhor arma de defesa, e isso ao longo de toda a investigação. Vai me permitir compensar a atrapalhação de Mélodie quando eu for pega de surpresa. Acredito que vou conseguir entrar na pele de outra representando a amiga compreensiva. Mas não vou suportar assistir, nem por um segundo, aos vídeos que André também produz, às vezes, desses momentos. Hoje, quando os consulto, não vejo neles a ingênua e pura Mélodie, sorridente, conversando, impressionada, com Bilel. Vejo a mim mesma, Anna, toda de preto no sofá que conheço como a palma da mão, e que agora odeio. Sou eu quem sorri. Não é Mélodie: Mélodie não existe. Devo sentir vergonha por ter me prestado a esse exercício? Tenho os meus pudores, e me sinto tomada por náuseas diante dessas imagens, cuja atitude, embora representada, me pertence.

Mélodie responde com a mesma fórmula de cortesia. Mas não conclui sua frase: André me desconcentra. Saltitando em volta do sofá de modo a não penetrar no campo da câmera,

está me fazendo sinais. Tenta me dizer que, no calor da ação, não respondi corretamente a Bilel. A um “*Salam aleykum*” deve-se responder por um “*Maleykum salam*”. Por descuido, cometi um erro de principiante. Me dá vontade de rir e, ao mesmo tempo, queria só ver o André no meu lugar! Mas não posso fazer nada, Bilel está suspenso nos lábios de Mélodie. Por mais que ele esteja na Síria, e eu na França, nossos rostos estão a alguns milímetros um do outro. Meu olhar não pode focar nada além da tela. Brotam em mim mil pensamentos que não têm nada a ver um com o outro. Abstraio André, que continua se agitando feito canguru, e me engasgo com a primeira pergunta de Bilel:

— Quais são as novidades?

Sério? Não esperava que ele se dispusesse a ouvir o banal relato do dia de Mélodie, como ela o contaria à melhor amiga. Pega de surpresa, não encontro nada melhor para responder do que:

— Um monte de coisas! Mas eu sou tímida, primeiro me fale de você...

— O que você quer saber? — pergunta ele, com voz segura e um sorriso que ostenta sua total confiança em si mesmo.

Mordeu a isca. Realmente, a vida de Mélodie não parece ter grande interesse para ele. Azar dela. E melhor para mim. De qualquer modo, não quero despertar suspeitas e já começar direto com perguntas que possam trair meu disfarce. O Daesh sabe perfeitamente que muitos jornalistas ou policiais se escondem por trás de falsos perfis. Mélodie tem vinte anos e um conhecimento próprio de sua idade. De política, geopolítica e guerras santas ela não entende grande coisa. Impressionada, continua:

— Que demais conversar com um mujahedim que está na Síria. E parece até que você tem acesso mais fácil à internet do que eu, aqui em Toulouse! Tenho que dividir o computador com minha irmã, e minha mãe volta e meia pega para ela. E você está aí dentro do seu carro, não acredito! Até o seu telefone é mais recente que o meu!

Além de ir entrando na minha personagem, dou assim a Mélodie uma desculpa para, se quiser, poder se esquivar de Bilel posteriormente: depende de uma família, e nem sempre vai poder honrar os encontros marcados.

— É que a Síria é maravilhosa! Aqui tem tudo! Mashallah, acredite em mim: isso aqui é o paraíso! Muitas mulheres fantasiam sobre nós, os guerreiros de Alá...

— Mas, no seu paraíso, tem gente morrendo todo dia...

— Justamente... Eu luto para acabar com os massacres! Você não sabe como o inimigo, aqui, é um demônio. Mata e rouba os coitados dos sírios. E também estupra as mulheres. E nos ataca, nós que estamos defendendo a paz!

— O inimigo é quem governa a Síria?

— Entre outros. Mas são muitos os adversários...

Além do regime de Bashar, ele menciona a Frente al-Nusra, o ramo armado afiliado à al-Qaeda, e também os sírios, e todos aqueles que considera infiéis... O Daesh não hesita em exterminar o povo, já oprimido pela ditadura alauíta no poder, caso este não se submeta às regras que a organização terrorista desvirtuou e impôs. Mas percebo que o guerreiro não tem vontade de se estender nesse assunto. Em sua estratégia para lobotomizar sua presa, não seria sensato começar pelo relato sangüinário dos crimes que perpetra diariamente. Muito menos se estender naqueles que afetam mais particularmente Mélodie. A saber, o ataque aos mais fracos.

— Você é bem curiosa — prossegue Bilel. — Mas me diga, você usa seu *hijab* todo dia?

Mélodie repete o que me contou a maioria das meninas convertidas em segredo que conheci ao sabor de minhas reportagens:

— De manhã eu me visto normalmente. Me despeço de minha mãe, e aí, na frente de casa, visto meu véu e minha

djelaba.

— Muito bem, sinto orgulho de você. É corajoso, isso que você faz. Você tem uma linda alma. E é bonita por fora também...

Bilel, olhar libidinoso, examina Mélodie. Ela pede que ele mostre a paisagem. Ele pretende estar nas proximidades de Aleppo. Na verdade, deve estar a poucos quilômetros de Raqqa, o QG do Daesh, primeira cidade em que a organização literalmente instituiu um Estado, com suas leis e política rigorosa, submetendo os habitantes pela barbárie.

— Diz o Profeta que um homem deve escolher a mulher em função de sua nobreza, porque é aí que está sua beleza — acrescenta ele. — Mas se, além disso, uma mulher possuir as duas coisas...

Bilel morde os lábios e observa o pouco que pode ver de mim. Sorrio. A pedido de Mélodie, ele desce do carro, e seu smartphone me revela as imagens de uma Síria devastada. Não há ninguém em volta. Lá, devem ser agora pouco mais de 21 horas. Não se ouve ruído nenhum. Súbito, vozes grossas de homem rompem o lúgubre silêncio. Bilel se dirige a mim num tom ansioso:

— Não fale nada! Ninguém pode te ver nem te ouvir! Você é minha joia, você é pura. O.k.? Entendeu? Me diz que entendeu!

Mélodie assente. Nem mais um som sairá de sua boca até nova ordem. O que me permite escutar a conversa. Tenho a impressão de distinguir as vozes de mais dois homens. Eles se cumprimentam em árabe, depois engatam diretamente em francês, que parece ser sua língua materna. Riem muito também, se congratulando por “tê-los massacrado”. Um dos homens pergunta:

— *Salam aleykum*, quais são as novidades por aqui? Você está fazendo hora extra, ou o quê?

— Estou de vigia, meu irmão, de vigia... Nada de mais, tudo tranquilo por aqui! Essa zona já foi faxinada, você sabe!

Mal conclui sua frase, um sorriso sardônico aparece em seu rosto, que mal vislumbro, mas o suficiente para discernir suas

expressões. Por “faxina”, Bilel entende que o lugar foi tomado de assalto pela milícia. O sangue ressecado que percebo no asfalto ainda é testemunha. Bandeiras pretas com inscrições brancas do Daesh tremulam ao longe. Ouço-o vituperar sobre assuntos diversos, em especial sobre o fato de estar impaciente à espera da sua “carga americana”, e também das suas “barras de chocolate”... André e eu trocamos um olhar eloquente. Os interlocutores de Bilel parecem demonstrar certo respeito por ele. Elogiam-no muito. A conversa é demasiado breve para que eu possa tirar conclusões, mas pelo jeito educado como se dirigem a ele, meu “contato” deve ser bem mais graduado que eles. Um minuto depois, ele se despede dos dois colegas e volta a pegar o telefone, preocupado em saber se Mélodie esperou por ele.

— Ah, você está aí! Continua linda...

— Com quem você estava falando?

— Com uns combatentes que vieram me cumprimentar.

— Ah, tive a impressão de que estavam te prestando contas...

Tenho certeza de que você não quer se exhibir, mas que é um chefe, ou algo assim...

— É verdade, não gosto dessas coisas... Mas sou muito respeitado...

— Por quê? Você é um emir?

Bilel adota um ar falsamente humilde.

— Você entendeu quem eu sou... Mas não gosto de alardear. Que isso fique entre nós. Todos aqui temos um mesmo objetivo.

— Você parece ser bem determinado... Posso perguntar no que você trabalha?

— Eu mato pessoas.

— Seu trabalho é matar pessoas? Isso é um trabalho, simplesmente?

— É, ora! E eu ralo muito, o que você está pensando? Isso aqui não é nenhum resort!

— Você mata os infiéis?

— Sim. Os traidores, também, e quem quer que tente impedir o islã de dominar o mundo.

— Como assim? Você depois vai conquistar o mundo?

— Abu Bakr al-Baghdadi, nosso líder, nos orienta a abolir todas as fronteiras. Em breve, mas vai levar algum tempo, o mundo será apenas uma grande terra de muçulmanos.

— E se eles não quiserem?

— Mãos à obra, ora... E a gente acaba conseguindo...

— Mãos à obra? Você vai matar todos eles?

— Eu e os meus homens, não posso fazer isso sozinho!
Mashallah!

— Tenho certeza de que você estava na tomada de Raqqa... As fotos do EI circularam por toda parte.

A batalha de Raqqa, em março de 2013, permanece uma das mais sangrentas já vencidas pelo Daesh. Demonstrou sua força de ataque. Além da bandeira da organização tremulando mais ou menos por toda a cidade, as cabeças cortadas dos adversários ficaram expostas em estacas numa das praças principais. Como arma de propaganda, fotos desses cadáveres mutilados circularam pelo mundo todo. Até Mélodie as viu passar no Twitter... Quanto a mim, preciso adotar uma atitude de robô e emendar o maior número possível de perguntas. Mais tarde eu penso na loucura de Bilel.

— Você me faz rir! Sim, claro, nós os explodimos! Foi uma loucura... Vou te mandar umas fotos.

E vai mesmo mandar. Essa mórbida lembrança lhe causa uma alegria imensa, que ele não tenta esconder. Pelo contrário. Prossegue:

— Mas isso não interessa, você faz perguntas demais, me fale de você!

— Mas antes, me diga só uma coisa... Você disse que mata pessoas ruins para purificar o mundo. Mas por que mutilar? Se sua causa é nobre, por que mostrar tanta barbárie?

— Na verdade, a gente efetua a tomada do território eliminando todo mundo. Mas cada um tem um cargo bem definido. Eu, por exemplo, já que, sem querer me gabar, sou

muito importante, trato principalmente da supervisão das operações. Dou as ordens. Depois, quando todos os *kuffar* estão mortos, o emir é quem decide o que fazer com os corpos.

— Ou seja?

— Ora, você não disse que já viu fotos, vídeos? Naquele dia, por exemplo, o emir de Raqq pediu para serem cortadas as cabeças. Mas vamos, me fale de você!

— Está certo, mas eu sou muito acanhada! Primeiro me mostre o seu carro, parece que tem um monte de coisas dentro dele!

Sempre encantado quando esta que já considera sua prometida afaga seu ego, Bilel obedece. Mélodie acha bonita a pequena metralhadora branca que sobressai em meio à heteróclita parafernália espalhada no banco traseiro. Bilel pega a metralhadora e propõe lhe dar de presente. E cai na risada:

— Não me surpreende que você goste dela! Vocês, mulheres, adoram esse modelo porque é fácil de usar! Você gosta de armas? Vou te dar um monte delas, e, de bônus, uma linda *kalachnicov*!

O pior é que, nesse momento, vejo sinceridade em seu semblante.

— Eu até quero saber mais a respeito. Mas isso tem alguma coisa a ver com a religião?

— O que foi que te conduziu para o caminho de Alá?

Estou morrendo de vontade de fumar. Nesse momento, meu cérebro é incapaz de pensar em outra coisa.

Como já disse, Mélodie existe há vários anos sem existência real. Representa apenas um nome num perfil do Facebook. Na manhã daquele mesmo dia eu nem imaginava que teria de improvisar para Bilel a história de uma alma perdida e ultrasensível. Não tive tempo de inventar para ela uma vida “de verdade”. Meu véu me dá coceira, e quando consigo olhar de relance para André, conhecido por sua hiperatividade, vejo-o literalmente estarrecido. Pega de surpresa, Mélodie gagueja:

— Meu pai foi embora quando eu era bem pequena, e os meus tios cuidaram muito de mim quando minha mãe não

dava conta. Um dos meus primos, que é muçulmano, me fascinava pela paz interior que ele encontrava na religião. Foi ele que me guiou.

— Ele sabe que você quer vir para o Sham?

Mais uma vez, Bilel parte do princípio de que já está tudo resolvido: Mélodie estará em breve desembarcando na Síria.

— Eu não sei se vou...

— Escute, Mélodie... Faz parte do meu trabalho, entre outras coisas, recrutar pessoas. Sou muito bom nessa área. Pode confiar em mim, você será muito bem tratada. Será uma pessoa importante. E se aceitar se casar comigo, vou te tratar como rainha.

Segunda-feira, 21h30

Casar com ele?! Desconecto o Skype, como num reflexo de sobrevivência. Puxo meu *hijab* para o pescoço e me viro para André, que está tão pasmo quanto eu. Olhamos um para o outro, incapazes de dizer nada além de um “puta merda!” atrás do outro. Porque sabemos que podemos parar com tudo agora mesmo, e essa noite pode ficar como apenas uma anedota entre outras tantas que já temos. Mas é claro que não vamos fazer isso. Queremos mais... É o objetivo dessa investigação: descobrir cada vez mais. Eu teria saído em disparada caso ouvisse a proposta de Bilel frente a frente, mas no caso uma tela nos separa. Temos que relativizar. André explode:

— Mas que filho da p...! Quer casar com você, agora? — berra, como se se dirigisse diretamente a Bilel.

André conhece bem os métodos de propaganda do EI, mas ali, de repente, se dá conta do indizível que existe por trás do horror. Ele é pai de gêmeos de treze anos, e esse fenômeno do recrutamento de garotos o deixa muito mal. Nasceu na França, filho de um argelino cabila e de uma espanhola. Acredita em Deus, mas tirando a Igreja da Medalha Milagrosa onde acende uma vela quando quer realmente que um de seus desejos se realize, não pratica nenhuma religião. Tem fé, simplesmente. Mandachugas da espécie de Bilel ele conheceu aos montes quando era mais jovem, numa época em que o Estado fechava os olhos sobre os pequenos delitos. Despreza visceralmente essa liderança que o Daesh impõe por meio da coação. O que

responder a Bilel? Meu parceiro me aconselha a sair pela tangente dizendo que Mélodie, não sendo casada, não quer ir até a Síria sozinha. Isso se resolver partir.

Bilel torna a ligar. Trago freneticamente o cigarro de André. Parece até que ele está me dando de mamar. O consumo de fumo, como o de álcool, é proibido e severamente punido pelo Daesh. Ao atender, Mélodie alega uma falha na conexão e emenda diretamente dizendo o que André me sugeriu. Acrescenta que, caso empreenda essa viagem, irá acompanhada pelo primo. Primeiro, porque uma mulher de respeito não viaja sozinha. Depois, porque o primo também tem vontade de ajudar a causa. As explicações de Mélodie, porém, não entusiasмам o combatente.

— Você é quem sabe. Mas não vejo por quê. Você não precisa dele. Dezenas de moças chegam aqui sozinhas toda semana... Você não é corajosa como eu pensava, Mélodie.

Aos vinte anos a gente quer reivindicar a própria coragem e fervor. É o que faz Mélodie.

— Não sou corajosa, eu? Bem se vê que você não sabe nada da minha vida! Se eu tenho que abandonar tudo para fazer meu jihad, quero primeiro encontrar respostas para minhas perguntas, e depois, ir acompanhada do meu primo. Se for para eu combater, quero saber por quê.

— Ah, sim, e o que é a sua vida, mocinha? Se seu primo fosse um bom crente você saberia... Mas se quer mesmo vir com ele, faça o que achar melhor.

Bilel exhibe uma expressão contrariada. Não entendo de imediato, uma vez que muitos mujahedins já me disseram que “guiar as pessoas para o caminho de Alá” constitui um precioso trunfo para, depois da morte, aceder ao paraíso.

— Você não confia no meu primo, ou prefere que eu vá sozinha?

— Você faz o que achar melhor, mas será que, em vez disso, você não tem umas amigas querendo fazer a hégira?

Então é isso. Estou adorando ver de que jeito ele vai justificar para Mélodie que não acharia ruim ela chegar junto

com um carregamento de amigas pré-púberes. André não consegue conter um suspiro de raiva.

— Isso eu não sei, sou muito discreta sobre a minha religião, pouca gente está sabendo. Que diferença faz eu ir com um homem ou com uma mulher?

— Nenhuma. É só que vocês, mulheres da Europa, são maltratadas e usadas como objetos. (*Ele suspira.*) Os homens exibem vocês penduradas no braço deles como troféus. O maior número possível de pessoas precisa se unir ao Daesh, mas, em primeiro lugar, as que são mais maltratadas, como as mulheres.

Ele não me dá tempo de reagir.

— Mélodie, me responda... Você quer ser minha mulher? Você ouviu minha pergunta? Mélodie? Você quer se casar comigo?

— Eu... Enfim... São coisas lindas demais, e pessoais demais, para falar aqui, e tão rápido...

Ouvir isso na frente de André me deixa ainda mais sem jeito. Estou prestes a ter de fazer caras e bocas para esse maluco na frente de um amigo que me tem como uma irmã menor e conhece meu namorado. Interrompo a conexão de vídeo. Bilel pode continuar a conversa com Mélodie, mas só oralmente. Faço isso por mim. Para não ter mais que aguentar esse rosto grudado na tela, que me dá a impressão de estar dentro da sala. E mudo de assunto:

— A minha amiga Yasmine é muçulmana, mas se queixa de que, em Toulouse, não consegue honrar direito o seu culto. Ela até poderia vir comigo, mas imagino que não seja possível, já que ela é menor de idade.

— Mas claro que é possível!

— Ela tem só quinze anos...

— Eu luto dia após dia para instituir a charia. As mulheres, aqui, devem se casar desde os catorze anos! Que venha Yasmine, vou arranjar um bom irmão para se casar com ela, e que cuide bem dela. Aqui, promover o contato com as europeias que vêm procurar um marido é uma profissão. Elas

ficam num hotel, esperando que venham lhes apresentar irmãos mujahedins solteiros!

Yasmine não existe. Mas quantas verdadeiras Yasmynes menores de idade não estão, neste exato momento, caindo na rede dos pares de Bilel?

— Bilel, vou ter que desligar, minha mãe está chegando.

— Te espero amanhã. Às vinte horas, como sempre, depois dos combates.

— *Inch'Allah...* Boa noite, meu bebê.

Meu bebê?...

Corto a conexão. André se levanta e vai abrir a janela. A sala está sufocante. A gente, mais ou menos, já sabia disso tudo. Mas dar em cima desse jeito, e tão depressa... André amaldiçoa Bilel enquanto fico andando para lá e para cá. Está completamente confuso, como eu. Consternação, raiva, indignação, mas certa satisfação também, considerando-se o sucesso dos nossos passos iniciais na psicologia do assassino. Vamos ter que aguentar sua ideologia sanguinária e entrar no seu jogo. Mas ele também entrou no jogo de Mélodie: em momento algum pareceu desconfiar da sua interlocutora, e pressentimos que o resultado pode nos levar a algo consistente. Será que vale a pena? Ainda divididos, esmiuçamos as falas do terrorista. Tirei imediatamente o véu, mas não o vestido. Ao me levantar, por pouco não enrosco os pés nele e me estatelo no chão. André mal repara, ele que nunca perde uma oportunidade de me zoar. Acaba afinal indo para casa, perturbado e, paradoxalmente, na maior adrenalina. Depois me bombardeia com mensagens de texto preocupadas, até tarde da noite. Meu colega tem pouquíssimos defeitos, afora esse de não ser bom pedagogo... A crer nas suas mensagens, estou correndo um risco enorme. Apesar das gozações que, entre nós, nos permitimos fazer sobre Bilel, ele tem, como eu, plena consciência da periculosidade do homem que se encontra atrás da tela. Quer seguir em frente, mas acha

melhor não provocar demais o jihadista. As represálias podem ser terríveis. “Vamos abreviar ao máximo essa matéria, Anna, e passar logo para outro assunto.”

Mérodie

Mérodie é uma valsa em mil tempos. Sua vida, que ela atravessou feito uma equilibrista, a transmutou em bomba-relógio. Ela não quer mal a ninguém, só a si mesma. É uma esfolada viva porque se mata tentando viver. Mérodie chora, há vinte anos, por um pai que quase nem conheceu. Acha que seu nascimento foi o motivo da partida daquele que ela nunca pôde chamar de papai. Ele não queria se casar, e muito menos ser pai. O nascimento da segunda filha acabou com sua paciência já bem pouco constante e sincera. Nem chegou a reconhecê-la. Desde que soube disso, Mérodie tem se esforçado por consertar os corações partidos e as cabeças viradas de seus amigos, já que não conseguiu refazer o casamento de seus pais. Ser “a amiga que sabe ouvir” é o papel perfeito para quem, como ela, tenta calar os próprios males. Enquanto ajuda os outros, se esquece do próprio desamparo. Sente-se, por um momento, menos vazia. Faz vinte anos que percorre a vida feito cega, buscando um sentido, sem nem por isso parar para pensar no amanhã. A caçula desse clã de mulheres está afundada no luto de sua autoconfiança. Se conseguisse pôr em palavras as dores surdas que a devoram, confessaria à sua mãe que, pensando bem, talvez tenha sido melhor não ter tido um pai dentro de casa. Que a mamãe coragem até que soube se virar direitinho com as suas duas meninas. Os garotos que partem para o jihad em geral mantêm, pelo menos, o contato com a mãe. Mesmo que tentem convertê-la, a fibra materna

permanece o único ponto de referência que lhes traz algum eco de sua antiga vida. Mélodie é volúvel e imprevisível, como todos os terroristas. Enquanto, ávida de proibido, aprimora sua educação nas ruas, sua mãe vive atrás de trabalho, e para de respirar no dia 15 de cada mês. Os únicos horizontes que mãe e filha contemplam juntas esboçam a desilusão e o medo. Mais nova, Mélodie via o dia em que sua mãe acabaria indo ao necrotério para reconhecer o seu corpo. Sua mãe a ama tanto! Mas as duas são tão diferentes que Mélodie não consegue demonstrar seu amor. As dores caladas a transformaram, por um tempo, em criança “problemática”. Depois, de tanto silêncio, a deixaram vazia. Vazia de amor, vazia de esperança. Ela andava com uma turma de garotas que, no difícil bairro de Bellefontaine onde ela mora, se destacavam por sua violência e seus furtos em lojas. Não as apreciava tanto assim, mas encontrava nelas algum reconforto quando matava aula e os dias se arrastavam, compridos. A maioria das garotas, todas menores de idade e providas de aparelhos dentários, era escaldada em noites passadas na delegacia se fazendo de surda-muda. Por furto, e também por “briga”... Sua especialidade: bater forte. Tanto fazia a encrenca, ou se o adversário usava calças. Nos estacionamentos ou nos parques, passavam boa parte do tempo tomando Fanta e dividindo MacFish, ao som dos ritmos da moda. Mélodie se entediava frequentemente. Se achava sem graça e se surpreendia por fazer parte de um grupo. Não conseguia se interessar pelas conversas sobre o reality show do momento ou a perda da virgindade de uma garota que não conhecia. Por se sentir tão diferente das outras, achava que a explicação só podia estar nela mesma: algum problema ela devia ter... Sua história pessoal, por mais triste que seja, é banal se comparada às de outras vidas à sua volta. Quando as amigas contavam para ela seus problemas, Melodie as consolava sem nunca dizer palavra sobre seu próprio mal-estar. Nunca gostou de chamar a atenção. Também não quer a pena de ninguém, só quer ser amada. Foi se tornando, pouco a pouco, indiferente ao mundo que a cerca. As garotas do bando,

por outro lado, asseguravam sua proteção: filhas da imigração, eram todas originárias de algum outro lugar. Mélodie é branca e só sabe o primeiro nome e a data de nascimento do pai. Sempre quis ter nascido em outro lugar, sem saber qual exatamente. Fumou maconha até passar da idade das rodinhas. Depois acabou a graça. Mais uma coisa que contribuiu para acabar de vez com suas ilusões. No bairro toulousense conhecido como “Bellefo”, onde sempre morou, os boatos, muitas vezes falsos, se espalham fácil. Fácil demais. Em alguns períodos de sua vida, em que seus ouvidos andavam por aí à toa, ela cegamente se permitiu infringir certos tabus. Beirou a pequena delinquência. Sua percepção da nuance entre o bem e o mal foi ficando cada vez mais turva, cada vez mais porosa. Mas, como tudo mais que tinha experimentado até então, uma vez dissipada a adrenalina Mélodie não se sentia melhor com ela mesma. Sentia-se bem pior, inclusive, quando chegava em casa e evitava o olhar daquela que lhe deu à luz depois de passar o dia na delegacia da esquina. Tentava provar alguma coisa para si mesma, ou, quem sabe, preencher seu abismo interior. Sua índole crédula não a ajuda a distinguir entre boas e más ações. Num mundo encantado, ela não iria querer ser Cinderela, e sim Robin Hood. Seu instinto de sobrevivência, que formou observando as lágrimas de sua mãe e a desesperança ambiente do seu bairro cinzento, deu-lhe armas para não sucumbir a outros vícios. Os meninos nunca despertaram nenhum real interesse aos seus olhos. Alguns flertes pouco memoráveis deram fim ao seu apetite por um sentimento amoroso. Queria se guardar para o grande amor: aquele amor “de enlouquecer”, como não cessa de martelar sua mãe, como uma sentença, desde sua mais tenra infância. Mélodie, inconscientemente, procura mais um pai do que um namorado. Um homem protetor, e forte o suficiente para lhe dar audácia e energia de viver. Uma pessoa em quem possa ter uma confiança absoluta. Um homem maduro, como Abu Bilel, em suma. Ele é como um atol em sua vida deserta. Catalisa sua obsessão em não se conformar com uma vida

solitária e insípida igual à de sua mãe. Mélodie enxerga nele o único remédio para os seus males. Ir ajudar o povo sírio parece um destino bem mais ambicioso do que este que ela julga já ter todo traçado. Já não consegue se livrar da dor que habita dentro dela. Uma dor de ensurdecer, que dá vontade de chorar, gritar. Mas lhe ensinaram desde pequena que quem se queixa está se fazendo de vítima. E, lá de onde vem, os fracos são desprezados.

Em casa, Mélodie se tranca horas a fio no quarto que divide com a irmã mais velha, que pouco para em casa. Os pôsteres de Scarface convivem com os de Rihanna e Mister You. Gosta de ficar ali sozinha e deixar falar suas emoções pondo no máximo o volume do rádio. Tranca-se numa caixa de música e essa talvez seja a única hora do dia em que se sente um pouco mais leve. Navega em montes de blogs e de contas do Instagram, e seus pensamentos voam sem noção do tempo quando escuta as músicas de Diam's, a cantora que também cresceu sem pai nutrindo um permanente sentimento de abandono. Mergulhando em seus discos para melhor modelar a personalidade de minha Mélodie, descubro em suas letras uma menina tão machucada quanto meu duplo virtual, vomitando seus desgostos com a dor da solidão. Mélodie costuma ouvir bastante uma canção chamada “Garotinha da Periferia”, ou, em francês, “Petite banlieusard”, mas esta noite, depois da conversa com Bilel, põe sem parar a música “T. S.”, que descreve toda e qualquer garota, ou quase, em fase de desespero:

Sou desses jovens perdidos, que sorriem por educação,
Cercados de gente, mas tão solitários [...]
Sofro do mal do adolescente carente e exausto
Eles são fortes, eu não sou nada [...]
Quero ir embora para melhor voltar...
E me tornar alguém,

Alguém legal, porque foi longe e voltou.*

Mérodie, assim como Diam's, se sente "exausta". Esse mal de viver atinge um número significativo de jovens abaixo dos 21 anos. Os hábitos de certos adolescentes de hoje só contribuem para aumentar a brecha por onde se infiltra o Daesh. Pouco importa o meio social ou as secretas motivações de cada um: a organização terrorista tem argumentos imbatíveis para atraí-los em suas redes. Que o candidato queira combater ou fazer trabalho humanitário, o Daesh tem uma solução para todos. A organização cria a ilusão de dar valor a esses meninos perdidos para melhor valorizá-los e reformatá-los. Como um guru recrutando seus fiéis. A rede também permite quem aspira a ser califa a se tornar um de fato. Afinal, sua arma favorita é a internet, e os pobres jihadistas aprendizes só passam do status de massa de manobra digital para o de bucha de canhão. Prova disso é Mérodie que, em pouco mais de 48 horas, já está prometida a um casamento por amor e a uma vida idílica.

Mas ainda falta uma coisa para convencê-la a dar o salto. Deixar sua família é algo que a apavora. Apesar das brigas normais de uma mãe solteira com suas duas filhas moças, amor e solidariedade nunca lhes faltaram. Mérodie então, para convencer a si mesma, trata de assistir a dezenas de vídeos no YouTube. Sempre ouviu dizer que os americanos são uns monstros que torturam os prisioneiros de Guantánamo. Comove-se com o sofrimento das crianças sírias e palestinas, que julga dever atribuir aos países ocidentais. Dizem no seu bairro, em alto e bom som, que Mohammed Merah, originário, como ela, de Toulouse, não passa de uma invenção. O Estado francês e a comunidade judaica é que teriam orquestrado a bárbara sinfonia do assassino da moto. Este seria apenas o pobre bode expiatório de um complô para estigmatizar os muçulmanos da França. Aí está um rumor que a deixa perplexa. Matar uma criança vai de encontro a tudo o

que prega o islã. Mas Bilel, por outro lado, refere-se ao assassino da moto como a um servo de Alá. Entre um e outro vídeo, ela assiste ao de Omar Omsen, cuja fama, contraditória, ela conhece. Esse franco-senegalês de 37 anos, ativamente procurado pela justiça belga e francesa, seria um dos cérebros de uma importante rede de recrutamento para o jihad no Oriente Médio. Diferentes núcleos da DCPJ, Direção Central da Polícia Judiciária, quase tiveram um treco ao descobrir a viagem de sete membros de uma mesma família de Nice, incluindo quatro crianças, organizada por ele em outubro de 2013. Ele posta regularmente no YouTube vídeos em que aparece fazendo o elogio da charia. Omar Omsen conclama seus ouvintes a respeitar, não as leis do país em que residem, mas somente as leis islâmicas, as leis da charia. Não manobra apenas para lobotomizá-los, mas também para que se sintam culpados. Não cessa de repetir: “O bom muçulmano não pode residir num país de infiéis. Vocês estarão sendo uns assassinos se não ajudarem a instaurar um Estado islâmico. Enquanto ficam aí meramente fazendo suas orações e relendo o Alcorão, outros estão lutando por Alá, o único, o exclusivo, cujo desejo é que seja instaurado um califado em escala mundial”. Como a maioria dos aliciadores do jihad, que já não se contentam em andar nos arredores das mesquitas usando *djelaba*, ele vive bem longe das bombas, num país europeu, dispondo de todas as facilidades a que tem direito. Em outro vídeo, aparece a bordo de um barco. O mar está agitado e, olhos brilhando, ele compara a espuma branca com a pureza e a plenitude oferecidas pelo islã quando rigorosamente observado. Mélo die viaja. Vacila ao pensar na espuma imaculada apresentada como sua religião. Vai aos poucos se deixando envolver pela fascinação dos outros. O imaginário deles, pelo menos, é rico em histórias e lindos encontros. Dizem que a tese do lobo solitário não existe. O brilhante juiz antiterrorista, Marc Trévidic esclarece muito bem esse ponto. De modo geral, e mesmo que existam casos de jihadistas isolados, essa decisão não se toma sozinho: há sempre uma pessoa próxima,

formatando e encorajando, até que se passe ao ato. É uma interpretação pessoal minha, mas acho que, no caso de Merah, sobre o qual permanecem muitas perguntas sem resposta, Suad, sua irmã mais velha, cumpriu este papel de mentor até obter sua total radicalização. Recentemente, Suad deixou definitivamente Toulouse pela Síria, levando a tiracolo os quatro filhos, sendo que o mais novo, de um ano de idade, chama-se Mohammed “em homenagem” ao seu “herói”, do qual ela muito se orgulha, como declarou inúmeras vezes, publicamente ou não. As autoridades francesas só souberam de sua partida quando já se encontrava na Síria... No caso de Mélodie, esse guia vai ser Bilel.

Mélodie passa de uma ideia para outra sem aprofundar nenhuma. Deixar Toulouse significaria também não ter mais que pegar a maldita linha A, na estação Reynerie que ela já está farta de conhecer. Já não aguenta mais os assentos decrepitos, principalmente, se sente sufocar só de ver aquela mesma paisagem urbana que cruza dia após dia. Paisagem que se transformou na insuportável imagem de seu marasma interior. Há dez anos que, toda manhã, o trem percorre o bairro do Mirail enquanto os fones de seu MP3 a transportam para longe dali. Lá, na Síria, seus dias no mínimo não serão piores que aqui, onde se obriga a sair da cama sem nem saber por quê. Pensa no que estará fazendo Bilel naquele exato momento.

Seu instinto de sobrevivência, fortalecido por sua vivência das ruas, a incita a não sucumbir de imediato aos encantos de seu pretendente. Mas já é tarde demais. Mélodie vê nele um rei. E ela sempre sonhou ser rainha.

* *Je fais partie de ces jeunes perdus, souriant par politesse/ Entourés mais pourtant si solitaires [...]/ J' ai le mal de l'ado em manque à bout de souffle / Eux ils sont forts, moi je ne suis rien [...]/ Je veux partir pour mieux revenir/ Et devenir quelqu'un,/ Quelqu' un de bien parce que je reviens de loin.*

Quinta-feira

Quando acordo, como toda manhã desde quase uma semana, dou de cara com várias mensagens carinhosas enviadas por Bilel a Mélodie. São mais numerosas que as que recebo de Milan. Todas começam com “meu bebê”... Mal abro os olhos e já queria tornar a fechá-los. Está passando na televisão *Oggy e as Baratas Tontas*, um desenho animado de que gosto bastante. Os bichinhos emendam uma baboseira atrás da outra, me dando um espaço para respirar antes de mergulhar novamente na pele de Mélodie. Escuto, no rádio, as manchetes sobre um enésimo francês menor de idade que foi embora para a Síria fazer o jihad. Desligo. Os canais de notícias 24 horas reportam repetidamente a partida do “jihadista da semana”. Desligo. E passo à leitura de minha correspondência. O guerreiro diz que está saindo para o combate e só queria desejar um bom dia a Mélodie. Suas palavras não têm nada com religião. Parece um apaixonado como outro qualquer, aflito por ter de ficar algumas horas longe da nova namorada. Eu queria induzi-lo a me dar mais detalhes e informações sobre os planos de sua milícia. Mas ele me arrasta para um terreno de sedução que me deixa pouco à vontade. Só me resta saber dosar sabiamente as atitudes de Mélodie.

Abu Bilel ocupa, sozinho, toda a minha agenda. De dia, no escritório, confiro o que ele diz. E à noite, é a vez do meu avatar conversar com ele no Skype, à busca de novas revelações. Ontem, Abu Bilel tornou a afirmar que se

encontrava nas proximidades de Aleppo. A jovem Mélodie até podia ter acreditado. Mas os sites especializados no Oriente Médio me ajudam, diariamente, a ver com mais clareza os recentes combates e tomadas de território. O EI já se retirou de Aleppo há pelo menos seis meses. Considerando-se a cisão da segunda cidade da Síria, dividida entre governistas e rebeldes regularmente bombardeados pelo exército de Bashar al-Assad, parece pouco provável que Bilel tenha se refugiado por lá. Como imaginei já na primeira conversa que tive com ele por Skype, ele provavelmente se encontra próximo a Raqqa, o feudo do EI.

Essa noite, André e eu nos sentimos mais serenos. Será que estamos começando a nos acostumar? Ainda assim, a apreensão vai ressurgindo à medida que se aproxima a hora de Bilel ligar. O mujahedim relata em tom gaiato tantas atrocidades que é difícil, depois, ter um sono tranquilo. Além disso, ainda me sinto constrangida sempre que assumo o papel de Mélodie e deixo que Bilel dê em cima dela feito um metido a besta qualquer, obrigada que sou a fazer minha personagem entrar na conversa mole dele. Se quiser não despertar suas suspeitas e obter dele um relato dos dias que passa “cortando cabeças”, não há como me esquivar de todas as suas investidas. Sou obrigada a retribuir um elogio de vez em quando, exibir um sorriso de mulher seduzida, em suma, representar. Acontece que não sou atriz. A presença de André ainda complica mais um pouco esse exercício já por si aflitivo.

Estamos terminando de acertar o nosso cenário para o Skype, quando Bilel manda uma mensagem pedindo a Mélodie que ligue para ele. A mensagem vem precedida de vários:

“Mélodie.”

“Mélodie??”

“Mélodie, meu bebê?”

“Mélodie???”

Entro no Skype. Ele hoje está sozinho num cibercafé. Passou gel no cabelo e trocou o traje de guerreiro por um estilo mais descontraído. Sua autoconfiança tamanho GG o acompanha, como sempre. Voz inocente, parto decidida para o ataque, apoiada em elementos concretos de que tomei conhecimento naquele dia.

— Você está bem? Estava preocupada: soube por uns amigos que houve hoje uma batalha sangrenta envolvendo o Daesh. É verdade? Onde foi isso?

— Você está preocupada comigo? Quer dizer que gosta de mim...

— Fale sério, com esse tipo de coisa não se brinca. Onde foi isso? Houve mortos?

Quanto mais Mélodie se mostra crédula e preocupada, mais exultante ele fica, vaidoso por despertar o interesse dessa que ele quer por esposa. Sua expressão satisfeita, falsamente dissimulada, torna seu sorriso ainda mais arrogante.

— Eu já disse que sou do tipo modesto... Não gosto de ficar me gabando... Mas fique tranquila. Alá, mais uma vez, nos protegeu do demônio. Os rebeldes armaram uma emboscada a uns trinta quilômetros de onde estou atualmente, para enfraquecer as tropas do Daesh. Mas não é à toa que somos os melhores: estamos sempre um passo à frente. Eles encontraram a morte, e posso te garantir que não vão para o paraíso.

— Foi você que os matou?

— Ei, você pergunta demais! Digamos que degolei alguns... Seja como for, posso te garantir que eles passaram maus bocados!

Quanto a isso, tenho a certeza de que Bilel está mentindo. Como pode ter passado o dia cortando cabeças e, ao mesmo tempo, ter ligado para Mélodie mais de dez vezes e lhe enviado uma avalanche de mensagens? Isso tudo não passa de fanfarrice para impressioná-la. Ele já não disse, aliás, que se mantinha intencionalmente à margem dos combates para não pôr a própria vida em perigo? No frigir dos ovos, ele ter

degolado homens ontem ou hoje em nada altera o horror de seus atos. Há anos que esse cara mata gente a sangue-frio. E se permite derramar sangue em nome de uma religião. Ainda ontem, Bilel disse cinicamente a Mélodie que, se fizesse parte de um cartel mexicano cujos membros têm o costume de tatuar um risco na pele a cada vida que aniquilam, já estaria todo coberto de tinta indelével. Fiquei imaginando seus braços desse jeito, até lembrar que o islã proíbe tatuagens. Volto a me concentrar, e Mélodie prossegue com suas perguntas morbidamente curiosas:

— Nossa... Mesmo assim, você arrisca muito a sua vida... Quantos adversários morreram, e o que foi que você fez com os corpos?

— A gente deve ter explodido uns vinte pelo menos. Os corpos que apodreçam por lá! É o que eles merecem! Eu não lido com a logística... Mas não se preocupe comigo... Fale de você, meu bebê.

— Hoje à tarde assisti a um monte de vídeos sobre o EI. Aliás, queria que você me explicasse, já que cada um fala uma coisa...

— Você só precisa saber o seguinte: o verdadeiro islã é a restauração de um califado, e o Daesh é o único que se dedica a essa causa. Os outros todos não passam de infiéis.

— Mas então, contra quais infiéis você lutou hoje?

— Contra os *kuffar* da Al-Nusra. E eles se deram mal, acredite.

Com um sorriso de satisfação nos lábios, Bilel empunha o celular e mostra furtivamente a foto de uns cadáveres mutilados. Está exultante.

— Não deu para ver direito, mostre de novo!

— Não, o melhor eu estou guardando para quando você vier...

— Mas eram cabeças cortadas, não eram?

Como resposta, ele pisca o olho para Mélodie, um largo sorriso nos lábios.

— Você mata pessoas... Isso não combina com o islã que eu escolhi.

— Irmã, as guerras sempre precedem a paz. E eu quero a paz, conforme manda Alá. Assim, nós dois, aqui, vamos poder fundar uma família... *Mashallah*, meu bebê. Você nunca me disse se me achava bonito. Me responda com sinceridade.

Desde o início das conversas entre eles, Mélo die tem evitado o assunto. Já não sei que atitude adotar. Não posso mais recuar. Ele, todo dia, fala em casamento. Suas perguntas, sempre nessa linha, têm sido cada vez mais insistentes. Me sinto contra a parede: obrigada a fingir sentimentos por um assassino. Fazendo caras e bocas. E tendo que parecer sincera, ainda por cima. Mais que nunca, improvisado como atriz.

— Você é bonito... E é corajoso, uma coisa admirável num homem.

— Bondade sua. E o que mais?

— Você tem uns olhos bonitos.

Tento elogiá-lo o mínimo possível, embora achando que já está muito além do máximo permitido.

— Isso é um elogio de mulher! Você tem vontade de ir adiante comigo?

— Fico sem graça de responder... Você, melhor que ninguém, sabe que uma mulher de respeito não dirige a palavra a um homem que não seja da sua família.

— Sim, mas eu te pedi em casamento...

— Depois a gente fala sobre isso... Eu preciso de um tempo... Você acabou não respondendo: onde foi a tal ofensiva? Você está ferido?

— Ah, que boazinha e inocente é você! Não, não estou ferido. Eu sou dos bons... Me derrubar não é para qualquer um. Você é pura, e é por isso que eu sou doce com você. Mas com os apóstatas, sou um massacrador. Fora isso, a maior parte do tempo, vou para uma cidade que estou ajudando a reconstruir.

— Como assim, reconstruir? Que cidade é essa?

— Uma cidade perto do Iraque, que foi saqueada pelo exército sírio. Lá, está tudo por fazer. Digamos que queremos transformar a mais pobre das cidades sírias na mais rica. E nela nós vamos viver juntos, felizes, *Mashallah*.

Bilel se refere a Deir Ezzor, uma cidade situada no leste da Síria, às margens do Eufrates, a 450 quilômetros de Damasco, próximo à fronteira iraquiana. Recentemente, metade da cidade estava nas mãos dos rebeldes sírios, e a outra metade era controlada pelo regime de Assad. Recorrendo a seus métodos sanguinários favoritos, o EI conseguiu enxotar os rebeldes e se apossar de toda a província, além da maioria dos campos petrolíferos. O jihad religioso do EI é também o jihad do petróleo. O Daesh produz mais petróleo que o governo sírio. Os números divergem conforme as posições políticas e religiosas, mas calcula-se que o tráfico do EI movimentava em torno de 1,5 milhão de dólares ao dia, entre Síria e Iraque. Já a produção do governo de Bashar al-Assad caiu para 17 mil barris diários. Milhões que entram toda semana, um exército cujas fileiras engrossam a cada dia que passa e uma artilharia pesada só podem contribuir para fortalecer o Daesh... Sua queda não será nada rápida. Depois disso, vai se deslocar para outro território, como quando passou do Iraque para a Síria... Um território como a Líbia, a Jordânia, parte do Líbano... Mas, de novo, não sou doutora no assunto, e tanto o Líbano como a monarquia jordaniana possuem muitos e preciosos aliados que não irão deixar que invasões aconteçam. Ontem, estava conversando no Twitter com um mujahedim, quando topei, por acaso, com a foto de uma menina escrevendo num muro de Raqqa, transformada em gaiola do inferno: “O jihad de vocês é o jihad do petróleo”... Bilel, bem entendido, evita cuidadosamente qualquer referência a esse lucrativo negócio. O comércio do petróleo, assim como o capitalismo, não é bem a praia dele.

— Como é que você faz para essa cidade prosperar? Constrói escolas e hospitais, por exemplo? Petróleo vale bastante, podia ajudar nessa reconstrução, né? Daria uma grana preta.

Dessa vez, ele é que é pego de surpresa. Coça a cabeça, nervoso, e evita o olhar de Mélodie. Baixa os olhos. Pensa no que vai dizer. O tempo de encontrar as mentiras para despistá-la. É complicado reconhecer que massacrou um número considerável de homens por um objetivo que ele garante ser, em última instância, humanitário, mas que também é, na verdade, uma questão de dinheiro. E muito dinheiro. Sempre me alegram esses breves momentos em que Mélodie, inocentemente, o põe contra a parede. Ele responde afinal, voz evasiva, ainda cabisbaixo. A mentira transfigura o pouco que vejo do seu rosto:

— Sim, entre outras coisas. Mas, por enquanto, o importante é enriquecer a cidade, e a construção de hospitais custa caro. Boa parte do petróleo de Deir Ezzor foi roubada pelo governo nos últimos anos. Então nós, do Daesh, estamos nos virando para recuperar esse petróleo e fazê-lo render. Mas é um trabalho imenso, e no momento, não tem dado lucro nenhum! É mais ou menos como plantar as sementes num campo e esperar que elas brotem. Mas você não tem que se preocupar com isso! Não perca seu tempo com o capitalismo, me pergunte outras coisas!

Minhas perguntas visivelmente o incomodam. Mélodie precisa conquistar mais a sua confiança. Mais tarde dou um jeito de voltar ao jihad do petróleo.

— Me fale de você, e de como vai ser a minha vida caso eu resolva ir para aí!

— Mas você vai vir para cá... E vai construir seu próprio mundinho, começar uma vida nova repleta de felicidade, você vai ver. Tive a impressão, outro dia, que você apreciava as minhas armas. Então, assim que chegar, você vai ter umas aulas de tiro, por uma ou duas semanas, dependendo do seu nível.

— Para aprender a me defender, ou para matar infiéis?

— Depende. Você pode matar, se for para livrar o mundo de uma vida humana que não tem respeito por Alá. Não há nada de mal nisso, pelo contrário, é necessário. A mulher casada

tem o direito de acompanhar o marido na linha de frente. Às vezes deixamos nossas amadas atirar, elas adoram! Em geral, elas gostam de filmar nossos confrontos com os inimigos.

— Quer dizer que posso tirar a vida de uma pessoa se achar que ela não está obedecendo às leis islâmicas?

— Exatamente. Os *kuffar* são *haram*, com eles a gente pode fazer o que bem entender. Pode queimar, estrangular, desde que eles tenham uma morte atroz, e assim você faz um favor para Alá. *Inch'Allah*.

Me ocorre nessa hora que, se eu fosse de confissão muçulmana, me engasgaria ao escutar essas barbaridades. Que me encham de náusea, mesmo se já não me surpreendem os horrores que esse monstro relata com um sorriso melífluu. Tenho que, pelo menos, alfinetá-lo sobre o assunto.

— Diz o Alcorão que podemos condenar quem não respeita nossos preceitos, mas não lembro disso de ser um favor para Deus homens perderem a vida.

— Mas é! Quando eles querem nos erradicar. E nós representamos a vontade de Deus.

Mélodie ia engatar uma pergunta, mas Bilel a interrompe. Ele tem um cartão-postal para vender. E uma vida ideal também.

— Estamos falando demais em morte. Aqui é tão bonito. Tem tanta coisa para ver. O mar é fantástico, e o relevo é fascinante. E você vai fazer muitas amizades. Vai ter sua turminha de amigas, vocês vão poder se juntar para fazer essas coisas de mulher. *(Ele dá uma risada.)* Um verdadeiro mundo... Que vai ser o seu mundinho. Durante o dia, enquanto eu estiver em combate, você de manhã vai aperfeiçoando seu árabe, e de tarde, faz o que quiser. Pode andar por aí com as irmãs, pode visitar hospitais e orfanatos para ajudar as crianças.

— Ah, mas eu vou poder sair com as minhas amigas sem um homem para acompanhar a gente?

— Desde que se comporte de um jeito digno. De qualquer modo, vocês, convertidas europeias, são as mais afoitas! Mal

chegam aqui e já querem uma *kalach* para usar! (Ele ri, como se essa ideia o enternecesse.)

— E aí vai ter muitas irmãs francesas para eu conhecer?

— Um monte! Belgas e francesas, principalmente... É o que mais tem. E, juro, elas são até piores que a gente! A moda delas, no momento, é andar com um cinto de explosivos!

— Para brincar de terror?

— É, mas principalmente, para explodir se for preciso...

— ...

— Só uma coisa, bebê, antes que eu me esqueça. Uma coisa importante! Muito, muito importante... Você vai ter que se cobrir da cabeça aos pés, e usar luvas. O *sitar*, aqui, é obrigatório. Você tem um, né?

Quinta-feira, 22 horas

Olho para André, perplexa. Embora consiga dar um jeito quando Bilel menciona aspectos da religião que me são estranhos, ou palavras do árabe que me escapam, o termo *sitar* não me diz absolutamente nada. André, acorçado no chão com a câmera na mão, faz sinal de que também não sabe o que é isso. Por mais que procuremos rapidamente nos nossos smartphones respectivos — um exercício perigoso para mim, diante do olhar vigilante do meu interlocutor — não encontramos nada. Deve ser algum termo de gíria, deformado ao sabor das modas. Na psicologia de fanático de Bilel, o *sitar* pode ser o segundo véu que uma mulher, já coberta, deve acrescentar de acordo com certos preceitos radicais. Me arrisco, e Mélodie gagueja que sim, que já tem um.

— Então está bem, se todos esses pontos forem respeitados, você vai poder passear. Mas só quando eu não estiver. Vou cuidar bem de você, prometo, mas você precisa entender que não sou nenhum à toa, tenho muito, muito trabalho a fazer, e às vezes preciso me ausentar por vários dias. Você vai se cuidar direitinho enquanto espera pelo seu marido...

— Como assim?

— Você sabe... coisas de mulher... Segredinhos para deixar a pele mais macia, por exemplo.

Em alguns momentos, o coração de Mélodie bate mais forte por Bilel. Em outros, bate mais forte por causa dele, de tanto que ele a faz se sentir culpada por sua “régia” vida de

ocidental. Paradoxalmente, ele lhe vende, na Síria, um nível de vida nababesco para depois das visitas a orfanatos e similares. Ela se sente pressionada a atender suas exigências. Mas Bilel está conquistando a sua confiança, e ela não se anima a trair a pessoa que finalmente confia nela. De minha parte, fico quase tão nervosa quanto André, que se larga no chão ao ver o veneno de loucura insana e assassina que Bilel, sem trégua, tenta inocular no inconsciente de Mélodie. E tudo isso em menos de uma semana... As libidinosas insinuações desse homem, que tem quase o dobro da idade dela, no único intuito de que ela lhe sirva de brinquedinho por algum tempo, nos chocam profundamente. Mélodie não reage a essa última frase.

— É claro que eu sei que você não é nenhum à toa, Bilel...

— A gente conversa sobre isso quando você estiver aqui, mas faz bastante tempo que eu entrei para o jihad.

Não é que ele agora fala no jihad como um assalariado falaria da empresa em que trabalha...

— Faz quanto tempo que você está no Sham?

— Um ano. Antes disso, fiz outras coisas... Mas não quero falar sobre isso na internet, os espiões estão em toda parte.

Dá uma piscada para Mélodie.

— Você esteve na Líbia?

— Acertou! Você é mesmo cheia de surpresas... Está cada vez mais interessante, meu bebê... *Bismillah*.

Não é nada com que se espantar, no entanto, porque é sabido que, em sua maioria, os jihadistas da Líbia, muitas vezes blindados de armas de guerra, fugiram para se juntar, notadamente, às fileiras do Daesh. Sinto que Bilel está louco para se gabar dessa experiência. Mas se mantém cauteloso:

— Preciso deixar assunto para quando você vier. Não posso contar tudo agora! Você já sabe muito, e até tem fotos minhas em ação! Vou te mostrar, principalmente, todas as coisas maravilhosas que há por aqui... Queria tanto que você viesse logo!

Conversamos mais um tempo. Consigo colher umas poucas informações sobre ele, com as quais tento esboçar o retrato do homem que ele foi antes de virar esse vingador ávido de dominação.

Numa outra vida, Bilel se chamava Rachid. Veio ao mundo em Paris, perto de Porte de Clignancourt. Largou rapidamente a escola, que aliás só frequentava de forma intermitente. Diz ele que não conservou nenhum amigo dos seus primeiros vinte anos de vida, sobre os quais se estende pouco. Percebe-se um constrangimento em seu semblante ligeiramente bronzeado. Não sei dizer se ele está mentindo para ocultar seu passado ou se sua solidão era tanta que não gerou nenhuma lembrança. A impressão que ele me passa, na verdade, é de não possuir nenhum tipo de vínculo. Diz que nunca foi casado, alegando ser “dedicado demais a Alá. Ao trabalho, em suma”. Desconfio que foi tentando trilhar a via da fortuna que ele acabou, de fracasso em fracasso, enveredando pela estrada da religião, abrindo a partir daí diversas saídas. Algo que a polícia viria a me confirmar mais tarde, com base em sua ficha corrida de malfeitos. De início, delitos diversos indo do tráfico de armas ligeiras a roubos de todo tipo. Uma forma de obter dinheiro fácil e conquistar uma pequena notoriedade territorial. De confissão muçulmana e origem argelina, radicalizou-se no início dos anos 2000. Foi timidamente vigiado pelos serviços de informação da época, já que empreendia várias viagens ao Paquistão, país amplamente infiltrado pela Al Qaeda. Rachid, porém, viajava para o Paquistão por motivos de formação religiosa: estava estudando o Tawhid, um dogma fundamentalista do islã. Como me explicaria um agente já no final da minha investigação: “Não temos como vigiar toda pessoa que vai se recolher nos países religiosos. Isso não faz dela um terrorista, e aí é que está a dificuldade. Ou nos acusam de ser incompetentes, ou de ser islamofóbicos”. As autoridades não vigiavam Rachid nessa

época porque não tinham nenhuma prova tangível de que ele representava uma ameaça para o seu país de origem.

Bilel também fala a Mélodie do seu desejo de ter filhos. Ele, aliás, repatriou quase toda a sua família à “terra santa”. Seus primos, principalmente. Eles formam, na Síria, um clã poderoso: os Al Firansi, nome inverificável, al Firansi significando “o Francês”. Ele, no entanto, só responde muito vagamente a perguntas sobre sua família. É como se algo soasse falso. Finalmente percebo nele um sentimento humano e legítimo: a solidão. Oficialmente, ele recruta na internet fiéis para a sua causa. Na realidade, seu proselitismo constitui um meio oficioso de compensar sua sensação de isolamento.

Isso me faz pensar nos jovens jihadistas que propõem entrevistas aos jornalistas no site “ask.com”. Diferentes jornais já me pediram várias vezes para eu fazer uma. Sempre recusei: essas conversas não têm nenhum valor. Eles não fazem mais que repetir inépcias que eles próprios não entendem. Só agora me dou conta de que, se buscam um contato, não é só para aumentar sua notoriedade. É também para atenuar sua solidão. Como todos os adolescentes, os aprendizes de jihadista se comunicam por mensagens de texto, e se expressam por abreviações. Os planos de mensagens ilimitadas foram especialmente criados para essa faixa etária. Eles têm seus próprios códigos e cultura. Sempre tiveram certa autonomia em matéria de tecnologia. Bilel, que pertence a uma outra geração, denominada geração dos “irmãos mais velhos”, encontrou na religião o que vinha buscando desde sempre: reconhecimento e apaziguamento. Quando evoca esse sentimento de plenitude, se acende em seus olhos um brilho que eu ainda não conhecia. Talvez seja ingenuidade minha, mas, nesse momento, ele me parece sincero. Essa minha impressão desaparece quase em seguida. Se ao menos o olhar de Bilel transpirasse uma fé autêntica... Dizem que os olhos são o reflexo da alma. A alma dele não tem nada da plenitude que habita os verdadeiros crentes. A centelha fugaz que vislumbrei reflete, na verdade, aquilo que ele busca no mais

fundo de si mesmo: a vingança. Cabe a mim descobrir que vingança ele julga merecer, a ponto de se dizer “feliz por ter matado mais de 50 mil pessoas” ao longo da vida...

Desligamos afinal. André olha para mim. Pede para eu despir a parafernália de Mélodie. Pelo menos o *hijab*: me ver assim o perturba particularmente essa noite. Ainda no dia anterior, eu mais que depressa tirava o véu ao menor corte da conexão... André exhibe um tímido sorriso, cheio de afeto, mas arranhado pela raiva que tem de Bilel. Xinga-o de tudo quanto é nome. Queria ficar cara a cara com ele para lhe dizer umas verdades, e aproveitar a oportunidade para “arrebentar aquele rosto escroto”. Recordo a década dos seus vinte anos, passada num bairro popular de Paris. Antes de virar fotógrafo, brincou de delinquente durante algum tempo. Chegou a contar suas aventuras num livro fascinante, que mescla momentos sérios com cenas hilárias e rocambolescas. A maioria de seus protagonistas também teve, como Bilel, de se ver com a polícia. Muitas vezes por assalto ou envolvimento com tráfico. Com exceção dos que morreram, acidentalmente ou não, André mantém contato com todos eles. Alguns se converteram e mudaram de vida. Mas nenhum se radicalizou, e muito menos partiu para fazer a hégira. Algo que o enlouquece.

— A gente, pelo menos, quando brincava de ser chefe, não era por causa nenhuma e não tinha nada a ver com religião! E a gente não matava! Esse Abu Bilel, que alicia os jovens e macula o islã, não passa de um bárbaro. Um fanático! Um criminoso! Desgraçado!

Eu não preciso ter vivido a sua experiência para partilhar a opinião de André. Enquanto tiro a fantasia de Mélodie, ele torna a dizer que temos de encerrar essa matéria o quanto antes, depois de uma última conversa em que eu vou ter que ser mais enfática nas perguntas. Aí então desconecto todas as contas virtuais no nome de Mélodie, e publicamos o artigo. E basta, fim da história. O plano dele é o certo, sem dúvida. Mas

eu ainda preciso de mais uns dias. Minha personagem não me permite ser incisiva. Mélodie, diante de Bilel, é o frágil pote de barro contra o robusto pote de ferro. Perco muito tempo entrando no jogo de sedução de Bilel a fim de conquistar sua confiança. Já que assumi o risco dessa experiência jornalística, seria frustrante não vivê-la até o fim.

No jornal para o qual propus a matéria, afora alguns chefes e dois de meus colegas e amigos, Lou e Hadrien, ninguém está levando a sério o meu projeto. Tampouco, aliás, uma parte de mim mesma. Me imaginar de véu e *djelaba* falando em gíria da periferia e arranhando umas palavras de árabe, com André por testemunha, provoca, antes de mais nada, risadas. Ninguém, nem mesmo André, percebe em que exercício controlado de esquizofrenia essa investigação me jogou. Às vezes, as falas de Bilel me deixam tão arrepiada, que sinto a necessidade de cortar a conexão, mas isso é algo que tenho feito cada vez menos. André então fala imediatamente comigo, Anna. Não tenho um segundo sequer para passar de uma personalidade para outra. Minha linguagem natural ressurgiu junto com o reflexo de pegar um cigarro. Toco nervosamente meu dedo, buscando meu anel. Que não está ali, já que tomo o cuidado de tirá-lo antes de cada contato. A primeira reação de André, ao descobrir que a reportagem chegou ao fim, será: “Você realmente se desdobrou... Eu não tinha me dado conta do quanto esse exercício é perigoso.”

Alguns dias depois

Passo a maior parte dos meus dias na redação dos dois principais jornais para os quais trabalho como freelancer. Nos últimos tempos, tenho ido mais ao jornal que está supervisionando minha reportagem. Nessa redação, todos se conhecem bem. Atritos às vezes acontecem, mas formamos, antes de tudo, uma grande família. Uma tribo de jornalistas frenéticos, dedicados e apaixonados por seu trabalho. Dos jovens adeptos de Stromae aos lobos velhos cantarolando “La Bohème” de Aznavour, sentimos, todos, um imenso afeto uns pelos outros. A linguagem, entre nós, é crua e direta. Palavras não nos assustam. Os males, por sua vez, nos tocam cada vez menos à medida que se escoam os anos. E as cicatrizes se encravam menos ou mais. As imersões em reportagens, sobre temas difíceis, às vezes, ou até dolorosos, contribuem muitíssimo para unir uma equipe.

Ao longo dos anos, todos já trabalharam com todos e conhecem ao menos partes da vida de cada um. A vida do repórter é diferente da do jornalista sentado na frente de seu computador. Ir para o terreno, investigar pessoalmente seguindo o próprio instinto, é um exercício que nem sempre se aparenta ao jornalismo propriamente dito. Um exercício perigoso que leva a malabarismos entre o próprio emocional e o necessário distanciamento em relação aos temas abordados. Estes, às vezes, não nos tocam em nada. Em outras ocasiões, arrancam um pedacinho de nós mesmos. Também viajamos

sozinhos, muitas vezes, e embora isso não seja, em si, desagradável, não deixa de ser peculiar alguém se ver, noite após noite, face a face com um prato de espaguete à bolonhesa. Tendo o recepcionista do hotel por único confidente. Quando bato à porta de um marido cuja mulher desapareceu quando saiu para fazer uma caminhada, ou de uma mãe que está há semanas sem notícias do filho, não chego de caderninho na mão e caneta na boca perguntando o que eles estão sentindo. Estou ali. Isso, para mim, nunca é algo banal. Quando a porta se digna a abrir, e me deixam entrar numa intimidade em que o tempo parece suspenso, passamos horas conversando. Não raro sobre outros assuntos que não aquele que motivou a entrevista. Partilho, na minha medida, um pouco da dor que eles sentem e, como meus colegas, me torno uma esponja de problemas. A matéria, por vezes, não é publicada, e minha decepção não se deve então a uma ferida do ego, mas ao fato de não poder dividir essa história que eu tanto queria transmitir. Felizmente, estamos entre os poucos repórteres que dispõem do luxo de poder relatar o que realmente vimos e descobrimos sem ter de plagiar as pincas de comunicados que chegam da Agence France-Presse. Nossos chefes sabem quem designar para um serviço em função da reportagem. Conhecem nossas qualidades e falhas... Enquanto nós, por outro lado, sabemos com quem podemos contar. Nessa minha família há, entre outras, a “turma dos jovens”, como os menos jovens gostam de nos chamar. Formamos uma equipe unida, que funciona na base da tolerância e dos conselhos sensatos. Em nossa profissão, é raro ter aliados. Tenho a sorte de ter alguns preciosos. Como Hadrien e Lou, por exemplo. Os dois, de quem gosto muitíssimo, acabaram sem querer se envolvendo com a vida problemática da jovem Mélodie. Quanto mais passam os dias, mais cresce a preocupação deles diante do retrato que pinto de Bilel. Mas tanta coisa acontece em nossas vidas que os risos sempre acabam levando a melhor sobre as angústias.

Nessa hora de almoço, faço todo mundo dar boas risadas ao falar na criatividade e nos reflexos que o papel de Mélodie exige de mim, num roteiro escrito dia a dia. Estamos sentados a uma mesa da cafeteria com outros amigos e colegas, e já ressoam os risos quando mostro fotos de Bilel posando cheio de si e, principalmente, fotos minhas vestida de Mélodie. Lou tira um sarro, e Hadrien segue no embalo:

— Uau, que sexy você, vestida desse jeito!

— Esse seu combatente sempre pinta os olhos desse jeito antes de ir para a guerra? De repente, quando acabar o lápis dele você pode emprestar o seu!

Ironizar essa história me faz bem. Hadrien pergunta se Bilel realmente acredita que tenho vinte anos. Conhecendo o meu passado nos mínimos detalhes, não entende que alguém possa me achar assim tão novinha. Respondo que o terrorista, estranhamente, não expressou nenhuma dúvida quanto a isso. Parece não estar nem aí para a minha idade. Ele se mostra tão seguro de si que, na verdade, acho que é incapaz de conceber a própria noção de dúvida. Jorram perguntas sobre minhas artimanhas para soar convincente. Relato alguns momentos mais cômicos, pondo em cena André e as acrobacias que faz para fotografar, sem ser visto, Mélodie na frente do computador. Só não me estendo sobre a dimensão amorosa que Bilel quer dar ao “caso”.

— Como você consegue falar com ele por Skype sem ele te ver?

— Mas ele me vê!

Como prova, pego o meu *hijab*, que às vezes trago comigo por via das dúvidas. Crescem as gargalhadas.

— Você é completamente doida! — exclamam alguns presentes, se matando de rir.

— E quando ele fala com você em árabe? — uma amiga pergunta, entre uma risada e outra.

Tiro da bolsa um livrão de capa amarela e preta, a arma derradeira: *L'Arabe pour les nuls* [Árabe para ignorantes]. Com essa, acho que eles todos quase se engasgam de rir. Embora

Bilel e Mélodie sempre conversem em francês, com frequência empregam palavras ou expressões em árabe. Meus amigos pedem para que eu repita umas frases que digo para ele, e se divertem com meu sotaque ruim. Brincando, até chamamos Bilel de “meu futuro marido”. Acho graça, e com isso desdramatizo o contexto. Enquanto subimos para a redação, Lou me chama à parte e pede, por favor, que eu tome o maior cuidado. As coisas que eu conto podem ser muito engraçadas mas, mesmo assim, não gosta nem um pouco dessa reportagem. Antes de ir para a sua sala, Hadrien me diz mais ou menos a mesma coisa. Só acrescenta que, se eu estiver lidando com um peixe grande para valer, estou com uma matéria e tanto na mão. Hadrien não sabe exatamente qual a posição de Bilel na hierarquia do EI, nem eu ainda, embora já tenha dado para concluir que ocupa um cargo importante. No fim do intervalo, cada qual retorna às suas ocupações. A tela do meu computador exibe a página principal do site extremista Sham News. Pode trazer muita informação interessante, apesar de ser pró-Daesh, logo, tudo menos imparcial.

À tarde

Depois de várias horas conferindo as alegações de Bilel, descubro, surpresa, no meu endereço profissional, um e-mail de Guitone, o “assessor de imprensa”. O qual sabe estar falando com Anna, a jornalista. Desconhece a existência de Mélodie.

Guitone está atrás de notícias. Parece se entediar no terraço de um café, onde diz estar “de olho nos intrusos”. Imagino-o encarapitado no alto de uma guarita, soprando o corno em caso de perigo, como na série de sucesso *Game of Thrones*. Os dois universos, de certa forma, se parecem. Tal como na ficção, o EI defende seus territórios, quando não está conquistando outros. A vida não vale nada, o roubo e o estupro correm soltos. Usa-se o sangue derramado para pleitear uma causa, mas, no fundo, tudo não passa de lutas territoriais. Suponho que, sendo francês, Guitone deva fatalmente conhecer Bilel: ele é o *Who's Who* dos islamitas que ocupam a Síria! E, de qualquer modo, conhece todo mundo.

Alego ter lido uma matéria sobre um tal Abu Bilel, ele por acaso conhece? Guitone responde afirmativamente. Vibro. E, o que é melhor, ele acrescenta: “Esse Bilel não está para brincadeira. Tenho o maior respeito por ele. Ele ensina para a gente as técnicas de guerrilha que aprendeu com os chechenos. Ele é um emir. E é, principalmente, o combatente francês mais próximo de Abu Bakr al-Baghdadi”. Guitone encerra a frase com uns dez pontos de exclamação, para bem

destacar a importância do vínculo entre Bilel e Baghdadi. E me dá assim um gancho que não podia ser melhor: na maior inocência, pergunto se Baghdadi é o chefe do Daesh. Já sei a resposta, mas quero ver como ele vai formulá-la. Sim, diz ele, Baghdadi está à frente do EI. Guitone afirma que nem ele sabe onde se encontra Baghdadi. Mas que o líder controla tudo. Aliás, “ele em breve será o califa supremo, como está escrito”. A partir daí, evita as minhas perguntas e fala dos seus Nike novos que, “na Síria, estão a preço de banana”. E pede para eu deixar isso bem claro nas minhas matérias. Me despeço do meu correspondente e vou fuçar na rede, atrás de mais informações sobre Baghdadi.

Não encontro nada que já não saiba: Abu Bakr al-Baghdadi, na verdade Ibrahim Awad Ibrahim Ali al-Badri, conhecido por suas várias identidades, é um iraquiano de 42 anos. O governo americano prometeu 10 milhões de dólares a quem fornecer informações que ajudem a localizá-lo. Descubro uma coisa: a revista *Time* acaba de elegê-lo o homem mais perigoso do mundo... Quanto a mim, tenho a confirmação de que esse beligerante aguerrido e hiperparanoico tem por homem de confiança o francês... Bilel, o qual me considera sua futura esposa! Ainda ontem, Bilel contou a Mélodie que os dois homens tinham se encontrado numa cidade fronteiriça entre Síria e Iraque... E eu não acreditei um segundo sequer. Bilel é mesmo o braço direito do líder do EI? Penso no “peixe grande” que Hadrien mencionava ainda há pouco, no corredor.

Respiro fundo. Vai dar tudo certo.

Ergo a cabeça para compartilhar a informação com as colegas com quem divido a sala. Elas caçoam delicadamente. Rimos juntas. Enquanto isso, o Facebook segue bombardeando a conta de Mélodie com notificações de Bilel. Duas mensagens se repetem uma dúzia de vezes:

“Você está aí?”

“Bebê!!! Alô!!!! Alô!!!!

À noite eu respondo. Não na frente de tanta gente... Contar a história é uma coisa. Ser observada é outra. Me sinto meio

agoniada, mas não preocupada de fato. Pelo contrário, já que é para fazer esse teatro todo, que ao menos a história de Mélodie e Bilel me leve ao máximo possível de descobertas. Já me arrisquei tanto que seria besteira parar a essa altura do campeonato. Vivo num microcosmo cercada de repórteres, alguns dos quais cobriram desde a primeira Guerra do Golfo até o início da Primavera Árabe. Munidos de coletes à prova de balas, vejo-os partir regularmente para esses países em guerra como outros pegam o metrô. Eu mesma já tomei mais de um susto sem precisar ir muito longe, em mortíferos tumultos na França, que opunham a extrema-esquerda à extrema-direita, em manifestações contra os imigrantes, contra tudo, também na Turquia e em outros lugares. Só que nesses casos estou em Paris... O risco, de que tenho plena consciência, me parece irrisório se comparado aos que alguns de meus colegas enfrentam. Pressinto que existe um perigo, mas não sinto a ameaça. Porque ela, na verdade, está suspensa.

As várias conversas que tive durante o dia ecoam em mim a frase famosa de Michel Audiard que meu irmão mais velho gosta de repetir: “Dois intelectuais sentados irão menos longe que um bronco andando”.

Nesse mesmo dia, às 17h30

Fim do expediente. Saio diretamente com André do jornal. Ele, desde de manhã, não parou de me perguntar se eu estava bem. E agora ele repete mais uma vez que essa reportagem tem que acabar logo. Minha calma o surpreende. Sua preocupação me comove. Mas André tem razão. Se Baghdadi é de fato o homem que se esconde por trás do mal, e se for confirmado seu vínculo com Bilel, é melhor mesmo concluir depressa a investigação. Comuniquei ao chefe supervisor do projeto que Baghdadi podia estar ligado ao caso, mas com André não fui tão clara. Embora a vontade de saber mais, de cumprir até o fim minha missão de repórter, seja maior que minhas reticências, começo a perceber que ela também amortece meu instinto de preservação. Entretanto, Bilel é uma verdadeira mina de informações. Em tão pouco tempo, já posso ver com mais clareza as práticas do Daesh; vale a pena continuar mais um pouco... Um pouquinho só. André me aconselha a encurtar as conversas e fazer mais perguntas diretas. Retruco que assim me arrisco a despertar a desconfiança de Bilel, e se quiser que o pote de barro chegue a dominar o pote de ferro, Mélodie deve continuar sendo um ouvido atento e paciente com os humores do terrorista, e isso não se resolve numa única e última conversa. Mesmo brincando odiosamente com ela e com seus sentimentos, como provavelmente faz com todas as demais presas que persegue da mesma forma, não deixa de estar apegado a ela.

Tenho notado, de uns dias para cá, sua crescente impaciência para ver sua prometida, conversar com ela. Já não se trata só de um “chat”. Acho que, se Mélodie fosse para a Síria, acabaria mesmo se casando com Bilel. Ele não faria dela uma mera escrava sexual a serviço do repouso do guerreiro. Tampouco acho que seria um marido gentil, não sou tão ingênua; embora ele negue, já deve ter no mínimo uma esposa em algum lugar. Mas as conversas noturnas com sua prometida são sua recompensa depois de um dia passado na linha de tiro. Adormece sonhando com ela. Nem ousa imaginar seus devaneios nessas horas. Minha vantagem é exatamente esta: ele acha que está enrolando Mélodie, mas é tão carente de atenção que ela é quem conduz a dança. Ela faz pouco dos seus engodos, fazendo-o cair em seu próprio jogo. Ainda preciso do meu duplo virtual. Se for muito rápida no ataque, o que já é mais ou menos o caso, me arrisco a pôr toda a investigação a perder. No final dessa semana vou tirar uns dias de férias com Lou. Então encerro a matéria.

Às dezenove em ponto na Síria, ou seja, dezoito horas na França, Bilel, uma hora adiantado, está diante do computador esperando por Mélodie. Está nos trinques. Dá para ver que andou se arrumando. O miliciano passa mais a imagem do picareta satisfeito com a própria aparência que a do guerreiro que ele pretende ser. Embora nada mais me espante, vindo desse homem e de seus congêneres, há momentos em que o contraste entre seu fanatismo declarado e suas atitudes de adolescente tardio consegue me surpreender. A essa altura do campeonato, já não sinto vontade de rir. Nem de chorar, aliás. Bilel está esparramado na poltrona rasgada de um cibercafé lúgubre e vazio, e seus olhos despertam quando vê sua prometida. Ele se apruma e disfarça a ansiedade adotando sua pose de chefão predileta. Cabeça levemente inclinada para trás, enfia os Ray-Ban dourados de lente espelhada que engolem seu rosto quase inteiro. No entanto, a essa hora tardia o país já se encontra mergulhado na penumbra, e a sala exígua em que ele está é bastante escura... Está vestindo uma jaqueta estilo

aviador, vinda diretamente de outra era. O conjunto lhe dá um ar de Starsky, o parceiro de Hutch. Bilel conta o seu dia para Mélodie. Ela, em troca, fala apenas nos perigos a que ele se expõe com seu “trabalho”. Ela teme por ele. André me faz uma cara feia. Bilel tranquiliza Mélodie: ele é valente, já passou por muita coisa pior. Nada o assusta. Aliás, não teria conquistado tanto prestígio dentro da organização se não tivesse se revelado um estrategista. Sinto que ele gostaria de dizer “grande estrategista”, mas a falsa modéstia que ele ostenta o contém. É tão humilde esse Bilel, Mélodie só pode admirá-lo. Queria saber mais sobre ele. Bilel lhe revela mais detalhes do seu cotidiano.

Dependendo da duração dos combates, o guerreiro só consegue umas poucas horas de sono dentro do carro. Dorme de duas a cinco horas por noite. O resto do tempo ele passa entre Raqqa, o QG do Daesh, onde a vida não é boa para quem não jurou lealdade a Baghdadi, e outra cidade vizinha, distante uns vinte quilômetros. Não, ele não está mais em Aleppo... Mas, para a segurança de Mélodie, é melhor ela não saber onde ele está exatamente. Em Raqqa, a charia tem sido aplicada estritamente, ao pé da letra. Bilel aprecia essa firme transcrição de seus próprios preceitos religiosos. Descreve para Mélodie uma cidade tão linda, tão livre, acima de tudo, com seus cafés, cinemas e butikues. Ele e seus homens já libertaram a cidade, e os habitantes se sentem tão gratos, dão mostras tão calorosas de respeito! (A verdade é que 75% dos habitantes querem fugir da cidade, mas são impedidos pelo Daesh, em nome de leis que não são as daquele lugar.) Bilel é um policial, e o EI, sua milícia. Contradições à parte, explica para Mélodie que em Raqqa as mulheres têm absoluta obrigação de usar o véu integral e só saem em horas bem determinadas, acompanhadas de seu marido, pai ou irmão. Essas são as únicas limitações. Que aliás, segundo ele, nem são limitações, de jeito nenhum. Se, nas ruas de Raqqa, uma mulher acompanhada do marido

estiver “mal velada”, o Daesh cobra do marido uma multa de 75 a 200 euros. E ai dele se não pagar de imediato por esta “infração”: sua mulher é executada. Se o marido, por sua vez, não estiver vestindo *djelaba* e usando barba, o Daesh, em punição, vai lhe extorquir cerca de trinta euros. Os moradores das cidades tomadas pelo EI não têm escapatória. Resumindo, é o “andar ou morrer”, sinistro refrão dos regimes ditatoriais. O Daesh justifica o dinheiro cobrado com um dos cinco pilares fundamentais do islã: o *zakat*. Costuma-se descrever o *zakat* como um imposto, sem saber direito o que significa. Simboliza, na verdade, o fato de que todo muçulmano tem obrigação de ajudar quem pede esmola. Como diz outro Deus, no Antigo Testamento: “Ajuda o teu próximo como a ti mesmo”. O *zakat* não tem nada a ver, portanto, com uma barba curta demais ou um véu ajeitado às pressas... Muito menos quando é dos mais desfavorecidos que o “fisco daeshiano”, que acumula milhões por dia com o tráfico de petróleo, cobra à força esse dinheiro destinado a financiar os macabros projetos da organização.

Em Raqqa, Bilel não está autorizado a usar o celular. Poderia ser localizado. Além de que o sinal é bem ruim. Só pode se comunicar por walkie-talkie. Ou pela internet, cujo acesso é meio aleatório, exceto nos cafés, onde todo mundo pode ouvir a conversa. Bilel então se levanta todo dia às seis da manhã e procura um lugar ainda pouco frequentado para enviar um bilhetinho de amor para Mélodie. “Tenha um bom dia, meu bebê. Pense em mim. Saudades.” Seguido de um monte de emoticons representando corações vermelhos. Isso, no começo, me dava arrepios. Depois, fui aprendendo a achar graça, junto com André e meus colegas que sabem da história. E por fim, esse comportamento opressivo em relação a Mélodie acabou me cansando. Em certos momentos, me dava vontade de jogar o computador no chão. Agora me limito a revirar os olhos.

Ao volante de sua picape, blindada de armas e garrafinhas de leite achocolatado que ele adora, Bilel percorre trezentos

quilômetros toda manhã “para fazer intervenções”. Não dá maiores detalhes a Mélodie. Mesmo supondo que ele às vezes precise transitar em zonas sensíveis, tenho atualmente quase certeza de que ele passa os dias em Deir Ezzor, próximo à fronteira iraquiana, justamente situada a cerca de trezentos quilômetros do seu QG. Ele conta para a sua prometida que, no caminho, distribui ordens aos seus batalhões franceses. Decide as prioridades cotidianas. Quem vai para a linha de frente. Quem vai policiar as cidades controladas pelo EI. Quem vai se encarregar dos infiéis “cuja hora já chegou”... Também há cursos de religião para organizar, além de cursos de língua, já que os combatentes têm chegado em massa e nem todos dominam o árabe. Sem contar que cada mujahedim da Síria fala o árabe lá dele. Cada nacionalidade possui seu próprio dialeto, e as conversas se tornam rapidamente incompreensíveis. Bilel é um emir, cabe a ele antecipar as situações e, portanto, os problemas. A Mélodie ele relata o conteúdo das “reuniões secretas” que organiza em comitês muito seletos. Quer com iraquianos, quer com membros da Al Qaeda desejosos de virar a casaca. Essas reuniões acontecem, na maioria das vezes, em recantos escondidos dos túneis subterrâneos que unem a Síria ao Iraque. Bilel afirma possuir um mapa e conhecer de cor e salteado os menores recantos usados como esconderijo ou local de encontro. Ele próprio cavou alguns e os camuflou. Durante as reuniões, Bilel tem por missão “negociar a paz”. Porque ele é “o francês mais graduado, o mais próximo de al-Baghdadi”. Pela primeira vez, ele menciona a Mélodie seu vínculo com o “califa”, confirmando assim as declarações de Guitone.

Foi Bilel que, recentemente, al-Baghdadi designou para se encontrar com al Julani. Ele conta isso inocentemente, por fanfarrice, para Mélodie que, de qualquer maneira, não sabe do que se trata. Mas, para mim, fornece informações preciosas. Abu Mohammed al Julani é o chefe da principal brigada síria da Al Qaeda. Nas diferentes milícias que se opõem na Síria e no Iraque, ele encarna uma das principais figuras emergentes

do terrorismo no Oriente Médio. Isso me confirma que, se o Daesh enviou Abu Bilel para “negociar” com esse homem praticamente invisível, é porque ele efetivamente ocupa, na organização, um cargo de especial importância. Mélodie, como quem não quer nada, pergunta como foi essa última reunião. Bilel responde orgulhosamente que os dois homens chegaram a um acordo e que o califado será proclamado em breve. Mas quem irá exercê-lo? O Estado Islâmico ou a al-Nusra, o principal ramo sírio da Al Qaeda, pergunta Mélodie, para mostrar ao seu interlocutor, tão erudito, que entendeu direitinho o que ele lhe ensinou. O semblante de Bilel se contrai. Trata-se de uma questão crucial, uma vez que os dois clãs querem deixar seu nome inscrito na História. Ele explica que ambos concordaram no ponto principal: a Síria será um Estado Islâmico. A Al Qaeda, que se dedica essencialmente à instauração de células visando os ocidentais, deverá estar mais presente junto ao Daesh na Síria. Ele, em suma, sai pela tangente.

Mélodie não perde tempo perguntando sobre o ouro negro. Como é seu costume, o fanático vai desconversar e não falar nas prósperas refinarias de petróleo. Ele está libertando um povo; tem que derrotar os malvados. Mélodie admira a sua coragem. Não compreende todos os seus sonhos, mas considera que sua ideologia é justa e nobre. Esse homem sabe tão mais que ela sobre a vida. Ela está impressionada. Pergunta quantos combatentes do EI se encontram no lugar.

— A gente aqui não diz Estado Islâmico, e sim, *Dawla islamiyya fi Iraq wa Chaam!* Somos um exército, 10 mil homens pelo menos!

— Nossa! Tantos assim!

— Um pouco mais, até... Daqui uns seis meses, pelo andar da carruagem, seremos uns 50 mil.

— Pelo andar da carruagem?

— Todo dia chegam novos combatentes. Muitos franceses, belgas e alemães. Muitos tunisianos também. Sem contar todos os sunitas da região que se juntaram a nós, e as brigadas

do mundo inteiro, como a Boko Haram, que nos jurou lealdade.

Os números futuros são um tantinho exagerados, mas o resto é tragicamente verdadeiro...

Bilel, esta noite, está a fim de fazer confidências. Mélodie aproveita.

— Já que me interesso por você, quando estou sem notícias procuro me informar, e pelo que entendi, tudo aí é muito bem organizado. Como é que funciona?

— Cada um tem uma função. Quando chega aqui, a menos que já tenha experiência, você segue o programa básico: aula de língua de manhã, aula de tiro à tarde. Você dorme numa habitação chamada *katiba*, com uma maioria de francófonos e também com combatentes experimentados encarregados de guiar você em sua espiritualidade. Ao fim de duas semanas, ou bem você já está forte o bastante para combater, e é encaminhado para a linha de frente e para as operações secretas. Ou bem se especializa em alguma área específica, como o recrutamento ou a contraespionagem. Pode também se encarregar de tarefas nobres, como visitar jihadistas feridos nos hospitais, ou levar remédios para os necessitados. Pode se tornar pregador e ensinar o Alcorão aos ignorantes. O resto do tempo, você faz o que quiser! A vida aqui é boa, e os preços são irrisórios! Estamos lutando para viver livres!

Viver livres... Bilel, no retrato idílico que apresenta para Mélodie, tem o cuidado de não confessar que, na verdade, boa parte dos jihadistas cumpre funções subalternas.

— Mas eu, por exemplo — prossegue Mélodie, pragmática — não tenho dinheiro. Mesmo que o custo de vida não seja muito alto, de acordo com a charia eu não tenho o direito de trabalhar. Então, o que é que eu faço?

— Você é mulher, é diferente. Minha futura mulher. *Inch'Allah*. Seja como for, a organização paga a todos os seus fiéis um salário mensal que vai de 50 a 250 dólares. Na Síria, você ganha muito mais que na França! Pode até ficar rica. Na França só te fodem, mas aqui, nós é que fodemos os infiéis

franceses! Mas homens e mulheres não cumprem as mesmas tarefas: isso que eu falei é o programa de formação dos homens.

— Dizem que esses que viram camicazes apressam uma morte que já esperam com impaciência, talvez porque queiram voltar. Mas não podem voltar, porque aí vão para a cadeia. É verdade?

Estou me referindo a Nicolas Bons, o jovem toulousense católico, tardiamente convertido ao islã, que ficou conhecido pelo vídeo que produziu com seu irmão caçula, endereçado ao presidente Hollande e pedindo que este se convertesse ao islã. Rosto sorridente, convidava os europeus a se unir a ele na Síria para efetuar o jihad. Ele tinha recrutado seu irmão, que morreria poucos meses mais tarde, aos vinte anos, como bucha de canhão, em nome de uma causa que nunca fora sua. Pouco tempo depois, Nicolas, que até então cumpria a dupla função de professor de língua e recrutador de europeus, se ofereceu como voluntário para uma operação camicaze, pela primeira vez desde que se juntara ao Daesh. À época, vi sua última foto antes de se lançar para o túmulo. Apontava o dedo indicador para o céu, como fazem muitos muçulmanos para designar Deus. Seu sorriso forçado já não tinha nada a ver com aquele que exibia no vídeo endereçado ao presidente. Seus olhos pareciam vazios ou, mais precisamente, cheios de desilusões. Estive com seu pai, dono de uma próspera empresa do ramo da energia solar, após a morte de seus dois filhos mais velhos. Estabelecido na Guiana desde muitos anos em função de seu trabalho, Gérard Bons aceitou me receber, num dia relativamente chuvoso, num hall de hotel dessa triste cidade que é Caiena. Apertou minha mão com firmeza e, enquanto eu observava seu semblante que parecia estar para sempre petrificado de dor, o patriarca declarou, para início de conversa: “Já lhe aviso que vou lhe conceder só vinte minutos de entrevista. Voyeurismo, lágrimas e jornalismo

sensacionalista não são a minha praia”. Menos de cinco minutos depois, quando evoquei o remorso do último filho que lhe restava, ele desatou em prantos. Eu tinha estado com o caçula da família no dia anterior, junto com a sua turma de amigos, que era também a de seus irmãos. Ele me parecera estar em estado de choque e tomado por um forte sentimento de culpa. Tendo enfrentado várias vezes a morte de pessoas próximas, sei o quanto é importante administrar esse sentimento antes que ele se instale para sempre. Em vez de falar nos falecidos, tentei convencer aquele pai de família a se dedicar aos vivos. A saber, o irmão mais novo. Conteí algumas experiências dolorosas da minha vida pessoal, falando de algumas chaves que tinham me ajudado. Mas nunca descobrimos todas as fechaduras, ou a vida não seria o que é. Eu devia isso para um pai que aceitara me falar da dor de perder, não um filho, mas dois. E esse homem discreto me deu, com dignidade, um depoimento lúcido e pungente. Vivia pedindo para Nicolas voltar para casa, mas sempre ouvia a mesma resposta: “Eu bem que queria... Mas não se sai da Síria assim tão fácil, pai... E mesmo que eu conseguisse, iam me mandar para a cadeia assim que chegasse à França”. Gérard Bons me disse que Nicolas se sentia responsável pela morte do irmão menor. Segundo ele, o filho se suicidou deliberadamente para acabar com uma culpa que não o deixava em paz.

Mal tenho tempo de lembrar essa família digna, mas destruída. Bilel responde de pronto para Mélodie:

— Nada disso, pelo contrário, os camicazes são os mais fortes! Nós, aqui, julgamos a força por duas coisas: a fé e a coragem. Quem tem coragem de se deixar explodir por Alá vai para o paraíso com todas as honras, posso te garantir.

Os camicazes até podem, é claro, ser beligerantes dispostos a sacrificar sua vida. Mas, em geral, pelo menos no Daesh, os mais fracos cuidam dos trabalhos gerais (servir de motorista,

preparar as refeições...) e os “um pouco menos fracos” se deixam explodir. Um a mais, um a menos... Suas fileiras engrossam a cada dia que passa.

— Você me diz todo dia que só quer uma coisa: o paraíso. Por que também não faz uma operação camicaze?

Ele leva um tempo para responder.

— Ainda precisam de mim por aqui... Minha hora ainda não chegou, *inch'Allah*.

— Você me fala muito nos recém-chegados, mas como são as coisas para homens como você, mais aguerridos, mais velhos? Você tem 38 anos, o noticiário aqui fala mais nos menores de idade ou jovens adultos que vão para o jihad.

Ai, ai, ai. Mélodie ofendeu Bilel. Ele exclama, com ar ressentido:

— Como é que você sabe que eu tenho 38 anos?

Minha vontade é dizer para esse idiota, que afirma ser um temível gênio da contraespionagem, que no seu perfil do Skype consta a sua cidade: Raqqa, sua nacionalidade: francesa, e sua idade: 38 anos. Por uma razão mais pessoal, eu não tinha como esquecer: Bilel nasceu em 1976, no mesmo ano que um dos meus irmãos. Ironia do destino, tenho essa data tatuada, bem pequenininha e escondida, debaixo do anular direito. Eles, ainda bem, não nasceram no mesmo dia. Mélodie responde simplesmente que viu na internet. Bilel reage como um bom machão:

— Mas eu não aparento a minha idade. Todo mundo acha que eu tenho uns vinte, 25 anos! Tenho um bom patrimônio! Além disso, a idade é só um número. Se você soubesse quantas europeias querem vir para cá por minha causa... Eu agrado muita gente, sabe, bebê...

Não acredito! Bilel posando de estrela do rock! André revira os olhos. Sinto que ele está se segurando, fazendo a maior força para não ficar nervoso. Mélodie talvez pudesse mandar para o seu apaixonado um pote de creme antirrugos para alimentar seu lado “jihalescente metrossexual”. Eu até que me deteria uns instantes nesse novo aspecto do combatente

moderno, que acho tristemente fascinante do ponto de vista antropológico, mas sinto que André está querendo que eu abrevie.

— Mas e o programa para as garotas, qual é? É diferente se elas já forem convertidas?

— Pelo contrário! Nós, jihadistas, preferimos as convertidas! Ele ri, e André e eu trocamos um olhar surpreso.

— Por quê? — indaga Mélodie.

— *Mashallah!* Porque vocês são mais rigorosas com a religião, e, ao mesmo tempo, mais abertas para a vida! Não são como essas infiéis sírias que se limitam a usar o véu e não sabem como tornar um homem feliz. *Inch'Allah.*

Bilel acaba de se denunciar. Ele, que alardeia para Mélodie uma Síria cujo povo ele está libertando, acaba de insultar esse povo.

— Como assim, “nós, as convertidas, somos mais abertas”?

— Você sabe...

— Não, não sei...

— Vocês são mais faceiras, se é que você me entende...

— Continuo não entendendo...

— Vocês, com seus maridos, têm mais imaginação...

— Mas não é *haram* “ter mais imaginação” nesses assuntos tão íntimos?

— Com seu esposo, você pode fazer o que quiser, quando estiver a sós com ele. Para ele, você deve tudo. Mas só para ele. Deve fazer tudo que ele pede. Embaixo do *sitar* e da burca, você pode usar o que quiser. Cinta-liga, meia arrastão, tudo que seu marido aprecia... Você gosta de lingerie bonita, bebê?

Segunda-feira, 19h30

Interrompo a conexão. Assim, à queima-roupa, não me ocorre nenhuma resposta para a coitada da Mélodie oferecer. Tenho construído sua personagem aos poucos, dia a dia. Acho que já pensei em muita coisa até o momento, inclusive nos aspectos românticos. Mas não mexi na questão do erotismo. Hoje, a pesada vestimenta preta realmente me sufoca. Nervosa, tiro o *hijab*, tomo um copo grande de água e acendo um cigarro. A jornalista, a essa hora, não existe. O ser humano, sim. O terrorista me pegou de jeito, fico furiosa comigo mesma por ter focado tanto em outros pontos que não previ uma resposta para o caso de ele me puxar para esse terreno. Me viro para André, que xinga como nunca, andando em círculos pela sala feito leão enjaulado.

— Quem esse tarado pervertido, esse velho metido a galã pensa que é, para perguntar que lingerie você usa? Primeiro, praticamente te ordena ir para lá, depois, quer que você se case com ele, e agora começa com esse papo de cinta-liga! Na próxima vez, vai querer o quê, que você fique nua na frente dele? Em nome de Deus? Odeio esse cara.

Eu também, mas vamos manter a calma. A urgência imediata, agora, é responder logo para Bilel. Ele está ligando de volta, e se Mélodie não atender, pode acabar desconfiando de alguma coisa. Não posso despertar suas suspeitas de jeito nenhum. Fingindo entrar na sua ideologia medieval, portanto,

Mérodie fala num sussurro, como se um corpete apertado a impedisse de respirar:

— Vou usar o que for do agrado do meu esposo. Mas, não sendo casada, não falo nessas coisas com um homem.

— Muito bem, Mérodie, você é pura. Eu logo percebi. Antes mesmo de ver seu rosto, já sabia que você era linda.

— Mas você mesmo me ensinou que na religião a beleza não conta...

— Sim, claro. Mas você e eu faríamos uns filhos de rara beleza... *Inch'Allah*. Você parece ser do jeitinho que eu gosto, e eu, como já te disse, sou bonito...

Mais uma vez, Bilel visivelmente não escutou a resposta de Mérodie. Fica mordiscando os lábios enquanto a examina em silêncio. Baixo os olhos. Não há nada a fazer, além de esperar penosamente este momento passar. Do canto da sala onde se posicionou, André não vê Bilel, na tela, passando langorosamente a língua nos lábios. Como, num momento assim, induzi-lo a falar sobre Baghdadi ou outro assunto qualquer? Cerro os dentes. Só um pouco mais de paciência.

— Eu faço o seu tipo de homem? — prossegue ele.

— Eu não tenho um tipo definido.

— Mas você disse que me achava bonito! Então, se você não tem um tipo definido, permita que eu, mais uma vez, te peça para ser minha mulher...

— Mas Bilel, isso me apavora, eu não te conheço de verdade. Se eu disser que sim, vou estar te prometendo fidelidade e assistência até o fim da minha vida, e de repente você já tem várias mulheres...

Esse último ponto ele passa batido.

— Escute, você é a minha joia, e a casa onde vamos morar com os nossos filhos será o seu reino. Só falta você vir para cá e ver por si mesma que pode confiar em mim. Posso perguntar uma coisa?

A essa altura da conversa, estou preparada para tudo. Ele muitas vezes muda de assunto de forma superesdrúxula. É incrível a agilidade com que passa de relatos sangrentos e

pavorosos para um papo de conquistador barato dando sopa num site de encontros.

— O seu cabelo é comprido?

— É... Mas por que a pergunta?

— É comprido ou é meio comprido? Porque a maioria das garotas diz que tem cabelo comprido, e na verdade, ele é só meio comprido. Elas mentem.

E...? Confesso que não entendo aonde ele quer chegar. Tenho que me segurar para não cair na risada quando vejo a expressão perplexa de André, também totalmente pasmo de ver o jeito como Bilel passa das suas “façanhas” assassinas para as suas táticas baratas de sedução.

Nesse momento, a impressão é de estar num “adoteumjihadista.com”. Tenho por princípio buscar sempre o lado bom do ser humano, seja ele quem for, e acreditar que há sempre uma saída para as situações complicadas que a vida inevitavelmente nos impõe. Nesse caso específico, não há o que eu possa fazer quanto à pessoa em si. E muito menos quanto às circunstâncias. Mas esse papo delirante sobre o comprimento das melenas de Mélodie é um excelente antídoto para as perguntas, às vezes mais embaraçosas, que tenho que aguentar em seu nome.

— Meu cabelo bate no meio das costas!

— Quer dizer que não é comprido, é meio comprido!

— Sim, e daí?

— Nada, só que eu adoro cabelo bem comprido. E como é que ele é? Cacheado?

— Não muito, só é meio ondulado.

— Perfeito. Sempre pedi a Alá que pusesse em meu caminho uma convertida morena de olhos verdes, e aqui está você na minha vida, Mélodie. Minha mulher...

— Eu ainda não aceitei... Preciso desligar, minha irmã acabou de chegar, tenho que tirar o véu, senão ela conta para a minha mãe.

— Leve o computador para o quarto, minha esposa, eu espero o tempo que for preciso. Mas jure que me ama, por Alá

todo-poderoso...

— Mas eu durmo no mesmo quarto que a minha irmã. Preciso realmente desligar, Bilel.

— Está bem. Mas antes, saiba que vou dormir seguro de ter encontrado a mulher que Alá pôs em meu caminho.

— O.k., Bilel. *Mashallah*. Durma bem.

— Mélodie... Nunca se esqueça de que você agora é minha mulher. Você me pertence por toda a eternidade. Entendeu? Não esqueça!

Segunda-feira, 20 horas

Fecho o computador. André vem se sentar comigo no sofá e me oferece um cigarro no maior silêncio. No tempo de ele se consumir, não dizemos palavra. Pela primeira vez, me pergunto se não estou ficando esquizofrênica, entre esses momentos, no fundo ridículos, que estão mais para comédia, e esses em que a angústia que sufoco ressoa dentro de mim. André, por fim, explode. “Chega! Para tudo! Agora! Acabou a reportagem! Fim! *Rhallas!* Você tem noção do risco que está correndo? Amanhã, última conversa com Bilel, e damos um sumiço definitivo em Mélodie. Entendeu?” Fico calada. Estou de acordo, mas não sei o que dizer. Está “tudo” dentro de mim, mas não quer sair. Sou um equilibrista andando sobre um fio invisível.

E Milan que está para chegar... Pelo menos, terminei a tempo. Não queria que ele me visse assim, na pele de outra. Milan não entende direito no que estou trabalhando. Sabe que envolve um contato regular com um jihadista francês na Síria. Só isso. Me sinto exausta, esgotada, sem nenhuma energia. Toca o interfone. Deve ser Milan. Peço para André se manter evasivo sobre a reportagem, vou abrir a porta e volto para a sala. Nisso, toca o sinal do Skype no computador. É Bilel chamando de novo. Nem pensar em atender. Mas André insiste para eu tornar a vestir a roupa de Mélodie; Bilel talvez tenha algo importante a dizer. Senão, por que iria ligar de novo sabendo que Mélodie não está podendo falar? Hesito.

Escuto Milan tirar o capacete na escada e galgar rapidamente os degraus. Me sinto sufocar. Sem pensar, enfio de qualquer jeito o véu e a *djelaba*. E pressiono o botão verde no exato momento em que ouço Milan fechar a porta do apartamento. Daqui a três segundos, o tempo de cruzar o corredor, ele vai me ver desse jeito. Isso vai mexer com ele, e me odeio por nem poder olhar um instante para ele. André faz sinal para ele ficar quieto num canto da sala. Tento me concentrar no que Bilel está dizendo enquanto, com o rabo do olho, busco meu namorado de verdade. Nossos olhares se cruzam. Ele baixa o seu em seguida. Não me reconhece. Ou reconhece, e é insustentável para ele. Ele, que quase nunca fuma, vai até a janela e acende um cigarro. Sinto tanta vergonha de ficar de trejeitos com outro na frente dele. Não interessa que seja num contexto profissional. De certa forma, é até pior. Nunca me imaginei um dia fazendo isso que estou fazendo. Muito menos na frente do homem que amo. Se eu me esquivei de falar com ele das vestes escuras exigidas por meu avatar, no que mais posso ter mentido... Em mais nada, claro, mas minha atrapalhão joga em meu desfavor. Tenho medo de que ele esteja se fazendo as perguntas erradas. Que vá dormir com interrogações inquietantes na cabeça.

— Só queria te dar mais um boa-noite, bebê.

Legal! Bilel não tem nada a dizer para Mélodie, além de afirmar outra vez, e mais outra, de forma mais e mais invasiva, a voracidade do seu “amor”. Eu não devia ter dado ouvidos a André e atendido essa última chamada. E ainda por cima na frente de Milan... Estou sem paciência nenhuma. Mélodie responde, não muito amável:

— O.k. Boa noite, Bilel. Mas eu te falei que não era seguro para mim conversar com você agora. Olha, eu respeito as instruções que você me dá, então, por favor, escute as que eu lhe dou. Se a minha irmã entrar aqui agora, estou acabada. Vou desligar.

— Está bem. Tenha bons sonhos, minha esposa, e nunca esqueça que você é minha para sempre.

Ele corta a conexão. Desde o início dessas entrevistas, minha sala já ouviu muitos silêncios pesados. Frases de gelar o sangue, que André e eu nunca relatamos. Mas, pela primeira vez, essas palavras insanas me abalam psicologicamente. Porque Bilel, sem saber, tocou num ponto fraco meu, da jornalista. O que ele agride através de Mélodie são meus valores, minhas convicções de cidadã e minha ideia de humanidade. Agora, com a presença de Milan, acabou de mexer com a minha vida pessoal. E o pior é que a culpa é minha. Vários sentimentos se atropelam dentro de mim. O constrangimento e a raiva dominam os outros, que custo a definir. É tudo tão rápido. Arrancando o *hijab* e a *djelaba*, me transformo outra vez em mim mesma e corro até a janela para junto de Milan. Abraço-o por trás, enquanto ele fica parado fumando, como alguém que não tem esse hábito. Sussurro que sinto muito. Ele traga seu Marlboro Light nervosamente.

André arruma as suas coisas, percebendo que é melhor ele ir embora. Pouco à vontade, continua a falar, fazendo o possível para desdramatizar a conversa. Nem bem bate a porta atrás de si, Milan me oferece um capacete de moto e pede para eu passar a noite em sua casa. Mas claro... Sei perfeitamente o que ele está sentindo. Eu também, na primeira vez, não quis dormir em casa. Ele examina minha minissaia e minha camiseta com estampa da banda inglesa The Clash, e seu olhar me parece diferente do normal. Diz que está preocupado comigo. Lamenta não entender tudo que anda acontecendo na Síria, mas, para ele, é evidente que estou correndo perigo. Queria que eu tivesse contado mais sobre o assunto. Mas, agora que já viu, a menos que haja algum problema, ou que eu precise viajar em função da reportagem, não quer saber mais detalhes. Por mim, tudo bem. O resto da noite é nosso. Me culpo, no entanto, por envolver mais alguém nessa história. “Quanto menos se sabe, menos se teme.”

Adormeço confusa e envergonhada. Como se acabasse de ser pega em flagrante delito de adultério. Os braços de Milan me envolvem, mas seu gesto tem mais de automatismo do que de carinho. Essa noite, pela primeira vez, a história de Mélodie, meu avatar, impacta a minha vida. Uma vida que nada tem de virtual.

Dois dias depois

Desde que Abu Bilel passou a trombetear que vai se casar com Mélodie Nin, ela tem muitos novos amigos digitais. Suas recentes postagens no Facebook conclamando ao jihad “humanitário” lhe valem uma multiplicação de “pedidos de amizade”, e principalmente de mensagens privadas. Mulheres que glamorizam as mujahidins, chamando a si mesmas Umm “de tal” e especificando em seu perfil que não querem saber de viver em função dos homens, pedem a Mélodie conselhos sobre o trajeto mais seguro até o Sham. Há mensagens em francês, flamengo, árabe e, creio, até mesmo em alemão, um verdadeiro *mix* de línguas. Até meus amigos que falam fluentemente diversos dialetos da língua árabe se perdem nessa algaravia de palavras invertidas e deformadas de acordo com as origens. As perguntas são às vezes tão técnicas quanto incongruentes: “Preciso levar dezenas de caixas de absorventes ou tem lá?”; “Se eu chegar sem marido na Síria, é melhor eu não chamar a atenção levando um montão de calcinhas chamativas na mala: meu futuro marido me tomaria por uma impura. Mas tem esses artigos lá?”. As preocupações dessas candidatas à morte me deixam pasma. O que eu poderia lhes responder?

Sempre passo minhas noites fazendo Bilel falar. Às vezes falamos sem a presença oculta de André, tanto Bilel anseia e exige ver Mélodie. Não posso me ater unicamente ao que se refere ao Daesh e à Síria. Só faço isso atualmente, passando ao

largo da densa atualidade do momento, especialmente a atualidade ucraniana. Antes de encontrar Milan, ou quando ele está ocupado, ponho o *hijab* de Mélodie e encontro seu pretendente à luz da noite. Uma grande parte dessas noitadas é gasta na minha casa, no meu sofá, sentada na posição de lótus e coberta com o véu. Responder a essas moças para enriquecer minha matéria seria uma amoralidade que não considero um só instante. Sei como a juventude tem o poder de tornar alguém impetuoso e frágil. Eu me contento em não dar seguimento. Isso me faria entrar em debates sem fim e sem grande resultado. Só reajo aos casos de partida que me parecem iminentes. Redigi uma mensagem “copiada-colada” na qual Mélodie as desaconselha de partir e que envio sistematicamente a elas (poupo-os aqui dos erros e *smileys*):

Salam, minha irmã,

Como você, perdi a esperança e acabei me atolando em meu país e suas leis, nem sempre compatíveis com as nossas. O islã me salvou da desilusão e do mal. Mas ser uma boa irmã é, primeiro, se comportar dignamente, discretamente, e se debruçar sobre a religião em nosso quarto, a partir do Corão, e não assistindo a vídeos que pregam tudo e qualquer coisa. O jihad se faz primeiro em nosso coração, respeitando os nossos preceitos religiosos. Sendo bom com o próximo desvalido, seja ele sírio ou outro. Não adianta nada partir para se provar alguma coisa. Você só tem de abrir os olhos: ao seu redor, as pessoas, os seus, necessitam de ajuda. Se você se questiona, faça como eu, fale com seus pais (e olhe que sou convertida) e pense na dor que vai causar a eles partindo. Em todo caso, eu havia previsto toda a minha viagem, estava em contato com um monte de jihadistas. Estava segura de mim. E, depois, apliquei os conselhos que te dou, e hoje sou mais feliz que nunca.

Sei muito bem que meu discurso não passará de uma gota d'água no oceano de perdição em que essas moças se afogaram, mas não posso fazer nada. E, inconscientemente, pode ser que isso me deixe de consciência tranquila...

Jihadistas francófonos também se dirigem à Mélodie. São educados e corteses. Têm entre 16 e 27 anos, e suas três primeiras perguntas são sempre as mesmas:

“Você está no Sham?”

“Qual a sua idade?”

“Você é casada?”

Não tenho mais tempo para aprofundar esses debates desinteressantes. Mantenho, no entanto, contato com Abu Mustapha,* um francês de 27 anos, soldado da infantaria do EI que parece mais lúcido do que os outros. Mais honesto também. Abu Mustapha pratica seu culto assiduamente desde garoto. Conhece muito bem a história das religiões, da sua origem aos nossos dias. Leva sua vida em função do seu Deus, porque é assim que ele se realiza, sem necessidade de fazer proselitismo. Não conclama o derramamento de sangue. Sabe que seu jihad reside primeiro numa busca espiritual que ele faz para si mesmo. Como um cristão se recolheria em peregrinação ao Vaticano. O jihad não implica necessariamente a guerra. A hégira, sim. Al-Qaeda, Daesh e certas outras brigadas venderam a coisa a seu modo. Abu Mustapha partiu para o Oriente Médio por todas essas razões religiosas. Em busca de si mesmo, ele ainda não se transformou em assassino. Nunca posta fotos suas no Levante, nem slogans de propaganda. Nada do que sei dele me dá a impressão de que ocupe um cargo de combatente. Ele se contenta com publicar bonitas suratas. E conclama a uma só coisa: à aplicação da fé quando se é crente. Ele sempre seguiu ao pé da letra sua religião e pensava encontrar na Síria uma terra mortificada que, com seus novos irmãos, ele conseguiria libertar e metamorfosear em Estado islâmico. Pelo menos é o que imaginava quando resolveu largar tudo. Desde que se encontra onde desejava, sofre uma grande decepção. Ele confia a Mélodie que às vezes experimenta a sensação de “viver na mentira”. Nós só conversamos por escrito, e no entanto percebo nele uma solidão perturbadora. Mélodie lhe pergunta

por que ele não volta, ou por que não procura constituir uma família, longe da barbárie, se isso ainda for possível.

“Sou religioso desde pequenino. Minha família é muito praticante. Eles não têm vergonha de eu estar na Síria, porque sabem que meu coração é puro. Mas têm medo do Daesh, da Nusra, do exército de Bashar e de todos os que matam em nome da religião. Eles gostariam que eu voltasse... E embora o bom muçulmano não possa ter medo de abraçar a morte, às vezes, minha irmã, creio que minha última hora soou.”

“É difícil se adaptar ao chegar? Não sente saudade da família?”

“No início é muito difícil. Os próximos, a família principalmente, *inch'Allah*, fazem muita falta. Minha irmã obteve seu bacharelado logo depois que parti, e a maioria dos meus irmãos também fez aniversário depois. Perdi todos esses momentos. Minhas lágrimas correm todos os dias, de um ano para cá, minha irmã.”

Penso sinceramente no que Mélodie vai responder a ele.

“Sinto muito mesmo por você... Sei que é muito duro conseguir deixar a Síria e que, depois, outros problemas te esperam ao voltar para a Europa. Mas quem nada tenta, nada tem, e você passaria um mau pedaço ao voltar, mas se conseguir provar que nunca pegou em armas, há uma porção de ONGs que poderiam te ajudar.”

Abu Mustapha leva um tempo considerável para responder. Não o conheço, e no entanto não desgrudo os olhos da sua boca. Ou antes da minha tela. Já cogito chamar Dimitri Bontinck e pedir que ajude a repatriá-lo. Mas sua resposta repete as palavras da propaganda como um disco arranhado. Apesar disso, estou persuadida de que ele de fato considerou os conselhos de Mélodie.

“Nenhuma reivindicação se dá sem revolução. Nem sem sofrimento ou perdas humanas. Jurei fidelidade a nosso futuro califa, Abu Bakr al-Baghdadi, só ele deve guiar a nós, muçulmanos. Se vim até aqui e aguentei um ano, posso ficar toda a minha vida. *Bismallah*.”

“Se eu entrasse para o EI, faria apenas trabalho humanitário e fundaria uma família com um homem que amo realmente, não só para aplicar um modelo de vida ditada.”

“Você é casada? Tem um pretendente?”

“Tenho um pretendente que me espera, sim...”

Sua resposta leva alguns minutos para vir, sem dúvida ele está decepcionado.

“Gostaria de fundar uma família, ser pai e encontrar uma esposa que me ame, mas na Síria é complicado... Aqui é difícil, minha irmã, a mentalidade das sírias não tem nada a ver com a nossa. É por isso que a gente prefere se casar com irmãs da Europa.”

“Por quê?”

“Porque as sírias desprezam os jihadistas estrangeiros. Elas têm medo do Daesh. E nós mesmos não somos compatíveis com a fé delas, que não é a correta! Elas não aplicam a charia como vocês, europeias. Elas nem usam o *sitar*, mas um minúsculo *hijab*!”

Penso pela primeira vez onde é que posso ter posto o meu. Isso me parece tão distante. É tão próximo. Abu Mustapha prossegue:

“E, depois, cresci na França, elas aqui. O choque cultural é grande demais. Há uma falta de entendimento terrível entre nossos costumes de ocidentais e a mentalidade fechada delas. É por isso que, se pudéssemos nos casar com irmãs como você, a vida seria perfeita.”

“Mentalidade fechada?”

“Sim, elas não são abertas a nada. Nem para a religião, nem para o marido.”

“Me dizem justamente que as europeias estão chegando em grande número...”

“Encontrá-las não é fácil! Elas não dão nas árvores!”

“Aqui, relatam todos os dias, ou quase, casos de ida para o Oriente Médio, muitas vezes de mulheres. Eu mesma conheço várias irmãs que partiram.”

“As europeias vêm se um marido as espera ou se querem realmente realizar sua hégira. Mas as mulheres passam ao ato menos que os homens. Elas não têm a mesma coragem. Na maioria das vezes, elas vêm para se dar bem, achando que serão tratadas como princesas e ficam aterrorizadas desde o primeiro dia. Depois, não param de chorar.”

Antes de responder, eu me baseio no que Bilel contou para Mélodie até agora:

“Parece que há cidades, como Raqqa, onde, apesar da charia ser aplicada, você pode ter acesso à mesma tecnologia que nos países ocidentais.”

“Ah, não, não é igual. Só para os que têm uma vida boa... O Daesh é superbem organizado, e quanto mais importante você é, melhor você vive. Mas eu te garanto que aqui não é Paris!”

“Você é de Paris? Eu moro em Toulouse.”

“Sim. E mesmo que eu sofresse por nem sempre poder exprimir meu culto, não tenho raiva da França. Eu queria simplesmente poder viver como quero e de acordo com as leis que respeito.”

Abu Mustapha não é Bilel. Ele também está perdido, mas não se perdeu. Não completamente. Balançando entre as diversas visões do culto muçulmano, e portanto de suas práticas, que se opõem hoje, ele luta contra si mesmo. Só que foi engrossar as fileiras do EI. E essa adesão, se Abu Mustapha conseguir voltar à França um dia, lhe será fatal...

Os jihadistas que resolvem voltar ao seu país de origem são, no mínimo, primeiramente detidos, antes de serem postos em prisão domiciliar com proibição de deixar o território, ou em prisão provisória, pelo tempo necessário para determinar que tipo de ameaça representam. Em todo caso, a lei é aplicada ao pé da letra: eles se veem acusados de “associação de malfeitores subordinada a um projeto terrorista”. Para alguns menores de idade, a questão é espinhosa, porque é difícil determinar a fronteira entre o arrependido que se deixou influenciar e o fanático que pode cometer atentados ao voltar para casa, como fez Mehdi Nemmouche, o matador do Museu

Judaico de Bruxelas, ex-carcereiro do Daesh que acabara de regressar do Levante a fim de cometer uma série de atentados Europa afora.

Esses casos de partida de menores se multiplicaram desde a lei de 1º de janeiro de 2013, que permite que os cidadãos franceses a partir dos catorze anos possam viajar pela Europa sem autorização de saída do território assinada pelos pais ou responsável legal. Enquanto vocês pensam que seu adolescente está devaneando na carteira escolar, ele pode hoje em dia estar num avião com destino à Turquia, embarcado numa viagem sem volta. As autoridades, desnorteadas pelo aumento alarmante do fenômeno, tentam de um jeito ou de outro enfrentar o problema. Mas algumas das suas falhas são inquietantes, quando se sabe dos riscos de atentado na França, a qualquer momento... O ministro do Interior, Bernard Cazeneuve, trabalha para tapar os buracos que permitiram essa movimentação. Ele tende, primeiro, a prevenir e impedir o máximo possível as partidas e leva a sério as poucas voltas ao solo natal. Mas as diretrizes do plano Cazeneuve pretendem ser mais polícia do que socorro... E todos esses jihadistas que se gabam de fazer regularmente idas e voltas entre seu país e a Síria? No Facebook, Mélodie acompanha um soldado chamado “Quer que eu te diga” (sic); ele posta uma série de fotos dele em Marselha, sua cidade natal, aonde vai “ver os amigos” e, de passagem, massagear seu ego mostrando algumas fotos dele como um bravo guerreiro: “A gente sabe o que você é quando vê tudo o que você possui” (para continuar com a letra de “Irmãozinho”, da banda IAM). E uma *kalachnicov* na mão fala por si só. Três dias depois, “Quer que eu te diga” compartilha fotos dele na Síria, vestido como um europeu, ostentando roupas de grife da cabeça aos pés.

Bilel várias vezes deu a entender a Mélodie que voltar para a França era fácil. Mas só no caso de visitas rápidas e se a pessoa fizer um itinerário que a Agência Francesa de Inteligência ou qualquer outro organismo francês de defesa dificilmente identificaria.

Esta noite, mais que nos últimos dias, Bilel insiste em conhecer “o novo nome islâmico” de Mélodie. Dado que, para ele, o futuro comum dos dois é iminente, sua mulher tem de escolher o nome que usará agora em sua nova vida... No início, Mélodie driblou a questão: “Mais tarde a gente vê, Bilel”, respondia ela quando ele voltava à carga. Mas diante dela e dos seus ternos vinte anos se ergue um homem que sempre consegue o que exige. Então, ela acaba lhe dizendo: “Escolha por mim...”. Depois encerra a conversa. O sentimento que essa exigência provoca em mim é bem bobo: por mais virtual que seja, ela é *a minha* Mélodie... Claro, ela logo terá de desaparecer. Mas dignamente e na hora que *ela* escolher. Não é a Bilel que cabe tomar essa decisão. Curiosamente, essa mudança de identidade que ele impõe a Mélodie me atinge. Quanto mais os dias passam, mais ele a mata pouco a pouco psicologicamente, e eis que, depois da sua vida, seu passado, sua mãe, todos os que ela ama, ela também tem de sacrificar a única coisa originária que lhe resta: seu nome.

Consulto o Skype sem ter a intenção de responder às dezenas de corações e de “kkkkks” com que o jihadista a bombardeia assim que ela desliga. Submersa em todos esses emoticons ridículos, Bilel solta esta frase: “Minha vida, minha mulher, você agora se chamará Umm Saladîne. Bem vinda ao verdadeiro islã”. Ele lhe repetirá isso no dia seguinte, face a face. Claro, como resposta Mélodie não poderá fazer outra coisa senão sorrir.

* O nome foi modificado.

O dia seguinte

André assiste cada vez menos às conversas. Falta de tempo, mas também porque, da sala ao quarto, fotografou Bilel e Mélodie de todos os ângulos possíveis. E, depois, considera que, no âmbito da nossa reportagem, dispomos de elementos suficientes. Que fomos longe na nossa investigação do jihad digital e que muitos de nossos pontos de interrogação foram resolvidos. Sobretudo, está persuadido de que esta reportagem vai provocar represálias e que, quanto mais tempo deixarmos Mélodie existir, maior será a ameaça para mim. “De qualquer modo”, ele me disse, “enquanto não pararmos você vai querer sempre mais.” No que concerne às represálias e aos riscos que corro, visto que Bilel conhece meu rosto, compartilho da sua opinião. No que concerne à investigação, ainda não me satisfiz. Eu me informo quase todos os dias sobre as famílias envolvidas pela partida de um filho que fui levada a encontrar. A situação delas continua desesperadora. E ainda não fiquei sabendo o suficiente, da boca de Bilel, para lhes proporcionar uma ajuda eficaz. Entre os numerosos meandros pretensiosos e desinteressantes a que Bilel arrasta Mélodie, que tem de beber tudo o que ele diz, a conversa do jihadista paquerador não me ajuda muito a avançar, ir fundo nas coisas importantes e lhe arrancar informações úteis. Mélodie me trouxe incontáveis informações e esclarecimentos que eu nunca teria obtido sem ela. Mas ainda não são suficientes. E depois, em algum momento, devo a ela, por tudo o que ela teve de se

esforçar para ouvir, uma retirada honrosa... Ora, eu ainda não construí uma porta de saída para escapar de Bilel. Para além da minha missão profissional, dei tanto de mim a esta reportagem que, tenho consciência, minha curiosidade se tornou tão doentia quanto legítima. André entende isso e me deixa “fazer minhas coisas”, suplicando porém para eu tomar cuidado.

Sem o André, Mélo die não se comunica mais todo dia com Bilel. Isso o deixa louco, e esta é a única vingança que detenho sobre ele: seu apego a Mélo die. Ela pretexta que sua mãe lhe veda o uso do computador da família e que só pode contatá-lo quando consegue pegar emprestado o Mac portátil escondido no quarto dos pais. Só duas vezes se falaram pelo Skype: a conversa dele girava apenas em torno do casamento. Eu não conseguia levá-lo a me dar novas informações. Mas continuo a passar meu tempo buscando a presença dos mujahedins do EI na rede. Suas fotos os representam posando orgulhosamente junto de cadáveres que decapitaram. As vítimas são, na maioria, muçulmanos. O EI, que construiu sua força de expansão por meio de uma propaganda sensacional, do gênero dos blockbusters americanos, é prolífico em artimanhas para convencer os jovens a entrar para as suas milícias. Querem uma prova, entre outras? Os “mártires” do Daesh exibem uma fisionomia angelical e um sorriso tranquilo. Já os despojos de seus adversários aparecem pavorosamente calcinados. Na realidade, o Daesh difunde imediatamente a foto de seus combatentes desaparecidos, focando na expressão do rosto deles. Deixam os outros cadáveres, os dos “infiéis”, se decompor ao sol, antes de publicar essas fotos absurdas, como se a Morte com seu alfanje tivesse acabado de se abater sobre eles. A legenda costuma ser a mesma: “Vejam a diferença: nossos mártires felizes, pois viram Alá, pois Alá se orgulha deles e do que eles fizeram. E olhem os corpos horríveis desses *kuffar*. Foram punidos por Alá. Eles não irão ao paraíso”. Guitone, particularmente, adora lembrar isso e se prestar ao exercício digital mórbido da comparação dos

despojos. Depois, logo depois, posta uma foto dele mesmo brandindo um tablete de chocolate Milka na Síria. Ou ainda, como a carne é um gênero raro nestes últimos tempos, ele atravessa a seu bel-prazer a fronteira turco-síria e, acompanhado por alguns outros beligerantes, senta-se à mesa, *kalachnicov* ao ombro, sorriso nos lábios, e tira algumas fotos da alegre turma se entupindo de cordeiro e de refrigerante americano, tendo como legenda: “A Síria e a Turquia estão unidas; lá, estamos em casa! *Mashallah*, é melhor e mais barato do que na França, irmãos! Venham!”. Às vezes acrescenta, e não é o único: “Alô, Agência Francesa de Inteligência, se estiverem nos espionando!”.

Bilel também me conta tudo isso. Ele tem uma posição importante demais na hierarquia para deixar esse tipo de provas dando sopa na rede.

Hoje, ao sair da redação, tomei um café com meu doce Milan, me despedindo dele de coração pesado. Estou a caminho do meu encontro com Bilel, que não posso mais evitar. O tempo do trajeto me proporciona um pequeno momento de transição antes de mergulhar novamente no universo cinzento que espera Mélodie. Ouço no último volume no meu fone de ouvido “Just Like Heaven”, do The Cure, que servia de vinheta ao mítico programa dos anos 1980, *Os Filhos do Rock*. Eu era pequena nessa época, mas essa canção me faz lembrar de meus dois irmãos mais velhos, e essa lembrança me mergulha numa doce nostalgia que me acalenta até meu apartamento. A primeira coisa que vejo ao abrir a porta é a roupa de Mélodie, passada e pendurada num cabide. Parece quase viva... A diarista, que vem uma vez por semana, deve ter achado que era uma boa iniciativa, pensando que eu acabava de comprar um vestido novo.

Nos últimos dias, os recados de Bilel se multiplicam, de manhã, de tarde e de noite. Um verdadeiro assédio. Sempre

com as mesmas frases sufocantes, repetidas agora umas cinquenta vezes, como se, realmente, Mélodie lhe pertencesse.

“Está on-line?”

“Meu bebê?”

Seus “Está on-line?” se estendem por dezenas de páginas. Do Skype ao Facebook, e até no pré-pago de Mélodie, ele não larga mais sua prometida. Ao mesmo tempo, as pessoas estão começando a me perguntar se não estou entrando no jogo, eu, a jornalista... Não compreendo essas interrogações. Reconheço que chego até a praticar uma forma de crueldade doentia ao irritá-lo de propósito quando Mélodie fica invisível a alguns dos encontros deles no vídeo, ou quando o encurrala em temas inconfessáveis. Quanto mais a investigação avança, mais, pela primeira vez na minha carreira, tenho dificuldade de guardar distância. Já interroguei assassinos, estupradores, pedófilos... Tinha vontade de cuspir neles. Mas no meu rosto não transparecia nada. No caso de Bilel, e a frase que segue não é nem correta nem eticamente jornalística, mas é a melhor explicação dos meus “sentimentos”: tenho vontade de tapeá-lo. De pegá-lo em seu próprio jogo. Para mim, ele não é religioso nem humano. Esse assassino louco divide seu tempo entre tirar a vida alheia e convencer meninas como Mélodie a ir ao encontro da morte. Não posso me voltar contra o jihadista, poderosíssimo ainda por cima, nem contra seu exército, mas posso me voltar contra as falhas do homem. A saber: sua sede de reconhecimento e de dominação. Ele crê que a exerce mais uma vez sobre a jovem Mélodie, e, na verdade, é exatamente o contrário. Rio de Bilel, quando ele não me dá náuseas. Meus valores amorosos são baseados na

confiança e na benevolência: o exato oposto se oferece a mim, ainda que eu dê a impressão de ter desenvolvido uma forma de síndrome de Estocolmo. Disso não há risco. Mas sinto que uma parte dos meus interlocutores permanece cética. “Que outro motivo você teria para continuar esse exercício macabro?”, desferem como argumento definitivo. Simplesmente porque estou fazendo meu trabalho... Depois, porque tudo que fico sabendo através de Bilel eu levaria meses para saber e assimilar sem ele. Creio ter sido bastante enfática a respeito da repulsa que ele provoca em mim, sem contar as gozações que eu faço, mas me criticam pelo que guardo para mim, como se isso fosse além do âmbito profissional. Por um lado, não digo tudo por pudor, porque — me daria conta disso mais tarde — esse tipo de assunto não deixa ninguém incólume. Por outro, porque a prudência é recomendável: minha reportagem é destinada a ser publicada, não a ser divulgada no boca a boca. E depois os momentos de intimidade entre Bilel e Mélodie nunca foram além dos delírios verbais dele. Ele nunca pediu para ver mais do que o rosto dela. Não precisa... Bilel é aterrorizante, pouco importando as palavras que diga. E ainda esta noite:

— Ah, finalmente você está aí, minha mulher! Foi punida de novo? Precisamos conversar, tenho uma porção de coisas a te dizer. Só notícia boa!

— Ah... Então conte, adoro boas notícias.

— Falei com o *cadi*, o juiz de Raqqa. Ele te espera com impaciência para nos casar.

— ...

— Não está contente, meu bebê?

— Eu tinha dito que, sendo solteira, não queria chegar ao Sham sem meu primo ou sem estar casada...

— Não vamos poder nos casar pelo Skype, o *cadi* não aceita...

— Ah, quer dizer que era pra gente se casar pelo Skype? A lei aceita casamento digital?

— É, aqui pode. Mas o *cadi* me considera importante demais para que eu me case por computador. Ele quer que você esteja em terra santa. Ele te espera com grande prazer, mas prefere que seja feito aqui.

Claro, está fora de cogitação que Mélodie, inconsciente mas não desmiolada, vá encontrar Bilel na Síria, para constatar com seus próprios olhos o que acontece quando se está lá... Toda profissão tem seus limites. Melhor se suicidar, seria mais rápido. Um dia, irei lá, mas com certeza não na pessoa de uma convertida que deseja se casar... Aliás, Bilel riscou completamente o primo de Mélodie de seus planos.

Por mais que ela insista, ele não a ouve. Bilel tem surdez seletiva, mas inabalável.

— Como são os casamentos aí?

— Na verdade, já estamos casados...

— O quê?

— Creio que te pedi suficientemente e bem depressa para ser minha esposa, por isso falei com o juiz que redigiu os documentos. Somos oficialmente casados, minha mulher. *Mashallah!*

Nesse instante, não sei como faço para ficar impassível como uma pedra. Mas não tenho opção: do lado de lá da tela, Bilel escruta o rosto de Mélodie, a alguns centímetros do seu.

— E eu creio ter sempre te respondido que antes de te dizer sim eu me reservava o direito de te entrever, pelo menos... tocar sua pele, sentir seu cheiro, ter uma conversa em que possa te tocar com a mão.

Bilel não responde. Mélodie prossegue:

— “Oficialmente” casados quer dizer exatamente o quê?

— Basta você pisar em terra Síria, e nosso casamento será válido. Já te disse, nós aplicamos as leis islâmicas de acordo com a charia, você também, de agora em diante. Você é minha mulher de verdade, agora.

— Desculpe, mas não entendi direito... Basta eu pôr o dedinho do pé na Síria para me tornar a sra. Al-Firansi? É isso a qualquer momento?

— Sim, a qualquer momento. Enquanto eu estiver vivo, *inch'Allah!* Você me pertence de verdade agora...

— ...

— Só falta acrescentar duas coisas importantes à nossa certidão de casamento. Primeiro, o que você quer como dote?

— Ué, eu tenho direito a um dote? O costume diz que o pai da noiva é que oferece um. Não tenho pai. E você, tem dinheiro para isso?

— O que você acha, meu bebê? Aqui eu sou o Tony Montana! Só que não mexo com droga mas com fé. O Daesh é blindado. Pois é, entre nós, que respeitamos a mulher acima de tudo, o homem é que oferece um dote à sua futura esposa, para testemunhar que cuidará dela por toda a sua vida. Então, o que você quer?

Eu não tinha a menor ideia de tudo isso! A resposta de Mélodie se faz esperar. Procuo ganhar tempo fazendo outras perguntas, enquanto repenso nas conversas com esse louco que poderiam inspirar uma ideia de dote a Mélodie. Um pensamento incoerente me ocorre. Mélodie arrisca:

— Uma *kalachnicov*?...

O futuro marido explode de rir. Não sei como interpretar isso...

— É isso que você quer? Tudo o que você quiser, minha mulher. Isso me faz feliz, mas você poderia me pedir bem mais!

— Ah é, o quê, por exemplo?

— Sei lá, um palácio, um castelo, lindos cavalos... Ou fazer correr o sangue de quem te ofendeu.

— Não, não! Uma arma tá bom!

— Em todo caso, o emir de Raqqa, um dos mais importantes, já nos arranhou um apartamento lindo e grande.

É difícil para mim imaginar um apartamento dois quartos, sala e cozinha integrada em Raqqa.

— Você é muito gentil... Como é o apartamento?

Bilel muda de expressão. Como todas as vezes que mente, ele baixa os olhos e coça nervosamente a cabeça, ligeiramente

caído para trás. Conheço tanto essa pose quanto seus olhares langorosos. Que palhaço! Suas expressões de bufão me irritam um pouco mais cada dia.

— Olhe, ele é grande... É bom... Você vai ver, de qualquer modo. Vai ter que decorá-lo. Bom, tenho uma última pergunta a te fazer, e é a mais importante.

— Estou ouvindo.

— Prometa que vai me responder sinceramente, porque são coisas que aqui a gente leva muito a sério...

— Prometo. Pode dizer.

— Você é virgem?

— Sou...

— Mesmo? Porque o *cadi* espera sua resposta para inscrevê-la na certidão de casamento...

— Ah, quer dizer que minha virgindade e tudo o mais são do interesse de toda Raqqa?

— Claro que não! Só de seu marido e da autoridade suprema! Você é engraçada, cativante e pura, Mélodie.

Quanto a mim, não acho nada engraçado. Bilel continua:

— Mentir sobre isso é punido com a pena de morte... Umas mulheres vão verificar antes da nossa noite de núpcias.

Agora eu rio, só que amarelo.

— Não volte atrás, hein? Avisei todo mundo que você ia chegar, inclusive os irmãos e a polícia de fronteiras... Joguei pesado por você, então não me faça cair no ridículo e seja forte, venha! Você é uma verdadeira leoa, minha mulher!

— A polícia de fronteiras? O que é isso? Um arranjo amistoso ou uma polícia de verdade?

Faço alusão à Turquia, que acusam de fechar os olhos para as passagens fronteiriças.

— As duas coisas. Eu te explico quando você estiver a caminho. Agora a coisa está encrocada demais, com os tiras e os jornalistas que tentam se infiltrar em toda parte. Uns *kuffar* que merecem a morte, e nada mais.

Mélodie ri nervosamente. Desvia a conversa. Faz dias que Bilel promete ajudá-la em seu jihad, mas à parte lhe dizer para escolher entre passar pela Holanda ou pela Alemanha, não lhe fornece nenhum detalhe. Como ele continua a ouvir somente o que quer, Mélodie fala como se brincasse de boneca. Sim, ela fará seu jihad. Sim, para isso passará por Amsterdam. Sim, conheço o caminho a seguir: um avião até Istambul, depois outro para Urfa ou Kilis. Mas Mélodie se questiona: e depois da Holanda?

— Aliás, temos que falar do trajeto — diz ela. — E de Yasmine.

— Quem é Yasmine?

Bilel já esqueceu essa menina de quinze anos a quem prometeu “um bom marido e uma vida de sonho”. Fico louca de raiva. Que transpira um pouco demais na resposta do meu avatar:

— Está falando sério? Yasmine, uma das minhas melhores amigas, você tinha se comprometido a cuidar dela tanto quanto de mim! Falamos várias vezes dela, eu tinha te perguntado se a idade dela era um problema, você tinha me respondido que não e tinha me explicado a charia... Não vou sem ela!

— Ah, sei... A menor... Quinze anos, não é? (*Ele coça o queixo, de olhos exaltados.*) Calma, meu bebê! Não se irrite assim com seu marido, é *haram*... A gente vai cuidar do caso da sua amiga. Não se preocupe...

— E quem é “a gente”? Circulam na França histórias de mulheres que só vão aí para satisfazer o desejo dos combatentes... As irmãs dizem que são escravas!

— Não ouça o que essas francesas idiotas contam! Elas não são daqui, eu sou. E é seu marido que você deve escutar, só ele, de hoje em diante. Entende? Então, como eu te prometi, vou cuidar do caso da Yasmine... Na véspera da sua ida para a Holanda eu te explico o que fazer... Mas se tranquilize, eu, ou uma pessoa importante, estarei lá, em Istambul, para buscar vocês.

— Tá, então é isso, a gente vai ter que ir a Istambul?

— Vai... Mas trataremos disso quando chegar a hora... *Mashallah*. O principal é que vocês cheguem depressa. Principalmente você.

— Estou ouvindo minha mãe na escada! Tenho que desligar e correr para o meu quarto!

Ele me exaure. É cada vez mais penoso para mim falar com ele. Teria sido melhor fazer o que eu tinha planejado no início, deixá-lo em banho-maria, para confirmar ou não certos fatos, e aprender um pouco sobre seus costumes. E não ter entrado nessa loucura.

— O.k., minha mulher, eu te amo, por Alá!

— O.k. Não se esqueça que depois de amanhã vou para a Tunísia com umas irmãs para ter aulas de árabe durante uma semana. Vai ser difícil falar comigo, não tem internet lá aonde vou.

— Francamente, você devia vir direto para cá, vai aprender bem mais depressa a língua e várias outras coisas.

— Escute, estava programado, vai me fazer bem antes do meu jihad. Minha mãe está chegando, vou desligar.

— Você não sente nada se te digo que eu te amo?

— Claro que sim. Mas tenho mesmo que desligar agora. *Mashallah*.

Desconecto enfim. E me afundo no sofá. Sinto-me desconfortável. Penso nessa Yasmine, que tem o mesmo nome de uma das minhas amigas, mas elas não têm nada a ver. Absolutamente nada. Bem que eu gostaria de estar com ela comendo sushi enquanto assistimos a um programa idiota de tevê. Mas tenho de pensar na Yasmine de Mélodie e também lhe arranjar uma história que seja um tanto viável. É só garimpar o meu imaginário marcado por mulheres e meninas cujo caminho tive a felicidade de cruzar. Penso na Wendy, na Marlène e na Charlène, em particular... Minhas pivetinhas briguentas dos subúrbios de Lyon, com as quais, seis anos

depois, continuo em contato. O que elas fizeram de besteira... E nada recomendável... Mas, hoje, ganharam um pouco de miolo na cabeça e estão no bom caminho. Resumindo, a notícia do dia é que estou casada! Deleto tudo o que Bilel confiou esta noite a Mélodie e que poderia a mim, a jornalista, ser prejudicial mais tarde. Prefiro desopilar, ligar para Céline ou Andrew, meus confidentes de sempre, e tomar um banho de banheira, para adormecer com outra ideia que não a de mulheres me inspecionando para saber se sou mesmo virgem...

Mas quando chego ao banheiro, eu me vejo no espelho como Mélodie. Esqueci, mais uma vez, de tirar o véu. E aí, não tenho mais vontade de nada. Só queria que chegasse logo amanhã. Dormir.

No dia 6 de junho de 2014, o Daesh, conduzido por Abu Bakr al-Baghdadi, lançou oficialmente sua primeira ofensiva no Iraque, atacando a segunda cidade do país, Mosul. Após quatro dias de batalhas intensivas, a organização terrorista se apoderou totalmente dela, impondo em seguida a charia.

No dia 29 de junho, Abu Bakr al-Baghdadi se autoproclamou califa da organização Estado Islâmico, mudando mais uma vez de nome para se tornar Ibrahim, um dos cinco mais importantes profetas do islã. Embora pretenda ser a liderança de todos os muçulmanos sunitas do mundo, somente outros grupos terroristas lhe juraram fidelidade. A maioria das autoridades muçulmanas do mundo não o reconhece em absoluto como tal.

No dia 8 de agosto, Barack Obama autorizou os primeiros ataques aéreos no Iraque.

Desde o dia 24 de setembro, uma coalizão internacional de pelo menos 22 países, liderada pelos Estados Unidos, realiza uma ofensiva aérea no Iraque e, mais recentemente, na Síria, contra a organização Estado Islâmico.

Hoje, estima-se em 15 mil* o número de combatentes estrangeiros que vieram engrossar as fileiras do Daesh desde 2010.

Entre essas nacionalidades de oitenta países diferentes, contam-se oficialmente 1089 franceses, oriundos de 87 departamentos.

Cento e vinte voltaram, quarenta morreram.

Oficiosamente, a organização Estado Islâmico teria entre 35 mil e 45 mil beligerantes. Os franceses ali seriam pelo menos duas vezes mais numerosos do que os dados governamentais anunciam.

Lola nunca mais deu sinal de vida.

Vanessa deu à luz na França, onde vive atualmente.

Chaquir Maarufi, dito Abu Shaheed, morreu “em combate” no dia 1º de junho numa ofensiva em Deir Ezzor, na Síria.

Abu Abda Lla Guitone, dito Guitone, foi morto no dia 25 de julho na base da divisão 17 ao norte de Raqqa, o QG do Daesh.

Hamza e sua família nunca mais tentaram contatar Mélodie Nin ou pessoas próximas a ela.

Abu Mustapha bloqueou o acesso das suas contas na internet a Mélodie. Era alguém próximo de Abu Bilel.

Rachid X., dito Abu Bilel al-Firansi, continua classificado como “vivo” pelos diferentes serviços de segurança interna e externa franceses.

* Fonte mais recente: *The Guardian*, novembro de 2014.

Quinta-feira

Na hora do almoço, estou à mesa no terraço, com Lou e três outros amigos. Nosso humor está em uníssono com o sol que brilha neste dia primaveril. Saboreamos, cada um, um cheeseburger, dizendo besteiras que nos fazem rir. De repente, o telefone “descartável” de Mélodie toca. Todos se entreolham, compreendendo instantaneamente quem chama. Atendo e me afasto o bastante para não representar meu personagem diante de meus amigos. É uma atuação muito pessoal. Não quero preocupá-los — tampouco ser julgada, para ser franca... Desde que lhe anunciou o casamento, Bilel quer falar o tempo todo e a qualquer momento com Mélodie. Exige palavras meigas para lhe dar coragem. Também é cada vez mais insistente quanto à data de chegada de sua mulher na Síria. A comunicação é breve. Mélodie se mostra tranquilizadora. Mas, sem me dar conta, devo ter uma atitude que põe meus amigos em estado de alerta. Cinco minutos depois, torno a me sentar como se nada houvesse acontecido. Porque para mim não é nada. Salvo uma hábil dosagem de quem é quem. Se as exigências desta reportagem parecem esquizofrênicas, eu não as sinto assim. Sei exatamente em que pé estou. Creio até que me tornei uma máquina que se adapta a tudo, inclusive a reprimir os sentimentos de repulsa. E, depois, a história está chegando ao fim agora. É hoje que devemos arrematar a maneira como vamos terminar a investigação. Meto na boca um punhado de fritas, mas quando

levanto a cabeça me dou conta de que todos os olhares estão voltados para mim. A chamada de Bilel parece ter tirado o apetite do grupo. Meus amigos exibem caras subitamente pálidas. Entram em pânico com a ideia de que Bilel possa me localizar por meio do celular. “Você não imagina as consequências, se ele conseguir?” Claro que sim. Só que, lembro a eles, o telefone não está vinculado a ninguém e todas as minhas conversas, tanto no Skype como no Facebook, são precedidas por uma camuflagem do endereço IP. Eles não parecem convencidos com minhas explicações. Pouco a pouco consigo mudar de assunto, mas a atmosfera leve do nosso almoço foi estragada.

Voltamos ao trabalho, mas assim que saímos para fumar sinto a angústia deles, acompanhada de pessimismo. E isso me dói. Eu os tranquilizei; se insistir, vão achar estranho. Fico brava comigo por ter provocado essa inquietude neles. De noite, eles me mandam uma mensagem cada um. Cheia de afeto e com mais conselhos que de costume. O tom deles é mais sério, e os emoticons de reconforto se multiplicam. Compreendo sem compreender. Não se pode prever tudo, evidentemente, mas por ora todas as precauções foram tomadas e, torno a dizer, estou cercada de repórteres bem mais calejados, encarregados de missões muito mais perigosas, pelos quais parecem se inquietar muito menos que por mim neste momento. No fundo, embora a solicitude desses verdadeiros amigos me comova infinitamente, a um ponto que meu pudor me impede de exprimir, eu não acho que ela seja totalmente justificada.

Mélodie mantém rápidas comunicações com Bilel. Agora, é ela quem comanda o tom e o ritmo. Ela tenta ocultar o máximo possível todo o mel que escorre da boca do terrorista e procura se concentrar na questão da rota, ponto decisivo na passagem ao ato de todo jihadista. Ainda mais no caso de Mélodie, que deve se fazer acompanhar por Yasmine, uma

menor de idade. Quanto a isso, apesar das explicações espinhosas que é forçada a dar a seu futuro marido, nem pensar em voltar atrás. Naquela noite, eu me permito um drinque rápido com Hadrien, depois vou encontrar André, que voltou para junto de Mélodie agora que o fim da reportagem foi decidido. Devemos dar a última demão em nossa estratégia. Desde o pedido de casamento, nunca havia sido considerada a questão de eu encontrar de fato Bilel, nem suas fantasias que nos creem ligados por toda a vida até a morte. Já por essa razão, evidente. Depois, porque ir à Síria hoje em dia é um suicídio. Ainda por cima para um europeu. Uma jornalista francesa então... Os repórteres assumem grandes riscos, são ossos do ofício, ou às vezes é preciso admitir que, se partimos, a volta é uma hipótese totalmente independente da nossa vontade. Pelo menos eu não tenho filhos... No entanto, para fechar o círculo, precisamos que Mélodie faça essa viagem e creio que temos a solução.

Em casa, ponho rapidamente meu véu e toda a tralha, dando uma olhada nas incontáveis mensagens de amor de Bilel, que invadem meu computador. Esta noite, Mélodie não tem tempo para brincadeiras: é amanhã que vou para a Tunísia com Lou (enquanto Bilel acreditará que Mélodie partiu para um estágio intensivo de árabe numa escola religiosa), e gostaria de aproveitar minha última noite com Milan antes da minha partida. Então Mélodie pretexta que sua mãe vai voltar para casa de uma hora para a outra, eles precisam falar rapidamente do itinerário para que ela vá ao encontro dele. Ele já lhe explicou que era preciso “abandonar tudo, não deixar nada para trás”, nem mesmo uma carta para sua mãe, “apenas desaparecer e dar notícias quando tiver chegado, e só então”. Mas ele não lhe forneceu os detalhes concretos do trajeto e preciso obtê-los para preparar meu périplo com André. Depois de um pouco de conversa desinteressante, Bilel finalmente desembucha:

— Eu já te disse, você pega um avião para a Holanda ou a Alemanha, como preferir. Lá, você desliga seu celular e se

livra dele. Compre um novo, pré-pago, e você me comunica o número pelo meu endereço Skype para que eu tenha certeza de que é você mesma. Depois eu te dou o resto das instruções para chegar a Istambul e a continuação...

— Não, Bilel, você tem que me explicar melhor, não é uma viagemzinha qualquer. Ainda mais, Yasmine, que é mais novinha, está aflita.

— Então, dê um jeito para que no dia em que vocês partirem sua mãe pense que você está dormindo na casa da Yasmine, e vice-versa. Parta de manhã cedinho, com uma bolsa um pouco maior que a de sempre. Yasmine deve fazer a mesma coisa. Corram para o aeroporto. Prestem atenção para não serem pegas, tem polícia por toda parte. Ajam normalmente... não deixem nenhum medo transparecer! Nunca olhem para trás, o lugar de vocês é aqui, é tudo o que vocês devem pensar... O.k.? Você é uma leoa ou não, minha mulher? Se lhes fizerem perguntas quando estiverem em Istambul (*ele pisca o olho*), diga que vocês vieram com os Médicos sem Fronteiras... E, principalmente, tenha seu passaporte sempre com você! Não se esqueça disso! É muito importante quando estiverem na Síria.

Na realidade é para confiscá-lo ao chegarmos... para o caso da nova recruta tentar escapar.

— Direi mais por uma linha telefônica segura quando vocês tiverem definido o itinerário inicial — prossegue o terrorista.

— Eu te comunicarei o número da mamãe que irá buscá-las em Istambul.

Uma “mamãe”...

— Jura que será uma mulher? Você, que não quer que os homens ponham os olhos nas mulheres, não deixaria um dos seus irmãos tomar conta de mim e me ver primeiro, hein?

— Claro que não! Nunca, está doida? De qualquer modo, na Turquia a gente está em casa. Lá a gente faz o que quer! Quando você tiver chegado à fronteira síria eu estarei a apenas alguns metros de você. *Inch’Allah*.

— Onde?

— Depois te digo. Ao contrário da maioria de nós, não posso pisar na Turquia. Já em outros países, sim.

— No Iraque?

— Sim, minha mulher... Mas bico calado. Estamos realizando em segredo uma grande missão para retomar esse país. E, *inch'Allah*, um dia moraremos lá os dois, espero.

— Todos os mujahedins vão às cidades turcas fronteiriças quando bem entendem. Em todo caso, é o que dizem quando vejo a foto deles no Facebook. Por que não você?

— É... mas para mim é diferente. Te explicarei num outro telefone. Aliás, agora que somos marido e mulher, encerre definitivamente sua conta no Facebook!

— Por quê? Não tem nenhuma foto minha, só conclamo para fazer o bem no mundo.

— Porque sim! Agora você é minha mulher, e uma boa esposa escuta o marido ao pé da letra.

Está bem. Mélodie aquiesce, mas não encerrarei a conta. Ainda não. Decididamente, Bilel, que se autoproclama “especialista em terrorismo”, tem uns métodos bem curiosos. De um lado, ele solta sem mais nem menos essa de que sua brigada planeja se apossar do Iraque; do outro, faz todo um teatro para manter em silêncio outras “confidências” nitidamente menos importantes.

— Bom, vou ter que desligar. Vou ver Yasmine rapidinho para dar as suas orientações e decidir sobre o programa. Depois, te informo.

— Tem dinheiro para pagar as passagens?

— Yasmine não, mas posso me virar. Lá, será mais difícil.

— Não se preocupe com isso, meu bebê. Tenho tudo o que é preciso e muito mais. Você é minha joia, e Raqqa, seu palácio, já te disse. Você vai ser tratada como uma princesa.

Mélodie abrevia a conversa. Esquiva habilmente os “eu te amo, por Alá” e companhia, depois consegue cortar o papo.

Enfim, minha reportagem começa a parecer o que eu gostaria que fosse. Aprendi muito. E não terminou. A viagem está decidida. Já sei que Mélodie passará por Amsterdam, porque tenho um contato a ver lá no âmbito da investigação. Será que, no avião que me levará, observarei todos os jovens me perguntando qual deles é candidato ao jihad? Mas logo *tudo* estará terminado. Me falta a rota a seguir entregue no último minuto aos que estão para chegar, quando já saíram de seu país. Adormeço rememorando certos versículos e preceitos do Corão, que não têm nada a ver, ou muito pouco, com tudo o que Bilel me ensinou. No livro sagrado, encontramos a palavra “mãe” 32 vezes. Torno a pensar naquela “mamãe” aceitando em sua alma e em sua consciência ir buscar duas meninas inocentes para dar como pasto a assassinos...

Sexta-feira

Enfim, encontro a minha Lou no aeroporto. Esse *break* vai nos fazer bem, tanto a uma como à outra. No charter, nos entupimos de M&M, lendo revistas de celebridades e tirando selfies. Duas amigas normais, em suma. A noção de “normalidade” me escapa, faz algum tempo, e essa viagem é uma verdadeira lufada de oxigênio antes da última parte da reportagem, programada para imediatamente depois da nossa volta. Acabei enfiando na minha mala a parafernália de Mélodie, por via das dúvidas...

Esperamos para pegar nossas bagagens quando o telefone de Mélodie, esquecido no fundo da minha bolsa, vibra. No meio dos torpedos de Bilel há um de uma certa Vanessa,* que eu não conheço. “Bom dia, minha irmã, estou grávida de seis meses e tenho de ir à Síria nos próximos dias. Meu marido combate para o seu, ele me deu seu número para saber se podíamos viajar juntas, porque minha barriga me incomoda e sou mais fácil de ser identificada. *Sobranellah*, minha irmã. Logo estaremos lá.” Ela termina me dando seu endereço Skype para nos comunicarmos. Na hora, não presto atenção a essa mensagem, certa de que tudo aquilo é muito capenga para ser verdadeiro. Essa moça, saída de lugar nenhum, que me diz estar muito adiantada na gravidez e parece querer viajar só comigo... Esquisito. Será um truque de Bilel para testar minha confiabilidade? Pouco importa... Estes poucos dias me

pertencem. Não serão consagrados a Mélodie, muito menos a Bilel. Enfio o celular novamente no fundo da bolsa.

Chegando ao nosso quarto, caímos na gargalhada ao descobrir na cama as toalhas, representando dois cisnes enlaçados, rodeados por pétalas de rosas vermelhas. Faz 28 graus, escancaro a janela e um sol divino faz meus olhos arderem de felicidade. Antes de descer à piscina, desfazemos nossas bagagens, cheias das mesmas roupas: minishorts, camisetas regata, saias, tênis e óculos escuros. Cada uma de nós trouxe um suéter e quando tiro o meu, o rosto de Lou se altera ao perceber embaixo dele a grossa *djelaba* preta do meu avatar. Levanta-a com a ponta dos dedos erguendo lentamente a cabeça para mim. Suas sobrancelhas em acento circunflexo dispensam perguntas. Respondo que pus na mala no último momento e que nem imagino guardá-la no armário, como tampouco o *hijab*. Enquanto ponho um vestido leve por cima do maiô, ela debocha de mim, me imaginando com esse véu que ela descobre enfim. “Quer que eu ponha pra você ver?”, pergunto a ela rindo. Ela corre pelo quarto como uma garotinha: “Não, não, não!”. Lou já viu fotos de nossas conversas, não tem a menor vontade de ver Mélodie existir. Mas estamos de férias, ora essa, vou provocá-la um pouco, de brincadeira. Quando ela entra no banheiro, estou toda vaporosa, coberta com meu véu. Ela esconde os olhos mas não pode se impedir de rir. Depois tira uma foto minha enquanto eu passo o protetor solar diante do espelho. De todas as fotos tiradas nesse período, esta é a única que não me deixa um gosto amargo.

Aproveitamos plenamente esses poucos dias de ócio, e a maior parte do nosso tempo passamos à beira da piscina nos bronzeando e falando de coisas “de mulher”. Certa tarde o celular toca. Mas é o celular de Mélodie, que, conscientemente ou não, esqueci de deixar no quarto. Nós nos entreolhamos como se um fantasma chamasse. Atendo e me afasto

ligeiramente. Encontro na linha um Bilel em pânico e morto de preocupação. Não está, em absoluto, ameaçador. Ao contrário, parece um garotinho. Faz 72 horas que Mélodie não lhe dá notícias! Será que ela está bem? Será que se esqueceu dele, seu marido? Ela o tranquiliza falando baixinho. Mas a comunicação está ruim. Bilel não ouve direito Mélodie. E eu me vejo andando de lá pra cá de biquíni cor-de-rosa, a pele coberta de óleo, repetindo relativamente alto a dois passos dos outros hóspedes:

— *Mashallah*, meu querido! Claro que continuo sendo sua, mas aqui não tem internet e preciso estudar muito. Não temos direito de usar o telefone durante as horas de estudo.

— Mas você está só entre irmãs? Pelo menos está usando o *hijab*, me diz? Meu coração treme ao pensar que todo mundo pode te ver.

Se ele me visse neste instante...

— *Bismallah*, só tem mulheres aqui e estamos bem cobertas da cabeça aos pés! Nossa única preocupação é aprender.

A situação beira o absurdo. Um circo de horrores. Os hóspedes que me ouvem e me veem estão estupefatos em suas espreguiçadeiras. Quanto a Lou, ela sufoca de rir em sua toalha. Me ver representar outra mulher, seminua, numa língua entre o francês e o árabe, que domino muito aproximadamente, a faz chorar de rir. Eu me viro para não ver ninguém. Fico vermelho-pimentão. Não sei mais onde me esconder.

— Ah bom, você me tranquiliza, minha mulher... Achei que estavam te fazendo mal, ou pior, que tinham te intrigado contra mim e que você não me queria mais.

— Não, não, de jeito nenhum.

— Então por que você não me dá notícias?

Porque estou de férias, em especial de você, Bilel! Mas como ele nunca ouve direito o que ela diz, Mélodie repete pacientemente:

— Eu tinha te avisado que não teria internet, e onde me encontro, nos cafundós da Tunísia, meu celular funciona mal

e custa caro...

— Está bem, minha mulher... Me dá dó saber que você está assim. Você tem dinheiro, pelo menos? Logo, logo cuidarei disso tudo para nós e nossa família.

— Tenho, não se preocupe, mas meus créditos não são ilimitados, estou economizando um pouco caso surja alguma necessidade. E você, está bem?

— Estou, não se preocupe, eu te conto, tem uma novidade.

— Ah é, o quê?

— Depois eu conto. Mas é bom para nós... *Inch'Allah*. Quando é que você chega?

Bilel se refere ao ataque a certas cidades importantes do Iraque, que o Daesh vai conquistar em junho, assim como ao califado que será em breve pronunciado lá.

— Logo.

— Quando?

— Preciso ver com Yasmine qual o dia mais barato para ir a Istambul.

— Mas quando? Hein, quando? Mélodie? Minha mulher?

Em alguns minutos, o cansaço e o estresse voltam a se abater sobre mim. Tudo volta. O sentimento de opressão, a mentira, meu sofá em que não posso mais me sentar sem me lembrar de nossas conversas.

— Semana que vem, provavelmente...

— O.k. Você me avisa, hein?

— Claro.

— Prometa!

— Prometo, Bilel.

De qualquer modo, é verdade. Vou mesmo a Istambul, seguindo suas instruções. Apenas com um senão: estarei acompanhada por André, e não pela jovem Yasmine. O plano é simples: Bilel me diz que uma mulher madura virá nos buscar. Ela espera ver desembarcar duas mocinhas vestindo burcas, mas não prestará atenção em dois amigos de jeans e tênis, que se misturarão à multidão para pegar rapidamente um táxi. André, acostumado a ficar “de campana”, dará um

jeito de fotografar a mãe cafetina. Eu me adiantarei alguns metros a fim de poder lhe dar indicações, se necessário. E depois, enquanto a recrutadora espera Yasmine e Mélodie para levar as duas sei lá aonde, André e eu pegaremos uma conexão para Kilis. Uma cidade fronteiriça da Síria, porém mais segura, porque é controlada pelos curdos. Kilis não conhece os ruídos da guerra, mas tem a tristeza da guerra... Devemos fazer lá uma entrevista com Guitone, para comparar suas respostas com as de Bilel, Abu Mustapha etc. A matéria terminará assim, com uma foto de Mélodie de costas a alguns metros da fronteira síria. Lá onde a jornalista para às portas do inferno, Mélodie entra por elas. O trabalho estará terminado e ninguém será sacrificado. Na vida real, pelo menos. Pronto, temos o nosso fecho e, portanto, o motivo que me faltava para largar a investigação e, sobretudo, Mélodie... Ponto final dessa dupla personalidade e dessa invasão cada vez mais opressiva da minha vida privada. *Rhallas*. O círculo será fechado. Enfim, quando encerro a comunicação com Bilel, lá na Tunísia, é o que penso.

* O nome foi modificado.

Quatro dias depois

Esta breve trégua tunisina termina sem maiores contratempos. Na véspera da nossa partida, Bilel fica mais insistente do que nunca. Frustrado por só ter falado brevemente com Mélodie no outro dia, à beira da piscina, ele a inunda de mensagens. Está mortificado. Ela lhe faz muita falta. Se não dorme vendo o oval do rosto da “sua mulherzinha”, suas noites não têm o mesmo sabor. Seus dias são um suplício. Ele exige vê-la há dias. Por que ela se recusa? Seu tom endurece. Entre a tentativa obstinada de lavagem cerebral que ele empreende em Mélodie e as longas horas de discussão que eles têm, ele próprio se perdeu. Diante de mim, adivincho um homem apaixonado... E isso é péssimo para mim. Dentre todos os seus defeitos, Bilel sofre de um ego desmedido. Se ele entender que uma moça pela qual está apaixonado, jornalista ainda por cima, o fez de bobo, os riscos que corro aumentam perigosamente. Espero me enganar, porque um homem traído pode se revelar de uma forma até então desconhecida, e não ousa imaginar em que isso podia resultar num jihadista como Bilel... Ele não tem, isso é claro, a grandeza de alma de poupar a mulher que ele ama de seu ódio e de sua vontade de vingança. A internet só funciona na recepção. Faz dias que me veem me divertir com minha amiga, a maior parte do tempo usando simplesmente um maiô, como as outras que estão de férias. Fico perplexa com a ideia de me mostrar de *hijab* no saguão para tranquilizar o marido do meu duplo digital.

Quanto à longa túnica preta, esqueçamos... Ao mesmo tempo, sinto que ele precisa me ver para ficar tranquilizado e continuar a não desconfiar de nada. Vou enquadrar a webcam de tal modo que Bilel distinga Mélodie em plano fechado. E cruzar os dedos para que ele não me peça para mudar a posição da câmera. Vejo a que ponto minha encenação estressa Lou, apesar de eu ter dificuldade para decifrar a expressão contraída de seu rosto, no entanto tão repousado. Será que ela está zangada comigo por eu lhe infligir isso ou tem medo por mim? Extremamente pudica, Lou detesta toda forma de intrusão. Nesta noite, bem em nosso local de férias, Bilel se impõe a Mélodie e, portanto, a nós duas. Ele ganha. Ele já atrapalhou alguns bons momentos esta semana, e agora estraga a última noite. Sentamos numa das compridas banquetas arredondadas do saguão do hotel. Cada qual com seu Mac no colo. Propus a Lou fazer a coisa sozinha, mas ela também precisa utilizar a internet. Quem sabe também deseja ficar perto de mim, me proteger? Sandálias nos pés, ponho meu véu negro por cima do meu vestido branco curto. Meu rosto está bronzeado demais para alguém que diz passar seus dias trancada, estudando... Lou finge não me ver. Melhor assim. Não é hora de representar meu duplo e tentar fazê-la sorrir para amenizar a situação. Sem contar que, embora eu a considere minha irmãzinha, sinto certo incômodo em que ela me veja nesse exercício. Mas ela está por dentro de tudo. Deveria dar certo, e a comunicação vai ser curta: Mélodie está apressada.

Bilel entrevê enfim o rosto de Mélodie. Seus olhos transbordam de preocupação.

— Você está bem? Não posso ir em frente na minha missão sem você. Nunca mais faça isso comigo, meu amor, minha vida, minha mulher...

— *Mashallah*, Bilel. Sinto muito ter te preocupado. Mas é impossível conseguir entrar na rede aqui onde estou. E preciso ser discreta... O dia de partir se aproxima. As irmãs, aqui, além

de nos ensinar árabe, nos sensibilizam muito sobre os perigos do jihad, então não quero despertar suspeitas.

— Não as ouça! Seu lugar é aqui, junto do seu marido! *Inch'Allah*, como você me fez falta... Vou finalmente poder dormir algumas horas.

— Você dorme pelo menos um pouquinho, desde que parei de falar com você?

— Não, pra falar a verdade... Eu te disse desde o início que eu me agarrava obstinadamente a Alá. Antes eu só tinha o trabalho, mas desde que você entrou na minha vida, você se tornou minha outra razão de viver.

Desconecto. Por mil razões. Primeiro, observo discretamente Lou, que por sua vez conversa no Skype. Gostaria de poder adivinhar se ela prestou atenção nas últimas frases de Bilel. Aparentemente não. Ela sempre trata de fingir me ignorar. Depois, não sei por quê, mas os animadores do hotel, em particular um tal de Mosquito, não param de nos rondar. Eles, que só nos dirigem a palavra quando jogam polo aquático a um milímetro da nossa espreguiçadeira e que nos elegeram as únicas hóspedes que acordam quando fazemos a sesta, só para os outros hóspedes rirem, parecem ter escolhido esta noite para nos paquerar. Então, se Bilel ouvisse nem que só o murmúrio da voz de um homem, seria uma catástrofe. Ele vai ligar de novo, com certeza. Ao meu redor, continuam a me lançar olhares surpresos. Ou desdenhosos. A foto dele vestido de combatente reaparece no computador, eu clico em “responder”.

— Diga que me ama, Mélodie!

— Estou ouvindo mal, bebê, mas queria te dizer que vou bem e que volto para a França amanhã. Só te peço que espere eu estar de volta a Toulouse para nos falarmos. Juro que terei tempo...

— Minha mulher, eu te ouço e você me tranquiliza, mas me deixa mal todo mundo poder pôr os olhos em você...

— Mas tenho meu véu...

— Mesmo assim, você não deveria sair desse jeito, esta dor vai direto no meu coração...

— Mas estou me comportando bem, e você me disse que se eu estivesse coberta, podia sair!

— Aqui, em Raqqa, mas não nos países infiéis!

— Mas estou na Tunísia...

— É pior, eles, com suas mulheres de salto alto! O maior número de jihadistas no Sham vem da Tunísia. Estão enojados com os lobos que transformam cordeiros em mulheres fáceis infiéis. Que ninguém se aproxime de você, senão eu juro diante de Alá que eu mato!

— Nenhum homem nunca me dirigiu a palavra. Não se preocupe, está bem?

— Está bem. Mas não quero que ninguém te meta caraminholas na cabeça. Você aperfeiçoa seu árabe, e só. Sua pele está tão bronzeada, isso te muda.

Eu esperava que ele fizesse essa observação, mas desconfiando de alguma trapaça. Não percebo entretanto o menor indício de dúvida em sua voz...

— Isso me muda? Ainda bem, não? Com uma boa cor, as mulheres ficam bem mais bonitas.

— (*Ele responde com um ar de desdém.*) Você parece as moças que conheço, de pele escura... Prefiro você mais clara, como Alá quis que você fosse. Assim você parece menos inocente... Mas ressalta o verde dos seus olhos, e essa visão embalará meu sono.

Suspiro interiormente. Lou lança discretamente breves olhadas para a tela. Interrompo várias vezes, de propósito, a conversa, pretextando má conexão. Mesmo assim Mélodie pena certo tempo antes de se livrar do seu “marido”.

Depois tiro discretamente meu *hijab* e me volto para a minha amiga. Ela está contrariada. É tudo o que ela sente se agita tanto nela que ela não consegue expressar isso de outra maneira. Consigo em todo caso lhe arrancar algumas palavras. Ela me explica que ouvir o jihadista a incomodou tremendamente. Então ela pegou algumas das nossas

conversas... Acha perigoso demais a jornalista se arriscar assim, porque nasceu uma real proximidade, ela percebeu, e acha isso aterrorizante. Lou senti u como Mélodie pertence a Bilel, o que lhe dá arrepios.

Ela me encontrará mais tarde, ainda precisa falar no Skype. Quando volta para o quarto, estou deitada na minha cama. Ela se deita em silêncio na dela. Espero que ela olhe para mim e enfim ela me sorri. Pego minha artilharia pesada de esmaltes e pinto as unhas dela de vermelho.

Quarta-feira à noite

Lá está meu sofá. Tão escuro quanto as roupas de Mélodie. Geralmente, adoro voltar ao meu apartamento. Rever minha bolha, que me parece ainda mais protetora do que ao partir. Nele, eu me sinto intocável. E, principalmente, encontro meu cachorro, que amo muito. Ele parece um bicho de pelúcia gigante que só faz dormir e tem o nome de uma música de Nancy Sinatra. Esta noite, depois de uma chuva, vou direto para debaixo do meu edredom. Vou ligar para Bilel do meu quarto. Aconteceu raramente, André não gostava, mas às vezes, por falta de tempo ou por questões de luminosidade para as fotos, não tivemos escolha. O ambiente é suave e silencioso. Quase sempre só o ilumino com uma vela na hora de me enfiar debaixo dos lençóis. Computador no colo, simplesmente ponho o véu. A câmera está posicionada de tal modo que Bilel não distinguirá nada mais que meu rosto. Preparei um chá fervendo, que ponho na minha mesa de cabeceira de madeira. Faço a chamada. Desde as suas primeiras palavras, ele já me cansa. Não consigo mais suportá-lo.

— Sentiu saudade? Você me ama? Eu te amo tanto... Mélodie, minha mulher...

— Não estou ouvindo direito o que você diz. Alguma novidade?

— Preciso te dizer uma coisa! Dei seu telefone à mulher de um irmão. Ela também vai chegar logo, mas está grávida de seis meses e ficaria mais tranquila se viajasse com você,

porque você é mulher de um emir, entende... Em troca, ela terá uma porção de conselhos de mulher a te dar. Ela se chama Vanessa.

Essa não! Corto imediatamente a conexão. A mensagem que recebi na Tunísia e que me parecia tão falsa era verdadeira, então! Uma mulher gravidíssima, visivelmente menor de idade, quer ir para o inferno. Bilel torna a ligar, bato a tampa do notebook, a ponto de quebrá-la. Busco no telefone de Mélodie o torpedão de Vanessa, para lhe responder imediatamente. Digito a toda a velocidade.

“*Salam aleykum*, minha irmã, sinto lhe responder somente agora. Precisava pensar sobre a nossa viagem... Será um bom momento para ir? Ainda mais se você está grávida...”

Vanessa me responde imediatamente. Seu vocabulário mistura o árabe e o francês, nem tudo é claro. Mas entendo que ela está determinada e tem de encontrar o pai do seu filho. Me suplica que viaje com ela e me promete, em contrapartida, responder a todas as minhas dúvidas. Tomada pelo pânico, não sei o que fazer. Deveria avisar a polícia. Sim, mas sou jornalista e me recuso a denunciar quem quer que seja, principalmente uma jovem provavelmente frágil. Nesse caso, seria delação ou proteção? Em pleno estresse, peso as possibilidades. Mélodie acaba lhe propondo mais uma semana para levar a cabo os preparativos, de modo a me permitir ganhar um pouco de tempo. Vanessa aceita calorosamente, e o acordo encerra nossa conversa de mais ou menos vinte minutos no SMS. Isso me deixa um pouco de tempo para ver como as coisas se desenrolam e falar com a minha hierarquia. Agora tenho de ligar para Bilel. Conecto novamente, ainda com mais má vontade do que há pouco. Mélodie solta uma desculpa relacionada à sua irmã, depois o deixa falar. Até aqui, juntei uma grande quantidade de informações. Mais do que exigia a missão inicial. Só desejo uma coisa agora: terminar depressa.

Nem ouço mais suas palavras meigas. Mélodie queria apenas lhe repetir que parte dali a dois dias para encontrá-lo e ter certeza de que ele a ouviu direito. Pego minha xícara de chá, já fria agora, e sopro a bebida para disfarçar. Não dá tempo.

— Ei! Isso que você está fazendo é *haram*, pare com isso já! Ô, Mélodie!

Parar o quê? Não entendo. Mas aquilo parece deixá-lo fora de si. Seus olhos estão fora de órbita. O que terei feito para trair Mélodie?

— Não sobre seu chá!

— Mas ele está quente!

— É *maklum*, proibido. Você sabe por quê?

— Não. Por quê?

— Porque não atende às leis islâmicas mas às de seu país! Ora, Mélodie!

Ah! Quer dizer que há um item “comportamento apropriado para as bebidas quentes” nos códigos civis de mais de 170 países?

— Não entendo o que tem a ver...

— Não se deve mudar a natureza das coisas, está escrito... A charia corresponde a leis estritas: se você tem um problema qualquer amanhã, como ser agredida, roubada ou outro, você é considerada *kuffar*, se se queixar ao seu país. Nesse caso, você se torna inimiga minha e do Onipotente, já que apelando para a justiça dos homens você se torna, com isso, uma infiel. Sua mãe, por exemplo, ela fez algum seguro?

— Sim! Vários e para empréstimos!

— Pois isso faz da sua mãe, automaticamente, sua inimiga. Ela não respeita as leis, logo o islã. Por conseguinte, você não lhe deve mais nada. Então eu te aconselho a rever direitinho suas lições sobre o Tawhid e a dawa, as obrigações de todo muçulmano! E a se desviar do inimigo.

Sim, é isso. Depois de ter lido o Antigo Testamento, o Novo e o Corão, agora estou louca para me debruçar sobre as leis que constituem as bases da charia. Quanto mais o tempo passa, mais desprezo Bilel. Ele me evoca a pedofilia quando,

com os olhos exaltados, me fala de Yasmine, e o vício e a mentira quando se dirige a Mélodie. Ele não é, como eu pensava no começo, um lobo em pele de cordeiro. É um diabo. Vi seu olhar quando ele berrou a Mélodie que não esfriasse o chá. Quando lhe disse que a mãe dela era “automaticamente, sua inimiga”. Quero continuar a acompanhar o Estado Islâmico, a Al-Qaeda e, de uma maneira geral, tudo o que acontece no Oriente Médio e Próximo, mas sem Bilel como gênio do mal que sai da lâmpada quando bem entende. Mélodie se prepara para desconectar. Subitamente, Bilel lhe pergunta:

— Quantos anos você tem?

— Nossa, já esqueceu? A gente se fala faz tempo...

— Estou em dúvida...

Para ver sua reação, tento uma pirueta:

— Dezoito anos, daqui a pouco.

— O.k... Ah, minha mulherzinha, como você é linda.

— Não é nada disso, tenho vinte anos! Yasmine é que é menor!

— *Mashallah*, minha mulher, você está brincando comigo, isso não está certo, meu amor!

— Eu sei que você tem 38 e que nasceu no dia 8 de janeiro! Está na sua página do Skype.

— É para despistar!

— Você não tem 38 anos?

— Tenho, mas não nasci em janeiro, nasci em 6 de junho de 1976! Tive de mudar de identidade algumas vezes...

Meu coração dispara. Para qualquer jornalista esta última frase seria um chacoalhão. Não posso. E não só para não “melar” meu disfarce. Naquele instante, quase me deu vontade de arrancar o véu. Respondo com minha voz verdadeira, com zero de coquetismo.

— Preciso desligar, Bilel.

— Já?

— É. Boa noite.

— Mas...

Corto-lhe a palavra. A tampa do meu notebook se fecha violentamente pela segunda vez esta noite. Depois da sequência com Milan, é a segunda conversa que vivo mal: a segunda vez, e não haverá terceira, que, sem saber, Bilel entra em colisão direta com o mais íntimo da minha vida. Acendo um cigarro e luto interiormente para não espatifar meu Mac no chão com todas as minhas forças. Um dia, faz tempo, um dos meus irmãos mais velhos, que nasceu no mesmo ano de Bilel, pronunciou uma frase que nunca pude esquecer. Acabávamos de mudar, toda a família, para um apartamento maior. Mas ele ficava praticamente em frente a um cemitério. Lado a lado, olhávamos pela janela esse espaço imóvel, que nos parecia gigantesco. Fumávamos nossos Marlboro vermelhos num silêncio de pedra. A certa altura, meu irmão murmurou, como se pensasse em voz alta: “Cada presságio tem seu porvir”. Algum tempo depois, ele morreria de não querer mais viver. Acabava de comemorar seus 26 anos, num 6 de junho. Bilel e meu irmão, estrela da minha vida, nasceram no mesmo dia do mesmo ano. Só que um está vivo, e o outro não mais.

Nunca confiei isso a ninguém. Não passa um só dia sem que seus grandes olhos negros de cílios intermináveis me venham à mente. Penso em meus pais, que continuam morando naquele apartamento. E encaro essa macabra coincidência como a chegada de um péssimo presságio.

Segunda-feira de manhã cedo

O toque do telefone me tira do sono. Atendo, ainda imersa no meu sonho. É André. Não poderá me acompanhar a Amsterdam amanhã. Acaba de saber da morte do pai. Desfaz-se em desculpas por ter de se retirar do projeto... Em sua voz se mesclam sua dor e sua decepção por não poder estar comigo, depois de tudo o que compartilhamos. Mas é claro que seu lugar é ao lado da família! As lágrimas me vêm aos olhos. Estou pouco me lixando para a reportagem, gostaria de poder apertá-lo em meus braços. Não sei como tranquilizá-lo e lhe dizer para esquecer todo o resto do trabalho, inclusive Bilel. Ele me pede para avisar o jornal. O que faço logo em seguida. Aliás, o tempo de tomar uma chuveirada e me vestir, e corro para lá. Quando chego é uma luta para encontrar um fotógrafo “de confiança” que possa substituí-lo de improviso. Um fotógrafo suficientemente tarimbado para me dar cobertura quando estivermos na fronteira turco-síria, mas que além disso conheça bem a mentalidade dos fanáticos... Sem contar os riscos a correr e o sangue-frio que talvez tenha de demonstrar. Apesar da prudência extrema da redação, a tal ponto que hesita em me enviar, todo europeu que parte para esse canto do Levante tem poucas garantias de não ser sequestrado. Junto com dois superiores e com o chefe da foto, além de Hadrien, que supervisionam o projeto desde o início, levamos horas selecionando dois candidatos. Entre as reticências, quando não a recusa, de alguns a irem para essa

zona e os fotojornalistas que o setor de foto não considera qualificados para a missão, a escolha se torna árdua. Finalmente será Charly. Um grande fotógrafo que só conheço de reputação e por algumas das fotos notáveis de diferentes conflitos ou crises que ele cobriu ao longo destes trinta últimos anos. A jornalista em mim fica sossegada. Com Charly, tudo correrá bem. Mas, no plano pessoal, eu teria preferido outra pessoa, que conheço bem e cujo trabalho também admiro, como Julien, por exemplo. Charly vai me ver fazer caras e bocas na pele de uma outra, e é a primeira imagem que ele terá de mim. A atriz improvisada que encarno nestas últimas semanas teria preferido que a testemunha do seu espetáculo fosse alguém mais próximo. Espero que Charly não vá me julgar, a cara dele me pareceu tão séria, nas raras vezes que tive a oportunidade de entrevistá-lo. A redação do jornal lhe dá o briefing, e nos telefonamos de noite para eu dar as últimas explicações. Mal abri a boca, ele me cortou a palavra:

— Cara senhorita, não quero saber seu nome. Para mim, você é Mélodie, porque não quero comprometer a matéria e me arriscar a chamá-la por seu nome verdadeiro. Quando a reportagem terminar, pode revelá-lo.

Muito bem! Isso me faz sorrir. Eu imaginava esse senhor um pouco rígido demais, sem muito humor. Nada disso. E hoje agradeço a Deus, se é que ele existe, por nos ter posto no mesmo caminho. Depois a gente conversou por um bom tempo. Charly se vê catapultado a uma reportagem complexa sobre a qual não sabia nada 24 horas antes e que vai levá-lo à Holanda na manhã seguinte e à fronteira turco-síria um dia depois. A matéria não é trivial. Particularmente, o fato de que a jornalista também é a protagonista. Ele se pergunta como conseguirá me pôr em cena sem que me reconheçam. Eu sinto que ele está embaraçado por ter de realizar fotos de uma conversa, ele que está mais acostumado a se abrigar debaixo de um tanque enquanto as balas chovem acima da sua cabeça... O jornal lhe deu três objetivos. O primeiro: ficar de olho em

Lola,* a moça que devo encontrar em Amsterdam. O segundo: fotografar a “mamãe” que deve pegar Mélodie e Yasmine em Istambul. O terceiro: ir para Kilis tirar fotos de Guitone, depois de Mélodie. Lola determinou meu itinerário. Seu testemunho cai do céu, e ela mora numa das duas cidades pelas quais Mélodie deveria transitar. Embora minha escolha já esteja quase definida, dado meu amor por essa cidade. E sobretudo pelo fato de que Hadrien deve estar lá nesse fim de semana para assistir ao World Press, a cerimônia mais importante que recompensa todos os anos as melhores fotos feitas no mundo — e, portanto, os fotógrafos, entre os quais alguns amigos meus. O festival de Cannes dos fotojornalistas, numa palavra. Dentre tantos encontros digitais com as irmãs na internet, Mélodie compartilhou conversas com essa moça chamada Lola, que por pouco não foi encontrar na Síria um beligerante do Daesh por quem ela achava estar apaixonada. Felizmente, foi barrada *in extremis* alguns minutos antes da sua partida para a Turquia. Uma história que estou louca de vontade para conhecer e que se parece muito com a de Mélodie... Passada a raiva e com a proibição policial taxativa de todo contato com seu jihadista, Lola viu aumentar os abusos do que devia ser sua brigada, sua “família”. Ela pôde julgar e formar uma opinião consultando dezenas de sites ocidentais e orientais. No fim das contas, entendeu que não tinha nada a ver com a ideologia dos soldados do Daesh. Mora num albergue, porque, embora tenha compreendido que não devia partir para o teatro da guerra, continua a aplicar rigorosamente sua religião. Seus pais, protestantes, só a tolerarão em casa se, no mínimo, ela deixar de usar a burca e as luvas. Não antes disso. Mas Lola se recusa. Como é vigiada e grampeada, sente-se mais segura se nos encontrarmos cara a cara. Tem medo de que conceder uma entrevista a um jornalista a prejudique, seja perante o Daesh, seja perante a polícia. O objetivo dessa viagem também é, portanto, colher seu depoimento, para encorpar minha investigação. Essa

entrevista também permitirá que eu reforce as explicações que Mélo die deverá dar a Bilel quando lhe anunciar que finalmente não poderá se juntar a ele. A tarefa se anuncia dura. O guerreiro não deixará sua presa escapar facilmente. Meu encontro com Lola está previsto para as dezesseis horas. Da margem oposta, Charly, auxiliado por Hadrien, que estará na cidade, tirará com a teleobjetiva fotos que atestarão a veracidade do nosso encontro. Ele nos enquadrará de perfil, para que nos reconheçam o mínimo possível, principalmente Lola. Depois, parto para a conversa final entre Mélo die e Bilel... Aquela em que ele a descobrirá a caminho do seu jihad e lhe dará enfim as preciosas instruções sobre a última parte do trajeto, que aguardo com impaciência. Depois, no dia seguinte de manhã, quando ele acreditará que estou num avião rumo a Istambul com Yasmine, Charly e eu teremos aterrissado em nosso voo Amsterdam-Istambul faz tempo. Se tudo correr bem, depois de ter imortalizado a atravessadora que levaria Mélo die e Yasmine, teremos pegado a tempo nossa conexão para Kilis. Além da entrevista agendada com Guitone, quero me dar conta por mim mesma do clima e da desolação dessa cidade fronteiriça. Interrogar homens, talvez mulheres, ou mesmo adolescentes, sobre o que eles sentem e o que os anima no momento de passar ao ato. Preciso assumir o controle de mim mesma diante dessa linha de demarcação. Preciso respirar fundo e passar de volta para o lado bom do espelho. Enfim, me livrar desse peso que é Mélo die. Libertá-la, me libertar sobretudo. Irei provavelmente para um hotel conhecido por alojar seus clientes por uma noite só, antes da passagem para “o outro lado”. Aí, Mélo die mandará um derradeiro e-mail a seu pretendente para lhe dizer que alguém deve tê-la denunciado, visto que, como toda causa acarreta um efeito, não a deixaram pegar o avião para a Turquia. Ela se sentirá vigiada e terá de voltar para a França, por enquanto. Depois não existirá mais. Como se tivesse se volatilizado. E Bilel nunca mais ouvirá falar dela. Na realidade, tenho a intenção de dar como fecho a essa matéria sobre o “jihad

digital” minha parada em Kilis, e os poucos obstáculos que se erguem no caminho daqueles e daquelas que empreendem essa terrível viagem.

Mas absolutamente nada ocorreu como previsto.

* O nome foi modificado.

Sexta 25

Avisto Charly na multidão dos passageiros de Orly. “Como você me reconhece, se eu não a conheço, Mélodie?” Respondo que sua reputação o precede, a minha muito menos... Simpatizamos um com o outro imediatamente. Para começar, ele não para de gozar Mélodie, e eu adoro que me façam rir. Charly é o contrário do que eu imaginava! André e ele são tão diferentes! Charly é calmo, fala baixo e sempre se defende com a ironia. Sempre controlado, ainda que pense coisas do arco da velha. Humor e sangue-frio são suas armas. Ele desdramatiza toda situação, tendo o talento de levar a cabo a reportagem que empreendeu. Levei comigo uma velha Rolleiflex que ganhei do meu pai. O aparelho, de segunda mão, deve datar dos anos 1940. Tenho dificuldade para utilizá-lo. “Olhe, é fácil”, me diz Charly tirando a máquina das minhas mãos. Estamos em plena aula de fotografia quando Hadrien se junta a nós. Charly e ele se conhecem muito bem, há anos. Finalmente, apesar da triste ausência de André, de quem sinto falta, e do meu mau pressentimento, embarcamos de bom humor, impacientes de enfim chegar ao destino.

Durante o voo, começo a digitar a introdução da minha matéria, porque, a partir de agora, tudo vai se desenrolar bem depressa. Temos menos de uma hora de trajeto, e ouço “Eye of the Tiger”, a mítica música do filme *Rocky*. E é ali que eu me sinto mesmo... Se a comissária de bordo não me der um envelopinho de sal de aipo junto com o suco de tomate, vou

lhe desferir um *uppercut*. Aquele que eu adoraria acertar em Bilel.

Tudo se acelera à nossa chegada às terras neerlandesas. Lola começa por atrasar em meia hora nosso encontro; ela parece hesitar. Depois me liga novamente para postergá-lo em mais uma hora ou duas, explicando que não pode sair como bem entende do albergue onde se hospeda. Merda! Charly e eu sabemos que quando um contato não para de alterar o encontro não é bom augúrio... Bem, cruzemos os dedos para que ela não nos dê o cano. Enquanto corro para comprar um telefone pré-pago, que não permita identificar o usuário, como Bilel pediu a Mélodie, Charly e Hadrien tratam de encontrar, num calor infernal, os melhores lugares para fotografar. Neste fim de abril, a temperatura da cidade dos canais beira os trinta graus. Caímos também em plena celebração do Koningsdag, a festa nacional neerlandesa. Em todas as esquinas, os DJs emitem sons ensurdecedores que se misturam uns aos outros. Os moradores, vestidos de cor de laranja segundo a tradição, riem, bebem, cantam. Peruca na cabeça, eles levam no ombro, à maneira do rapper Run MDC, um estéreo retrô. O calor e o barulho, somados ao timing apertado que nos espera, começam a nos dar nos nervos, num contexto em que estes já estão relativamente à flor da pele. E eis que descubro o hotel em que nos hospedaremos por esta noite, à beira do canal, portanto no epicentro de todo tipo de poluição sonora... Fantástico. Era só o que faltava. Enquanto espero o encontro com Lola, preparo meticulosamente tudo de que vou precisar na última comunicação por Skype entre Mélodie e Bilel: duas burcas integrais, como ele exigiu, meu celular pessoal para gravar as conversas, o novo para contatá-lo, e também o de Mélodie, que conservei por via das dúvidas. Emagreci muito este último mês. Meu rosto está mais fino que de costume. Estive tão envolvida... Da cama do meu modesto quarto, olho pela última vez a *djelaba* e o *hijab* de Mélodie. Sinto uma

pontada no coração. Não por me desfazer do meu disfarce, mas por abandonar Mélodie. E como sempre quando saio desses períodos extremos de adrenalina, eu me digo: *E agora?* Bilel não vai me fazer falta, disso não há dúvida. Muito menos a atitude de bonequinha tímida que eu devia adotar. Mas o cotidiano sírio, ainda que pelo prisma de Bilel, também vai desaparecer da minha vida. Uma vez que o que ele dizia era verificado, ele constituía minha melhor fonte de informações. Eu estava, devo reconhecer, viciada nessa reportagem. Meus pensamentos são confusos. Estou cansada.

Para aumentar o estresse, eis que meu pai me liga pela enésima vez neste dia. Não sei o que ele tem hoje, mas, pela primeira vez, sinto o que deve ser ter uma mãe judia. Esta manhã, no aeroporto, batemos os respectivos celulares na cara um do outro. Por meu irmão e minha mãe, ele sabe vagamente que estou em Amsterdam, e só. Ele sente que eu o evito. Faz apenas uma semana que eu lhe disse que estava trabalhando numa matéria especial, sem maiores detalhes. Mas ele está longe de ser bobo, e conhece muito bem meus campos de investigação preferidos. Fez perguntas sobre o que vim fazer em Amsterdam e, principalmente, sobre a continuação do programa. “Ouvi falar de Turquia. Se você vai à Síria, ou mesmo à fronteira, vai dilacerar meu coração! Viu todos aqueles reféns lá? Hein? Não faça isso comigo, você sabe que não poderá voltar.” Ele berrava. Logo ele, de uma natureza tão moderada e calma... Eu não saía de perto de Charly enquanto sua inquietude explodia nos meus ouvidos. Não sei se o grande fotógrafo de guerra ouvia nossa conversa, mas eu sentia uma vergonha orgulhosa por levar na frente dele uma bronca do meu papai... Desde meus vinte anos, eu me esforço por observar a maior discrição em relação aos meus pais sobre os problemas que posso vir a encontrar. Eu os poupo também sobre certas viagens a que me levam minhas reportagens, que adoro, mas eles, um pouco menos. Minha mãe conhece minha prudência. Já meu pai parte do princípio de que, com ou sem prudência, o perigo vem dos outros. Por longos minutos, tento

encontrar um álibi, mas me enrolo. Não vejo como lhe explicar sem deixá-lo aflito que sua filha, depois de se tornar Mélodie e, em seguida, Umm Saladîne, está prometida a um terrorista do Estado Islâmico, que ainda por cima é o braço direito francês do homem mais perigoso do mundo. E a Turquia?, ele me pergunta. Finge não entender que pretendo ir à fronteira. Me enrosco completamente. Agora, no meu quarto de hotel, desligo depois de ter prometido a meu pai que terça-feira estarei de volta à França e que, por ora, estou simplesmente na Holanda. Ligo amanhã, que ele não se preocupe.

Tudo está pronto. Enquanto espero a volta dos meus companheiros de desventuras, consulto meu perfil real no Facebook, em nome de Anna, para ver se Guitone respondeu à minha última mensagem. Sim! Uma preocupação a menos. Mas lendo suas poucas palavras, eu me sinto ainda mais arrasada:

“Se você quiser uma entrevista, é só ir tomar chá de hortelã com o Exército Síria Livre.”

Que bicho o terá mordido? Ou o que fiz para deflagrar de repente essa recusa? Ainda ontem, ele se desfazia em mensagens favoráveis à entrevista segura, acompanhada do meu fotógrafo, que eu havia pedido. Para enfrentar um eventual risco de sequestro, eu tinha lhe dito que preparávamos um grande artigo para o qual havíamos encontrado outras facções islamitas na Líbia (outro ninho de jihadistas). Eu tinha podido levar meu fotógrafo e eles haviam sido encantadores com a gente. Tinham cuidado da nossa segurança à perfeição. A ideia era que, sabendo disso, Guitone e sua brigada se sentissem uns bocós se nos armassem uma cilada, temendo que, se assim fizessem, condenariam sua imagem aos olhos dos outros fanáticos. O que seria ruim para eles, já que a história tende no fim a aproximar os “malvados”.

Como o Estado Islâmico e a Al-Qaeda acabarão por entender seu interesse de somar forças na Síria...

Não entendo mais nada. Estou sem comer desde a véspera, sinto vertigens. Meus pais, Milan, meus amigos, recebo torpedos de preocupação e de incentivo de todo mundo que está a par do que está acontecendo. Enrubescço de embaraço. Sinto calor. Mas quando abro as minúsculas janelas, a zoeira invade o quarto, depois minha cabeça. Meus pensamentos estão cada vez menos claros, de tantas as hipóteses que se sucedem no meu cérebro a ponto de explodir. A morte não me mete medo. O estupro, sim. E de acordo com vários depoimentos, é um castigo frequentemente aplicado às prisioneiras do Daesh. Por que, de repente, Guitone, tão satisfeito com minha chegada a Kilis, me repele, logo a mim, a jornalista cuja identidade ele verificou previamente na internet e com quem se corresponde há pelo menos três meses? Por que o “assessor de imprensa” geralmente tão “prestativo” me convida subitamente, de forma desdenhosa, a interrogar o adversário? O que está acontecendo? Espero que não tenha nada a ver com Mélodie... Se a brigada francesa do EI estabeleceu o vínculo entre ela e Anna, está tudo acabado. Adeus Kilis. Olá incerteza e dúvidas. Eu lhe mando uma breve mensagem, informando que estou a caminho e à sua disposição por 24 horas. Lembro-lhe que ele tinha me dado sua palavra e que havia jurado por Alá. Guitone nunca me respondeu.

Espero Charly voltar para lhe transmitir estas últimas notícias nada empolgantes. E também para que ele me dê sinal verde para contatar Bilel. Esta última discussão se fará portanto neste quarto de hotel exíguo que observo realmente pela primeira vez desde a nossa chegada. A cama é gigantesca. Não há nem poltrona nem cadeira. Vou ter de falar com Bilel recostada nos travesseiros. A cabeceira da cama, em tons alaranjados, representa uma espécie de rosa abstrata. Isso

acrescenta um pequeno toque charmoso, de gênero oriental. Escondi os objetos que poderão me trair, caso Bilel deseje que Mélodie lhe mostre o quarto. Charly e Hadrien voltam, suando em bicas. No magnífico lugar que eles haviam encontrado e onde acabam de passar duas horas fazendo testes, um novo DJ improvisado, evidentemente trajando cor de laranja da cabeça aos pés, montou uma espécie de estrado gigantesco... Que azar. Eles não têm mais tempo de arranjar um lugar melhor. A hora do encontro se aproxima. E nada de confirmação da parte de Lola. Finalmente, encontramos uma solução simples. Em nossa falta de sorte de terem nos destinado o menor quarto do hotel, que dá diretamente para a rua, a janela é suficientemente bem situada para que Charly possa tirar as fotos daqui. Bastará deslocar Lola alguns metros. Ufa! Hadrien, que, para nos ajudar, se atrasou bastante para as obrigações que o esperam na World Press, vai correndo tomar uma chuveirada. E, enfim, Charly me dá o sinal verde que eu esperava com tanta impaciência.

Amsterdam, sexta-feira, 18 horas

Eu me visto de Mélodie e mando a Bilel, pelo Skype, meu novo número local. Charly acha graça. Ele me observa, cigarro nos lábios, me azucrinando com os últimos detalhes e os meus pequenos rituais, como verificar, antes de tirá-lo, se meu anel-fetichê está mesmo no meu dedo médio da mão direita. Ele insiste em me chamar de Mélodie, apesar de agora saber meu nome verdadeiro. Ele me diz que, efetivamente, não sou muito bonita com esse véu que me sufoca o rosto. Aguento sorridente as gozações amáveis que aliviam o peso da situação e penso que é precisamente isso o que ele quer.

Pronto, Bilel faz uma chamada com vídeo pelo Skype... A adrenalina sobe mais um pouco. Amanhã, estaremos a apenas alguns metros da Síria. Essa chamada, que creio ser a derradeira, catalisa para mim todo o caminho percorrido até aqui. Enfim, o trabalho vai ser concluído. Meu único medo neste momento: que Charly me tome por uma louca ao assistir à minha conversa com o terrorista. Espero que ele compreenda que na história somos duas: a jornalista e a marionete. Clico no botão verde me mantendo bem ereta na cama. Bilel não sabe por onde começar, tem tantas coisas a dizer a Mélodie...

— *Salam aleykum*, meu amor, você está mesmo em Amsterdam? Não posso acreditar, logo você estará aqui, sou o homem mais feliz da terra. Como te amo, minha mulher...

Acho que nunca vi uma expressão tão feliz em seu rosto. Seus olhos brilham de excitação. Ele exulta de alegria. Absolutamente nada vem trair a sinceridade desse sentimento. Bilel está sozinho num cibercafé. Acaba de terminar seu trabalho.

— Estou sim, querido, com a Yasmine! Amanhã pegamos um avião para Istambul. Mas aqui está agitado, não podemos dar bandeira... Me passe logo as instruções...

Como sempre, Bilel não ouve direito Mélodie e logo emenda:

— Como você é linda! Vamos, conte a viagem! E como você fez para pagar as passagens?

— Roubei o cartão de crédito da minha mãe e comprei nossas duas passagens on-line. Pegamos nossos passaportes, e pronto...

Faço o possível para lhe endereçar meu mais belo sorriso, de modo a ser convincente. Mélodie acaba de largar tudo para encontrá-lo e se casar com ele, minha atitude tem de ser coerente.

— Como você é forte, minha mulher! Estou orgulhoso demais de você, vocês duas são verdadeiras leas! Olhe, se ainda está com o cartão de crédito, me compre umas coisas.

— O que você quer?

— Ora, você sabe muito bem, meu amor...

Com ele, que pula sem mais nem menos das histórias das cabeças que ele corta “com prazer” para o galanteio descarado, eu sinceramente não sei. Uma arma? Dinheiro vivo? Umas balinhas?

— Não?

— Ora... Perfume! Mas do bom, de uma boa marca principalmente! Você escolhe...

Fico consternada. Quer dizer que ele se perfuma antes de matar a sangue-frio? No Afeganistão, em particular, perfumam os mortos antes de enterrá-los no chão numa mortalha branca. Bilel fez seu aprendizado nesse país, alguns anos atrás...

— Uma boa marca... De que você gosta?
— Adoro Égoïste de Chanel ou um bom perfume Dior. Mas deixo você escolher... *Mashallah*.

— Outra coisa?

— Faça uma surpresa.

— O.k., bebê. Podemos falar de amanhã? Yasmine está um pouco estressada, ela se tranquilizaria se soubermos como vai ser depois que a mamãe vier nos buscar...

— Ah, sim, é mesmo... Eu te explico. Quando vocês chegarem a Istambul, compre outro telefone. E jogue fora o de Amsterdam. E, principalmente, pague em espécie, não com o cartão da sua mãe! Não podemos deixar pistas para a polícia...

— O.k. A mamãe vai nos esperar onde?

— Bom, na verdade ninguém irá esperar vocês... Você vai comprar duas novas passagens para atravessar voando o país, de carro é demorado demais.

— Como assim? Não vai ter ninguém quando a gente chegar? Você tinha me prometido!

— Não, mas tudo bem, você é uma moça grandinha, minha mulher. Há dezenas de europeus que fazem isso todas as semanas só com a esperança de entrar para as nossas forças! Vamos, minha leoa!

Nesse instante, não preciso me forçar muito para que a angústia transpareça na voz de Mélodie.

— Mas você não tinha me dito nada disso, Bilel... Falamos desse assunto um montão de vezes... Você insistia, e eu também, para que uma mulher se encarregasse de nós. Você me falava dessa mamãe com quem estaríamos em segurança. Quantas vezes você me disse: “Nada é mais importante do que a sua proteção”.

Seu tom endurece ligeiramente.

— Escute aqui. Você vai ficar calada dois minutos e me deixar falar. Você não tem quase nada a fazer. Chegando ao aeroporto de Istambul, compre duas passagens, para Urfa. Não custa nada, tipo cinquenta euros cada uma. Compre só duas idas. Pague em espécie, hein? Se não der, eu te pago, não tem

problema. Saque agora todo o dinheiro vivo de que vai precisar, depois jogue fora o cartão de crédito e o celular holandês.

Urfa? Mas é suicídio ir para lá! A cidade turca se situa mais ou menos à mesma distância da Síria que Kilis. Com a diferença de que o EI a controla inteiramente. Ir lá já é estar na Síria... Sem falar que é lá que Guitone e seu bando degustam seus kebabs, *kalachnicov* ao ombro, granadas na cintura. O castelo de cartas vem abaixo de hora em hora. Entro em pânico. No meio disso tudo, me esqueci dos flashes de Charly, que se movimenta como um gato em volta da cama. Eu lhe lanço uma rápida olhadela. Ele me faz silenciosamente entender que a coisa vai mal. A apreensão me invade. Pelo bom desenrolar da matéria, mas também por Charly, que parece alucinado com as palavras de Bilel. Improvise, sinto uma bola no estômago. Mélodie diz que perde confiança e conta que Yasmine choraminga. Ponho toda a culpa na menor de idade apavorada.

— Para mim não é um problema, mas Yasmine está morrendo de medo. Ela só tem quinze anos... Não quero que o medo dela atrapalhe nossos planos. Eu te disse que estava tudo supervigiado, me virei sozinha até aqui, apesar de você sempre me oferecer sua ajuda. Agora eu peço...

Seu tom endurece um pouco mais. Sua cara não está mais nem um pouco contente. Parece que está zangado com Mélodie.

— Já acabou com as suas bobagens? Passe Yasmine, vou falar com ela e tudo vai se arranjar!

— Não, eu cuido disso. É minha amiga, deixa que eu consolo a Yasmine.

— Passa ela pra mim, já te disse, Umm Saladîne!

— Vou passar... Me dê um pouco de tempo, agora ela está chorando na porta do quarto, do lado de fora. Prefiro falar sozinha com você. Não acho correto ser tão duro comigo. Não te peço nada, além de respeitar o que você me prometeu durante quase um mês. Você diz que posso contar com você...

Mas à minha primeira dificuldade você me deixa na mão... Muito simpático!

— Ei! Comigo fale de outro modo! Quem você acha que é? Não é você que dá ordens, sou eu! Entendido? Anda, me mostre o seu quarto um pouco...

Pânico. Como fazer neste quarto minúsculo? Desde o início da conversa, que começa a se prolongar, Charly se movimenta o mais discretamente possível. Ele tira as fotos com sua Leica como um fantasma acostumado à invisibilidade. Não temos a possibilidade de nos falar. Nem mesmo de nos olhar, no tenso contexto do momento. Ele se ajoelha e se contorce como pode em volta da cama, à medida que movimento a webcam. Bilel está nervoso. Escruta tudo nos mínimos detalhes. Parece estar com cada vez mais raiva. Me pede novamente para lhe mostrar bem o quarto. Depois, com um ar superior e ameaçador que eu não conhecia, toma de novo a palavra. Mélodie vai ter de reverter a situação por meio de palavras doces e de desculpas.

— Onde você está, exatamente?

— Mas, querido, eu já te disse, estou em Amsterdam, você viu que não estou mentindo! A câmera te mostrou o quarto! Você viu minha mala! Quer que te mostre a vista de fora?

Como de costume, o terrorista não ouve Mélodie.

— Me passe a Yasmine! Foda-se se ela está chorando!

— Calma, Bilel... Quer ver minha passagem de avião?

Pego minha passagem em meu passaporte, rezando para que ele não peça para vê-lo. Já no que diz respeito a Yasmine, não sei como vou me safar... Isso depois de Guitone ter me deixado na mão em pleno voo, e ainda por cima eu continuo sem notícias de Lola... A matéria se afunda. Arrastei Charly e minha redação nesse barco que vai a pique. Esta manhã, antes de embarcar, mostrei rapidamente os vídeos das nossas conversas a Charly. Ele viu um homem apaixonado, logo potencialmente perigoso, dado o contexto. Ele achou absurdos os olhos de gazela que Bilel dirigia a Mélodie e sua atitude de paquerador desajeitado. “Patético”, ele me disse. “E tudo isso em nome de uma religião que eles desonram...” Eis que a

máscara de Bilel cai. Seu tom se torna autoritário. Ele exhibe uma cara malvada. Profere ameaças. Pela primeira vez, distingo em torno dele, que me “escondia como sua joia preciosa”, diferentes vozes de homens, que também parecem se agitar. Nunca o vi assim. Desconfiado. À espreita. Bilel está irreconhecível. E sua expressão é assustadora.

— Vai me passar a Yasmine ou não? Agora você vai parar de me fazer de bobo e vai calar a boca. Faço parte de uma organização terrorista! Você sabe pelo menos quem eu sou para me falar assim? Aqui, comando cem soldados por dia! Só te disse voluntariamente um quarto das coisas... Sou fichado internacionalmente, é por isso que nem mesmo às nossas cidades na Turquia eu posso ir. Só posso ir ao Iraque. Tenho 38 anos, menina, não são você e sua amiga que vão me fazer cair! Você não sabe quem eu sou, cuidado!

Ele pontua suas palavras com um riso sádico. Eu o enfrentei. Achei que seria bom afirmar um pouco o caráter de Mélodie elevando o tom. Bilel não aprecia nem um pouco. Com a voz mais submissa possível, Mélodie responde:

— Eu nunca me permitiria brincar com você. Estou triste por você achar que cheguei a fugir e ir para um outro país com a intenção de fazer você cair. Não sei o que dizer, tenho vontade de chorar. Farei o que você disse. Vou comprar passagens até Urfa e te ouvirei ao pé da letra. Prometo.

— Você me decepciona muito por ser tão fraca... Eu achava que tinha escolhido uma mulher mais forte. Passe Yasmine, não vou devorá-la.

A noite caiu, impossível achar uma adolescente a quem pedir em algumas frases que improvise uma jihadista em plena hesitação. Apesar de Charly ser bonitão, uma peruca também não resolveria. Não posso fazer mais nada além de tentar acalmar Bilel, desculpar Mélodie. Com suavidade, ela consegue reconquistar a confiança do assassino.

— Você não devia ter trazido a outra, se ela não é capaz de pegar dois aviões. (*Ele suspira.*) E quer saber, merda, se livra

dessa menina. Ela que volte pra casa. Estou pouco me lixando pra ela. Anda, larga essa Yasmine!

— Não vou abandonar uma irmã. Mas não se preocupe, entendi suas instruções. Vou acalmá-la e amanhã à noite estaremos em Urfa...

— Ah, agora sim eu estou reconhecendo a minha mulher... Bom, vou te passar as coordenadas, porque em Urfa vão se encarregar direitinho de você, pode crer. Ligo de volta em dez minutos, o tempo que preciso para organizar sua chegada.

Sexta-feira, 21 horas

Apresso-me a tirar o *hijab* e me levanto. Fico girando naquele quarto diminuto, as mãos na cabeça. Tudo vai por água abaixo. Espero ter mesmo dado a volta por cima com Bilel, senão nossa reportagem perde muito do sentido. Lola me deu o cano. Guitone me arma uma cilada e Bilel marca encontro comigo numa das cidades mais perigosas do mundo. Charly fica em silêncio. Por pudor, acho eu. Ele espera que eu quebre o mal-estar ambiente. Viro-me para ele e lhe digo simplesmente:

— Começou mal, hein?

Charly balança a cabeça. Depois deixa para lá, como se fosse o que estivesse esperando:

— Mas você não virou esquizofrênica com isso tudo? Vi muita coisa na vida, mas *isso*... Posso te dizer que você dá prova de um tremendo sangue-frio, garota. Que tarado, esse Bilel! Te fala de perfume e te cobre de amor, depois te ameaça se você não largar sua amiga menor de idade no meio do caminho!

Caiu a ficha. Ele acaba de entender a reportagem. Charly viu e ouviu bem pior, mas está com um ar um tanto abalado. Durante os minutos, que nos parecem intermináveis, em que esperamos que o terrorista ligue, passamos em revista todos os cenários possíveis. Primeiro, será que ele vai ligar? Dissimulamos nossa decepção, mas mesmo assim acusamos o golpe. Os dois somos freelancers e gostaríamos de entregar

tudo o que prometemos. Desde esta manhã, todos os nossos planos vão por água abaixo, um a um, como peças de dominó. Interiormente, penso: aí estão os porvires dos presságios.

Vinte minutos mais tarde, o Skype começa a tocar. Charly e eu começávamos a abandonar toda esperança. Contemos a respiração, não sabendo se a chamada será conclusiva ou sinalizará a interrupção de tudo. Estou de pé, perto da janela, fumando enquanto falo com a minha redatora-chefe, a quem o diretor pediu especificamente para se encarregar da matéria este fim de semana. Relato-lhe o rumo que tomaram os acontecimentos antes de quase desligar na cara dela. Precipito-me para a cama, por pouco não tropeçando em Charly. Atendo com os nervos à flor da pele. Bilel aparece na tela. Sua expressão parece ter ficado mais serena. Chega até a estar sorridente. Aliás, ele arregala os olhos quando me vê. Na precipitação, não pus meu véu de volta... Que besteira! Ainda bem que o quarto é escuro e estou de rabo de cavalo. Encantado, Bilel pergunta:

— Você tirou o véu?

— Tirei, três minutos, o tempo de ir buscar uma Fanta no térreo. Eu te disse que sou forte: não quero chamar a atenção. Subia quando você ligou. Ia perder sua chamada se eu... Espere, vou pô-lo novamente...

Os olhos de Bilel brilham mais que de costume. Ele corta imediatamente a palavra de Mélodie:

— Não, não faça isso! Se só a Yasmine está com você, isso não me incomoda. *Mashallah*, como nossos filhos vão ser bonitos com os pais que terão... *Inch'Allah*.

Bilel é tão modesto... Sorrindo para ele dirijo um olhar exasperado a Charly, que ergue os olhos para o céu.

— Yasmine está melhor, em todo caso. Agora foi ela que desceu. Mas eu a convenci para amanhã. Então, o que devemos fazer?

Breves mas demoradíssimos minutos passam antes de ele responder. Ele escruta meu rosto e morde os lábios. Recua um pouco a cadeira, como para ver melhor sua futura esposa.

- Temos que falar da nossa noite de núpcias também...
- Quando estivermos a sós... É pessoal demais...
- Está bem. Mas espero que para esse dia mágico você tenha reservado umas roupinhas bonitinhas... Lembra, eu te disse que com seu marido você pode se permitir tudo.
- Veremos... Eu fico constrangida, Bilel.
- Entendo. Amanhã à noite estaremos juntos, de todo modo. Menos de 24 horas nos separam, meu amor.
- Justamente... O que eu devo fazer durante essas horas que vão parecer longas?
- Temos um problema hoje, onde estou, a rede telefônica está ruim. Então, primeiro você vai ligar com seu novo celular para o número que vou te dar. Deve se apresentar como a mulher de Abu Bilel al-Firansi e dizer que chama da parte de Abu Omar Tunsi, da Síria. Depois, comunique a ele o número do seu voo e a hora de chegada ao aeroporto de Urfa.
- Está bem. Com quem eu falo?
- Não se preocupe. Olhe o número, ligue diante de mim.
- Ele me dita os oito algarismos sírios a compor no telefone local, enquanto me observa e me ouve via Skype. Ligo. Um homem que se exprime em francês me pergunta quem é. Mélodie repete exatamente o que Bilel lhe soprou. O homem me confirma que amanhã devemos pegar um voo doméstico ligando Istambul a Urfa, porque nesse momento “as estradas estão vigiadas demais, sobretudo com uma menor”. Mélodie aquiesce. Ele a interroga para saber se precisa de dinheiro para as passagens. Ela responde que não, que tem o necessário. Ele lhe diz, muito amavelmente, que ela e a amiga não hesitem em chamá-lo “a qualquer hora do dia ou da noite a partir de agora e até a chegada à fronteira”. Mélodie agradece e desliga. Vira-se para a tela do notebook. Bilel toma imediatamente a palavra:
- Desligou direito?
- Sim, Bilel.
- O.k. Bravo, muito bem. Siga direito minhas instruções. *Mashallah*. Vai ter que ligar para ele a fim de comunicar o

número do voo e a hora de chegada ao aeroporto de Urfa. Agora, você vai ligar para outro número. É o cara encarregado da segurança das irmãs na fronteira. Diga a ele que você é minha mulher e será tratada como uma rainha.

— Você não vai estar lá?

— Não. Não posso pisar na Turquia, já te disse. Mas estarei a apenas alguns metros, não se preocupe, minha mulher, e depois não te largo mais.

Que legal!, penso. No mesmo instante me dou conta de que, embora eu tenha comprado o celular holandês com o limite pré-pago máximo nas ligações para o exterior, quase não tenho mais crédito. Claro que não joguei fora o antigo celular de Mélodie, mas ele também logo, logo entregará a alma. Um celular pré-pago francês que liga para a Síria dos Países Baixos não vai durar muito.

— O.k.. Me diga então o que devo fazer agora.

Bilel me comunica um outro número sírio. Não atendem. Não faz mal, o mercenário tem a solução. Tem outra pessoa a chamar que com certeza vai atender. Mas só fala árabe. Bilel pergunta a Mélodie se ela pode travar a conversa. Ela responde que pode balbuciar uma conversa simples, mas esta se refere a uma missão árdua. Também não faz mal: Mélodie vai compor o número e ligar o amplificador do celular. Deixará o Skype conectado, e Bilel falará diretamente em árabe em voz alta com seu interlocutor. Há coisa de uma hora ele mandava Mélodie “calar a boca” e a ameaçava. E agora ele passa, como se nada houvesse acontecido, informações não só precisas, mas também judiciais... Indicações que poderiam prejudicar sua facção.

Depois de ter sido lobotomizada, e até rebatizada, Mélodie se torna um aparelho de ligação a partir do seu quarto de hotel em Amsterdam. O que vivo não tem nada de comparável com uma pessoa que vê a guerra face a face, claro. Mas a situação é, mesmo assim, vertiginosa. Sem alternativas, Mélodie faz o que ele diz. Mas a ligação não é completada, por falta de créditos. Agora é tarde. As lojas estão fechadas. Mesmo com a maior

boa vontade do mundo, impossível achar um telefone que não ponha ninguém em perigo. Só tem o meu, que me serve para gravar nossas conversas desde o início... Mas se a coisa azedar, vou ser exposta ainda mais. Embora eu esteja fora da lista, é de uma facilidade infantil, quando se tem bons contatos, hackear um número e descobrir seu proprietário. O EI tem muitos bons contatos... Em circunstâncias normais, eu teria posto um ponto final na história naquele instante. Sou mais ponderada do que treloucada. Só que estou a dois passos de concluir. Para isso, só me falta um celular. Que está ao alcance da mão... Azar. Suprimirei este número que tenho desde os dezesseis anos assim que voltar à França. Contratarei outro numa operadora concorrente. Meu dia teve fracassos demais... Pego então meu telefone pessoal e ponho os dois homens em conexão. A conversa deles dura cerca de três minutos. Embora Bilel mantenha sempre um olho em Mélodie, Charly e eu podemos enfim nos olhar. Sem falar, ele me pergunta se estou bem. Faço que sim. Mais tarde, uma amiga do jornal que fala árabe fluentemente decifrará a conversa para mim. Ela captará, entre outras coisas, que Bilel mencionava com insistência que eu era uma irmã com um passaporte francês. Terminada a conversa deles, Bilel se diz “todinho da sua mulher”. Hadrien bate na porta neste instante. O coitado não parou desde esta manhã, são quase dez da noite, ele gostaria de descansar uma meia hora. Charly vai lhe abrir a porta o mais silenciosamente possível, e lhe dá a entender que não deve fazer nenhum barulho. Mais um que me vê como Mélodie... Hadrien já viu várias fotos minhas disfarçada, mas, como no caso de Lou na Tunísia, ouvir e ver não é a mesma coisa... No meio-tempo, pude pôr novamente o véu. Hadrien tem essa qualidade de camaleão que o caracteriza tão bem. Ele se cola contra a parede, não olha para mim e acende um cigarro. Melhor que não preste muita atenção em Mélodie. Ele chega sem saber o que aconteceu antes, em particular o ataque de cólera de Bilel. Alguns dias depois, ele me confiará que não olhou para mim porque aquilo o incomodava. Via de repente todos os temores

ã meu respeito concentrados naquele instante em que eu era outra.

O beligerante conseguiu o que queria, está novamente descontraído. Multiplica as palavras doces e não para de falar sobre o quanto está impaciente de que chegue logo amanhã. Acima de tudo, sua mulher tem que ligar para ele assim que aterrissar em Istambul. Afinal, é ele que garante sua segurança. Não aguento mais; não vejo a hora de desligar. Sufocamos nós três neste quarto de menos de dez metros quadrados, onde não há uma só garrafa d'água. Não dá para abrir a janela por causa do barulho.

Mélodie vai pôr fim à conversa, mas Bilel continua:

— Você não esqueceu o que eu tinha te pedido? Sabe, as cuecas de algodão, porque aqui tudo o que a gente encontra coça.

Eu havia esquecido completamente. Esse gênero de encomenda corresponde às coisas fúteis que me exasperavam. Eu não prestava mais atenção.

— Sim, sim, claro!

— Você comprou tamanho grande comprou, hein, meu amor?

— Sim...

— O.k., e também os turbantes para o *cadi* que vai nos casar?

— Sim, Bilel, também comprei...

— O.k., bom, ahn... queime bem o cartão de crédito da sua mãe e não se esqueça de sacar dinheiro vivo. E me traga umas surpresas! Nem posso acreditar, amanhã finalmente você vai estar aqui.

— Pois é...

— Será discreta, hein? Uma leoa!

— Sim...

— Está contente?

— Claro!

— Está com medo?

— Você disse que não era pra ficar, então não.

— Mas da nossa noite de núpcias, você tem medo?

— Amanhã a gente fala disso...

— Se vamos falar... Abandone tudo, menos algumas roupas e coisas íntimas de mulher. O resto a gente encontra aqui. Salvo a roupa de baixo, então não se esqueça...

— O.k. Até meu computador? Eu o roubei da minha mãe.

— Até ele!

Mas ele pensa melhor:

— Que computador é?

— Um Mac. Novinho.

— Então traga! É só apagar tudo da sua vida anterior antes de amanhã de manhã. E não entregue os pontos! Não mande nada a ninguém! Umm Saladîne, nada mais nos separa agora... Preste bem atenção em Yasmine.

— Está bem. Até amanhã, Bilel.

— Sou o mais feliz dos homens... Você é minha agora.

Mérodie sorri para ele. Acho que é seu sorriso menos convincente desde o início. Estou exausta. Exausta desse louco, deste mês, deste dia. Ela desliga enfim. Solto o mais demorado suspiro de toda a minha vida. Mais que nunca, estou na corda bamba. Tenho plena consciência de que não me tornei Mérodie, mas me enfiei na pele de uma equilibrista com medo do abismo.

Sexta-feira, 22 horas

Charly, como eu, está um pouco abalado. Hadrien nos arrasta para um restaurante. Só tenho alguns minutos para recuperar meu autocontrole e também minha identidade. Mudo de roupa e solto meus cabelos. Jantamos rapidamente. O lugar que Hadrien descobriu, à beira de um canal, é bem charmoso. Enfim consigo respirar.

À minha frente, meu amigo, ao lado, Charly, que na véspera eu ainda não conhecia, mas pelo qual tive uma verdadeira amizade à primeira vista. Pouco a pouco volto a ganhar confiança. Já o apetite não vem. Bilel não me desmascarou, mas tudo foi por água abaixo. Continuamos sem saber se partimos para Kilis amanhã. No fundo de mim, já compreendi que não... A caminho, expliquei à redatora-chefe a situação. Com uma voz contrariada, eu a descrevi como desesperada, o que é irascivelmente o caso: temos como opção voar para a cidade de Urfa, o que é impensável tanto para nossa dupla como para a redação, e ir para Kilis, onde está Guitone, que não parece me querer muito bem. Em outras palavras, estamos entre o sequestro em Urfa e uma probabilidade em três de sequestro em Kilis... A redatora-chefe me respondeu amavelmente que não iremos assumir um risco tão grande, neste período complicado, para que eu possa contar a vida em Kilis no meu artigo, mas que a matéria, apesar dos pesares, foi muito bem-sucedida. Vamos fazer o balanço amanhã de manhã. Ela me lembrou, em nome da prudência, que Édouard

Elias e Didier François, dois jornalistas enviados por Europe 1, acabam de ser libertados pelo Daesh após dez meses de cativeiro... Fora o gosto amargo de fracasso que me invade, fico triste por Mélodie. Eu lhe devia uma saída de cena digna. Meus dois colegas tentam me fazer pensar em outra coisa. A discussão à mesa se presta às confidências. Nós três temos necessidade de aliviar um pouco a pressão, e Charly nos revela algumas das suas lembranças. Algumas são de chorar de rir, outras de chorar mesmo. Não falo muito, mas bebo um pouco de vinho. Só que não tenho tolerância ao álcool. Três taças, e me transformo na caricatura da amiga que envergonha os amigos... Completamente desinibida, falo alto, me exibio e às vezes também exibio os outros. Enfim, nesse estado sou uma pessoa mala. Bebo raramente, porque sei o efeito do álcool em mim. Só que, nesta noite, não entrevejo mais a noção de limite ou de qualquer outra fronteira. Não consigo tirar da cabeça a viagem incerta de amanhã. O tempo está contado. Estamos na sexta. Tenho de fechar a matéria na segunda. Com todo o trabalho de escrita que me espera, um mês a resumir num artigo... Fico estressada. Bebo. Perco o pé. Hadrien percebe. Ele insiste para que eu dê uma passada, nem que só uma horinha, pela noite de gala da World Press, aonde eu tinha decidido não ir, para ter um pretexto para pensar um pouco em outra coisa antes de ir dormir. Não gosto de misturar prazer e trabalho. Estou perturbada, minha cabeça gira e mal comi. O bordeaux decide por mim. Num passe de vareta mágica, eis-me no meio de duzentos convidados eufóricos comemorando. Encontro pessoas que conheço bem e me descontraio ao ritmo das danças e das bebidas. Já tenho momentos de “tonteira”, mas conservo o reflexo de olhar as horas. Duas horas. Tenho de voltar para o hotel. Só aviso minha equipe de que estou de saída. “A gente te encontra no vestiário”, me dizem.

A partir daí minha memória está mais do que turva... Não sei o que faço para irritar o segurança da noitada, mas algumas lembranças voltam quando me encontro imobilizada

nós braços dele porque, aparentemente em resposta a seus golpes, tento bater naquele gigante duas vezes maior do que eu tanto em comprimento quanto em largura. Hadrien, Charly, meus amigos, todo mundo grita. O gorila me dá um bofetão na cara. Aí, é só do que me lembro, a fúria me invade. Miro entre as pernas dele com meu pé. Hadrien me contém com todas as suas forças para impedir que eu me debata. Acho que me sussurra: “Pare, isso é por causa do estresse... Volte com a gente, vai passar”. Depois uma porção de gente aparece, entre eles o patrocinador do prêmio. Me pedem desculpas, mas acho que também abusei. Procuro por Hadrien. Não o vejo. Charly me arrasta para um táxi. O trajeto me parece interminável. Continuo sem saber onde está Hadrien. Não me lembro se perguntei para o Charly.

Sábado de manhã

Só me lembro de quando eu acordei, em péssimo estado; álcool demais e reminiscências nebulosas... Pouco a pouco me voltam flashes do fim da noitada. Depois, revivo as discussões da véspera com Bilel. Além da cabeça, me doem os braços, e principalmente os ombros. São nove horas. Ligo para o Charly. Ele me diz que acaba de levar Hadrien ao aeroporto. Tomo um banho e vou encontrá-lo na entrada do hotel. Caminhamos um momento, de cara amarrotada, até encontrar um café um pouco mais calmo que os outros, que continuam a difundir a mesma música ensurdecadora da véspera. Antes de falar da noitada, ligamos para a redatora-chefe. Ela informou de tudo o diretor do jornal e o subdiretor. Os três são unânimes: voltamos para a França. Plaf! Outro bofetão. Ela me diz que temos elementos suficientes, que a investigação está incrível e que o resto não passava de um “plus” de que podíamos prescindir. Sei que ela está satisfeita conosco. Mas sei também que ela nos tranquiliza, tendo sido por muito tempo ela mesma uma habituée dessa seara e, portanto, do que podemos sentir neste momento. Envio um breve torpedo a meus pais dizendo-lhes para não se preocuparem, que dormirei em Paris esta noite. Eu me culpo um pouco por todo mundo, a começar por Charly. Ele, que estava entusiasmado com esses poucos dias de trabalho, tem a impressão de não ter feito nada. Não adianta eu dizer que a culpa é minha e de uma série infeliz de circunstâncias: Guitone, Lola, as mentiras de

Bilel... Não adianta, está decepcionado consigo mesmo. E eu, comigo. Estamos em maus lençóis! Xingo interiormente Hadrien me perguntando por que ele me abandonou ontem à noite, logo ele, cuja qualidade primeira é a fidelidade. Timidamente, peço notícias dele a Charly. Ele me responde que Hadrien está indisposto e preocupado com a gente. Indisposto? Por quê?

— Lembra que ontem, quando você tentou acertar o segurança furioso, Hadrien, para te proteger, se interpôs entre vocês? Bom... foi ele que levou o chute...

Com essa, Charly acaba comigo. Tento manter o sangue-frio, mas lágrimas de vergonha sobem aos meus olhos. Gostaria de sumir. De ser um camundongo sem nome, desconhecida de todos.

Anulamos pela enésima vez nossas passagens. Pelo telefone, a jovem da agência que gere nossas viagens arranca os cabelos. Não parei de alterar nossas reservas, ao sabor dos imprevistos, mudando de escala, voltando atrás... E agora lhe peço educadamente para anular tudo e nos reservar dois lugares no próximo voo para Orly. Ou seja, 45 minutos de voo, em vez das cinco horas que deveríamos efetuar hoje! A caminho do aeroporto, recebemos torpedos de felicitações e reconforto de alguns dos nossos superiores. Temos, os dois, a impressão de não levar nada, de não passar de trapaceiros. Paralelamente, Hadrien me envia uma mensagem comovente ao aterrissar em Paris. Ele ainda não sabe que também estamos prestes a voltar para a França. Não faz nenhuma alusão à noite da véspera. Escreve simplesmente que ontem, quando me viu trajando a tralha de Mélodie, se deu conta de que eu partia para a fronteira e não quer que nos separemos com uma má lembrança. Nossa amizade é preciosa demais para isso. E a vida, mais ainda.

Esperamos um bom tempo antes de embarcar. Charly assiste no meu notebook a vídeos de combatentes francófonos do EI. Ele sabe perfeitamente o que acontece na Síria, entre outros lugares. Mas descobre esse aspecto de propaganda digital que

deu nascimento à reportagem. Fica estupefato. Como eu no começo, oscila entre a gargalhada e a consternação. Vou fumar enquanto isso: conheço esses vídeos de cor. Do fumódromo, ligo para o meu pai. Agora que tudo acabou, eu lhe devo algumas explicações. Brevemente, conto a ele o mês que passou. A cada duas frases, ele me interrompe. Sempre para dizer a mesma coisa, com uma voz calma embora assustada: “Mas, Anna, você é louca!”. Concluo explicando que agora tudo terminou. Ele me responde que logo o jovem casal real inglês vai batizar o pequeno George. Será que eu não poderia cobrir algo assim, hein? Está de brincadeira, e é bom ouvi-lo rir.

Encontro Charly, entramos no avião. Ele me chama de Anna. É o dobre a finados da reportagem. Voltamos às nossas confidências da noite da véspera à mesa, depois Charly cochila um pouco. Cabeça encostada na janela do avião, me perco de novo nas nuvens. Sem música desta vez: nada me inspira. Penso na escrita que me aguarda, na massa de informações que vou ter de condensar em dez laudas, em 24 horas. Depois, no fim da noite de ontem. Para uma garota que nunca brigou na vida, eu queria muito botar pra quebrar... Como se o segurança houvesse catalisado em meu inconsciente tudo o que está trancado em mim: Bilel, meus maus presságios, o fracasso, meu duplo digital reprimido. Não sei. Mas, nesse instante, sou forçada a admitir que me tornei realmente esquizofrênica.

Paris, domingo à tarde

Devem ser quinze horas, corro contra o relógio para terminar meu artigo. A investigação é às vezes tão complexa para explicar que é difícil condensá-la no espaço que me foi dado. Tudo iria bem se o fechamento fosse, como previsto, amanhã. Mas, por causa do feriado, foi antecipado para hoje. Envio o que já está escrito quase sem reler ao redator encarregado da matéria. Nossas relações podem ser qualificadas de “cão com gato”... Às vezes ele é o primeiro a se erguer para defender uma das minhas reportagens, pouco importando o tema. Em outros momentos, me responde com um tom lacônico por escrito, depois desce meu trabalho para a reunião. Detestei-o muitas vezes nos dias de fechamento. Mas aprendi muitíssimo com esse erudito. Como sempre, agora que lhe transmiti meu artigo por e-mail, gostaria de me esconder debaixo do meu edredom como uma menininha que sabe que seus pais acabam de receber seu boletim escolar... Corajosa, a repórter. Mas, nesse dia, o superior não me responde por e-mail, ele me telefona. O que geralmente é bom sinal. Isso significa que não está descontente e, sempre com palavras serenas e perfeitamente escolhidas, felicita à sua maneira o trabalho realizado. Desta vez, percebo que ele está mais excitado que de costume, quando está satisfeito. Ele me incentiva a continuar a escrever, e azar se for comprido demais: essa investigação merece ser publicada e “o diabo se esconde nos detalhes”. É bem o caso... A mentalidade de Bilel

o deixa perplexo, mas a coragem de Mélodie também. Aconselha-me simplesmente a acentuar um pouco, para o leitor, a intensidade com a qual entrei em meu personagem e pôr de lado meu pudor, mantendo porém o tom neutro que um jornalista deve adotar. Ainda estou muito envolvida, escrevi quase sem parar desde a minha volta de Amsterdam até agora. Ele sabe. Ele sente que me falta recuo. É pedagógico e encorajador. O timing é apertado, mas já está tudo ali; só o que tenho a fazer é contar. Recupero a confiança em mim e continuo meu relato escrito na primeira pessoa. Minha redatora-chefe, depois o diretor-adjunto e até o advogado do jornal me enviam torpedos. O chefe do copidesque os havia avisado, talvez. Será que pelo menos tiveram tempo de ler o que ele acaba de receber? Segundo eles, tenho “uma bomba-relógio nas mãos”, e precisamos conversar direito antes de publicá-la. Não estou certa de como interpretar suas mensagens. Então, na mesma hora, eu, que não sou do tipo de botar pra quebrar, parto para a redação, notebook e gravações debaixo do braço. Milito. Passo de sala em sala entregando a versão inacabada do meu artigo para cada superior que possa ter algo a ver com ele. Nunca havia tido a audácia de fazer isso. Entro até mesmo na sala do diretor... Planejei lhe dizer rapidamente algumas palavras meticulosamente repetidas no metrô, do tipo: “Sei que você está ocupadíssimo e que é dia de fechamento, mas por favor, reserve somente dez minutos para ler o início da minha investigação”. Mas, assim que me vê, ele adivinha que venho argumentar e não me dá tempo de abrir a boca.

— É pela sua matéria que você vem me ver? — ele me pergunta com um tom apressado.

Respondo timidamente que sim, e deposito algumas laudas impressas. Depois volto para a minha sala, meio arrasada. A redatora-chefe, que acompanhou tudo desde o início, vem me ver. Ela leu o artigo. Acha-o muito bom. Sente muito por mim, mas não pensava que havia tanta coisa a passar em revista, pelo menos para o serviço jurídico. Ela mesma, que

havia captado muito bem o tema, se dá conta, depois da leitura, de quanto eu me entreguei àquele trabalho. É a vez do diretor-adjunto entrar na sala, cuja porta fecha com cuidado. Ele conhece perfeitamente todas as questões que abordo em minha matéria, bem melhor do que eu. Elogia minha investigação, mas não é esse o problema. Ele não sabia que Bilel era um peixão tão grande, em particular devido a seus vínculos estreitos com o líder do Daesh, Al-Baghdadi. Sem falar nas ameaças pessoais, Bilel me revelou numerosas informações sobre localidades geográficas, sobre ações estratégicas. As ameaças podem se concretizar, é preciso ser extremamente vigilante... Questões demais, muito sérias, permanecem em aberto, a algumas horas de transmitir as páginas à gráfica. Para ter tempo de pensar, adiamos a publicação em uma semana.

Mais tarde, em casa, fico dividida. Aliviada por dispor de um prazo suplementar para burilar a escrita, mas contrariada por não ter finalmente “fechado o círculo”. Aliás, que fim terá levado Bilel? De tanto escrever e debater sobre ele, acabei esquecendo do cara! Faz 24 horas que não consulto as contas de Mélodie Nin, e os diferentes celulares pré-pagos se desligaram sozinhos desde a nossa partida de Amsterdam. Mélodie simplesmente lhe enviou uma mensagem via Skype do aeroporto, para informar que um homem “esquisito” a havia interpelado... Yasmine e Mélodie se sentiram observadas e preferiram dar meia-volta, para depois tentar de novo em melhores condições. Aliás, será sem Yasmine, cuja família não para de chamá-la. É um peso no périplo. Bilel tinha razão. Mélodie voltará sozinha. Mas por ora não deseja pôr em risco nem seu homem, nem sua brigada. Primeiro, vai se fazer esquecer por um tempo em Toulouse. É melhor assim, no interesse de todos... Ligo de novo todos os meus aparelhos para ver como Bilel reagiu. No celular holandês, uma verdadeira avalanche de mensagens se acumulam. Provêm de

diferentes homens que não conheço, salvo Abu Omar Tunsi, o homem “encarregado da segurança das irmãs na fronteira”. Todo mundo pergunta onde está Umm Saladîne, inclusive seu marido. Cujo tom se parece muito com o que empregava em seus momentos de cólera em Amsterdam. Uma frase dentre outras: “Onde você está, sua idiota? Você vai pagar, pela cabeça de Alá!”. Desligo os telefones. Resolvi que a história parava. Ela deve parar. De tanto tornar Mélodie apagada, foi minha personalidade que se eclipsou. Bilel quer ameaçar Mélodie? É com as palavras de Anna que ela vai responder agora. Antes de fazê-la desaparecer, verifico tudo pela última vez. No Skype, as mensagens de Bilel repetem infinitamente a mesma litania, cada vez mais furiosa:

“Onde você está?”

“Onde você está??”

“Onde você está???”

“Onde você está????”

“Onde você está?????”

“Onde você está?????”

“Onde você está?????”

“Ei! Onde você está, caralho?????????????”

Meço sua cólera pelo número crescente de pontos de interrogação. No Facebook, Mélodie recebeu só uma mensagem, que pelo menos tem o mérito de ser sem rodeios, ao contrário de todas as outras:

“ONDE VOCÊ ESTÁ, PORRA? Eu tinha te dito para desativar direito sua conta... Agora assumo sozinha suas burradas. Você me decepcionou demais, não tem nada de uma leoa.”

Melhor assim. Prefiro saber que ele está furioso desse jeito com Mélodie. Se ela de fato abusou da sua paciência, ele deixará para lá. Apresso-me a desativar a existência virtual do meu falecido avatar. Mantenho acessível apenas seu perfil no Skype. Pelo qual Mélodie envia uma última mensagem, para que seu sumiço súbito não a traia. Ela se desculpa, mas “a coisa está feia” para ela desde que voltou à França. Ao se dar conta do seu desaparecimento, sua mãe avisou a polícia. A ex-

aprendiz de jihadista está tendo dificuldade para justificar concretamente sua ausência. Seu notebook foi confiscado. Seu telefone francês também e, como Bilel havia exigido, ela se livrou do novo, comprado em Amsterdam. De todo modo, é melhor interromper qualquer forma de contato por ora: a panela de pressão pode explodir para qualquer um a qualquer hora. Pede novamente desculpas. E também notícias, que ela não estará mais em condições de lhe dar... Como últimas palavras ela lhe escreve:

Desculpe-me, Bilel. Nunca quis te decepcionar e achei que fazia bem em recuar, ao sentir um perigo grande demais tanto para nós como para você. Espero que assim que eu dispuser de um telefone ou de um computador seguro, você aceite falar comigo. Beijos. Mélodie.

Claro, não penso nem por um segundo em retomar contato com esse louco perigoso. Mas quero me assegurar de que ele acredita nas boas intenções de Mélodie, para que sua cólera fique nisso. Quanto mais ela se mostrar consternada e compadecida, mais, assim espero, Bilel passará a outra coisa. Afinal, ele tem coisas mais urgentes para tratar do que de Mélodie, vinte anos, “uma entre outras”. O EI está preparando seu ataque ao Iraque. Em dois meses, quase exatos, o Daesh vai tomar Mosul, a segunda cidade do país, antes de se dirigir para Bagdá. O que despertará as consciências internacionais para o espectro diabólico do integrismo radical que essa organização encarna. Nada muito comum, como “objetivo de fim de ano”. Então, ele deve se esquecer logo de Mélodie.

Mas parece que não.

Dois dias depois, na redação

A pressão baixou, mas a corda continua esticada. Não tenho a menor ideia sobre em que pé está a cólera de Bilel, mas Mélodie não existe mais. Anna, a jornalista, vai fechar sua matéria. Ontem, acusei o golpe do mês passado. Descansei também. Fiquei com as ideias mais claras hoje e estou louca para pôr um ponto final em toda essa história. A última linha fina é, em geral, a mais difícil. Depois o jornal é que vai decidir que medidas tomar. Estou escrevendo numa sala, cercada pelas minhas colegas e amigas, quando um número francês começando por 06 me chama. Atendo. É Bilel. Salto da minha cadeira e me afasto pelo corredor. Como ele pode ligar para mim de um número francês sem prefixo de localização no estrangeiro? E para o meu telefone pessoal? É verdade que sacrifiquei meu número em Amsterdam, por falta de alternativa... Bastou um passo em falso, e meu disfarce pode ter caído. Enfim, acho que foi isso. Distingo mal o que o terrorista me diz. A comunicação tem chiado. Mais ou menos como da vez em que ele mandou Mélodie pôr o amplificador no Skype e no celular para conversar com o contato que só falava árabe... Compreendo que não adianta nada entrar em pânico: Bilel não pode ter voltado à França em 48 horas para se vingar. Então assumo novamente meu papel de Mélodie, recém-abandonado. Uma improvisação a mais ou a menos... Bilel me pergunta de novo onde estou e “que merda eu fiz”. Mélodie lhe repete mais ou menos a mesma coisa que disse

em sua mensagem de “adeus”. Acrescenta no entanto um detalhe importante: sua mãe descobriu mensagens que os namorados se enviavam e as comunicou à polícia. Por isso ele não deve nunca mais utilizar este número, mesmo em caso de urgência. Nunca mais. Ela vai se livrar dele em breve. Mas o terrorista, machão como sempre, entende a coisa de outro jeito:

— Ah, está me ameaçando agora, menina? Morro de rir, é o roto falando do esfarrapado!

Nada disso! Responde Mélodie. Ao contrário! É para protegê-lo que ela lhe conta isso tudo... A conversa é interrompida no ato. Vejo-me na sala de Marie, onde eu tinha me escondido, celular na mão, olhos arregalados. Saio imediatamente para ver o chefe que cuida zelosamente de mim desde o início. Além de ser quem me dá as ordens, ele foi meu defensor e às vezes meu confidente nessa investigação, digamos, atípica. Ele identifica imediatamente o número de telefone e me pede alguns minutos para encontrar a quem ele pertence. Me manda ficar por perto. Volto ao meu micro com um passo decidido para conectar o Skype de Mélodie. Mascaro o endereço IP, quero ver se Bilel fez uma ameaça. Não fez uma, mas várias:

“Me diz uma coisa, quem você acha que é, sua imbecil?”

“Você subestimou quem você confrontava... Uma organização terrorista!”

“As pessoas com quem você falou este fim de semana têm quinze anos de experiência em contraespionagem. É uma questão de minutos para te encontrar...”

“Você quis me fazer de babaca, agora vai pagar. kkk”

Desta vez a lâmina da guilhotina paira sobre o meu pescoço. A ameaça, embora no ar, se torna mais concreta. É claro que não respondo. Desconecto o Skype. Conforme o prometido, meu superior volta. Me chama à parte, saímos da sala. O número francês pertence a um tal de Hamza,* domiciliado em Albertville, na região francesa da Saboia. Por um instante

ficamos olhando um para o outro, duvidando de que exista uma explicação lógica, mas nossas caras estão tensas, apesar de nossos esforços em contrário. Encontramos a redatora-chefe. Nós três nos trancamos na sala dela. Depois de uma troca de ideias, ela decide se fazer passar pela mãe de Mélodie e ligar para aquele número. Este estranhamente não atende mais... Na lista telefônica, uma linha fixa remete à do celular. A chefe digita o número. Do outro lado da linha, um homem de certa idade atende e se apresenta como pai de Hamza. Minha superior lhe explica que está aborrecida com o fato de o filho dele estar telefonando assim para a sua filha de apenas vinte anos. O homem não reage. Porém, mal ela pronuncia a palavra “Síria”, ele entra em pânico e balbucia: “Meu filho é maior de idade. Ele faz o que quer!”. Aliás ele não o vê faz semanas, não sabe por onde anda. A mãe de Mélodie acha muito estranho o patriarca não parecer mais preocupado. Mas ele abrevia a conversa, como que tomado de pânico.

O artigo está pronto, mas agora é que são pernas pra que te quero. Não é que a história que eu imaginava encerrada está apenas começando...?

* O nome foi alterado.

Mesmo dia, à noite

Estou em casa, toda atarantada. Imóvel, fito meu sofá preto, que não reconheço mais. Eu o odeio. O toque do meu telefone me tira do meu aparvalhamento. Mais um número francês, que não conheço. Pergunto quem fala. Uma voz de homem, bastante juvenil, me responde educadamente que é irmão de... Hamza. *O quê?* tenho vontade de gritar. Não quero ressuscitar Mélodie e não posso dizer que sou jornalista. Ele parece mais jovem do que eu, então desta vez eu me envelheço:

— E eu sou a mãe de Mélodie!

Silêncio. Continuo.

— O que seu irmão quer com a minha filha?

— Senhora, juro que não sei. Meu irmão desapareceu há algumas semanas. Não tenho nenhuma notícia dele.

— E acha que eu tenho? O senhor esqueça este telefone, minha filha e eu!

— Ele nunca telefona para ninguém, mas sua filha... Se a senhora pudesse me dizer alguma coisa dela...

O irmão mais velho parece realmente desamparado. A voz dele vacila, suas palavras se entrechocam. Percebo que ele tem dúvidas, mas não sabe realmente onde está Hamza. Mélodie andou preocupada demais com a questão social, e sua mãe não vai substituí-la nisso. Faço um vozeirão, que não se parece mais com a voz de uma mãe coruja, mas antes com a de uma *mamma* italiana, apoiada por todo um clã amontoado atrás dela. Deixo o senhor de lado.

— Escute aqui: depois do seu irmãozinho, falei com seu pai, e agora é você que liga num celular pessoal que não pertence à minha filha. Estou por aqui com a família Hamza! Então vou te avisando, se você quiser que sua família tenha descendentes, dê um jeito para que ele me ligue amanhã de manhã ao mais tardar... Senão, além de enviar a Agência Francesa de Inteligência a Albertville, vou mandar também meus irmãos, e pode crer, rapaz, que eles são bem numerosos!

Desligo na cara dele, com uma contração no canto dos lábios. Faz bem não ser mais Mélodie, a submissa amedrontada. Na manhã seguinte, fico sabendo pela minha hierarquia que toda a família Hamza tirou seus telefones da lista... Hamza é de fato “procurado”, porque desertou da França há três semanas: a última vez que foi localizado pelas autoridades, estava na Turquia. Desde então, é um fantasma que brinca de esconde-esconde. Estas últimas informações não tendem a nos tranquilizar. Ou Hamza está na Síria, logo não tenho nada a temer no imediato, ou se encontra na França, e quem sabe até mesmo em Paris. Não temos a menor ideia. Um monte de números iniciados por +591, +886 ou +216, indicativos sírios e turcos, não param de chamar. Não atendo.

Apenas 24 horas depois, a maioria dos jornais e dos canais de informação consagram suas manchetes às “seis pessoas de 20 a 37 anos moradoras de Albertville, que acabam de ser detidas por seu envolvimento com as redes de recrutamento jihadistas com destino à Síria”... Camundonguinha, onde está você? Estamos na véspera do 1º de maio e desejo com todas as minhas forças que tudo isso não passe de uma piada de Primeiro de Abril atrasada. Ignoro nesse momento que estou com grampo policial em todos os “meus” telefones... Só ficarei sabendo três semanas depois, quando meu nome aparecerá várias vezes em diversos dossiês judiciais de partidas para o Levante. Em particular, o de Vanessa, aquela jovem grávida de mais de seis meses... Depois das minhas trocas de torpedos com ela, Bilel disse a Mélodie para não contar mais com Vanessa, porque ela tinha “dado pra trás”. Efetivamente, a

mocinha não era mais encontrável nem por celular, nem por Skype, apesar de ter tanta pressa em parir na Síria. Nossas conversas contribuíram para constituir um sólido dossiê para que as autoridades incumbidas a detivessem antes de partir. Na mesma ocasião, uma importante rede de recrutamento ligada a ela pôde ser desmantelada.

Sem querer, nem mesmo saber, Mélodie acumula inimigos. Sabendo da batida em Albertville, todos nós nos perguntamos, eu em primeiro lugar, se minha reportagem tem algo a ver com todas essas concomitâncias. Desde o início oscilo entre confluência de circunstâncias e coincidências. E em matéria de investigação jornalística, reza o costume que as coincidências não existem. Entre as ameaças proferidas por Bilel, a história incompreensível de Hamza e agora isto, o jornal me pede para me mudar e trocar o mais rápido possível de número de telefone. Tenho de partir. Sem demora. Agora. Se o Daesh fez a ligação entre Mélodie e a jornalista e me atribui essa série desgraçada de detenções, então minha vida vai mudar. Não acredito muito: as escutas podem ter ajudado a polícia, mas daí a eu ser “aquela” que desbarata as redes de recrutamento do EI, são outros quinhentos... No entanto, devo ter a maior prudência. Meu primeiro reflexo é pôr algumas coisas numa pequena bolsa e me refugiar na casa de meus pais. Eu queria dormir no meu antigo quarto de adolescente uma ou duas noites no máximo. Nos seis meses seguintes, voltei para lá sempre que possível.

Cinco dias depois

Ainda estava lá quando a guilhotina caiu de vez. Naquela manhã o jornal fechava com meu artigo, cuidadosamente avaliado pelo serviço jurídico. Enquanto isso, eu corria para a embaixada da Nigéria, acompanhada de Charly, a fim de obter o mais rápido possível vistos para nós. O sequestro de duzentas jovens menores de idade em Chibok, um vilarejo no leste do país, pelo grupo islamita Boko Haram, suscita uma comoção internacional. É preciso estar lá para ver. Mas Charly e eu logo entendemos que não vamos partir. Os prazos para a obtenção de um visto jornalístico são de um mês... De qualquer modo, o diretor do jornal que havia decidido nos enviar para essa reportagem liga para avisar que está fora de questão eu ir para esse gênero de território neste momento. Engulo a minha decepção e penso: jogo adiado. Agora devem ser dezenove horas, ainda está claro e o ar é quente. Lou veio passar a tarde comigo. Preguiçamos ao sol. Eu me sinto tão leve... Tudo vai bem. Números de telefone estranhos continuam a me chamar, mas nada além disso, e eu não quis mais entrar no mundo digital de Mélodie. Tudo foi desativado. Não sei nada, e me sinto muito bem. Depois de amanhã o artigo sairá. Se nada acontecer nos próximos dias, poderei voltar para casa, para uma vida social e profissional normal. Para a minha vida, pelo menos. Lou sofre, como eu, com sua agenda cheia. Rimos de uma coisa e outra quando a redatora-chefe que supervisionou minha reportagem me liga. Atendo

serenamente, com a voz alegre. Ela repete várias vezes meu nome, como para se assegurar de que estou mesmo do outro lado da linha e ouço atentamente.

— Anna, Bilel morreu.

Silêncio. Ela prossegue:

— Bilel morreu! Você acredita?

Não. Não mesmo. A coitada, sem saber, acaba de me tirar brutalmente do casulo em que eu vivia faz alguns dias. Está de volta o turbilhão, minha cabeça e meu corpo vacilam. Eu me levanto e ando sem saber para onde, tentando me concentrar no que ela me explica. Retenho que David Thomson, confiável jornalista da Radio France Internationale, escritor e especialista em integrismo religioso, acaba de tuitar o anúncio da morte de Abu Bilel Al-Firansi. Anexada à mensagem uma foto de Bilel em vida. Que eu conheço, aliás. David Thomson rarissimamente se engana. Minha superior — é normal, eu certamente teria reagido como ela numa hora dessas — me anuncia “isso” com um tom feliz por mim. A morte de um homem, mesmo sendo um assassino, não lhe proporciona nem prazer nem excitação. Mas ela pensa em mim e calcula que essa notícia reduz consideravelmente, se não aniquila, os riscos de represálias. Com isso, seu tom, que trai sua afeição e seu alívio, é um pouco exaltado. Ela percebe meu mal-estar. Meigamente, ela me pergunta se estou bem. Respondo que sim, estou apenas um pouco abalada. Mas vai passar. Vou ver se os amigos virtuais de Mélodie falam do ocorrido. Eu a informarei. Voltando para o apartamento, eu me pergunto quando os presságios e os porvires terminarão de verdade.

Lou entendeu. Ela me acompanha à cozinha a fim de consultar a net. Ela me aconselha a não fazer isso. Estou tensíssima. Minha mão direita treme como uma folha. Ela me abraça e, pela primeira vez desde o início disso tudo, eu desabo. Lou sabe muito bem que não nutro nenhum sentimento por Bilel, mas me pergunta se a morte dele me abala. E é bem por isso que minhas lágrimas rolam pelas minhas faces, como uma garotinha. Pouco importa como Bilel

morreu, azar dele... Em compensação, o porquê é importante. Se sua morte repentina tiver a ver, de perto ou de longe, comigo, então eu me desprezo pelo papel que encarnei por uma reportagem. Ele é um assassino perigoso, mas eu não. Não desejo ter nenhuma ligação com a morte de um homem, qualquer que seja... Nesse instante, é como se a pena de morte acabasse de ser restabelecida para ele, *por mim*. Depois de Mélodie, de Umm Saladîne, da mãe de Mélodie, tenho a impressão de ter entrado na pele de um carrasco sem nunca ter procurado fazer esse papel. Se sua organização descobriu que eu consegui enganá-lo e obter informações, pode ser que ela o tenha punido... Apesar de Bilel encarnar tudo o que me horroriza, esse anúncio me perturba tremendamente. Sem contar que a notícia começa a se propagar — não que eu espere mensagens de condolências, claro, mas recebo um monte de torpedos quase me felicitando pelo brusco falecimento do meu “marido”. Nenhum dos que me escrevem brincam com a morte, e todos acham que fazem bem me dirigindo essas palavras. Mas, do outro lado da linha, não vejo o que responder. Não compreendo essa torrente de lágrimas que escorre de mim, e essa bola no ventre que me dobra em dois.

Um pouco mais calma, eu me conecto à minha verdadeira conta do Facebook, onde tenho alguns contatos nas brigadas do EI. Preciso descobrir como Bilel morreu: isso me obceca. De acordo com o contexto da sua morte, compreenderei imediatamente se estou ligada a ela ou não. Se não estiver, não sentirei nada. Ou, talvez, como meus amigos, alívio. Durante uma ou duas horas percorro as páginas de diferentes mujahedins do Daesh. Muitos dão testemunho de seu respeito por “Abu Bilel al-Firansi, que nos últimos quinze anos serviu em toda parte em nome de Alá. Ele era o francês mais próximo do nosso califa, Abu Bakr al-Baghdadi”. Em particular Abu Shaheed, um francês na Síria emblemático do Daesh, várias vezes entrevistado pelos jornalistas via Skype. Sua foto o mostra em algum lugar de lá, apontando com o

dedo para o alvo com uma arma. Embaixo, a legenda: “Esta mira diretamente a Agência Francesa de Inteligência”. Abu Shaheed é um líder muito influente entre os jihadistas franceses. Sua reputação é enorme. Alguns meses antes, ele havia encerrado sua conta, explicando entre outras coisas que a fé não era compatível com ocupações digitais, logo superficiais. Hoje, ele decidiu reativá-la para anunciar a morte de seu amigo próximo.

“Depois das graves mentiras de Zawahri e de seus seguidores, simplesmente confiamos em Jahbat para o cessar-fogo. Resultado: eles nos atacaram em várias frentes e mataram nosso amado irmão Abu Bilel al-Faransi quando assistia a um encontro para estabelecer a paz com Jahbat. Traição, incompreensão e cólera. Que Alá aceite nosso honrado irmão, um açúcar neste mundo de gosto amargo.”

Bilel “negociando a paz”? Ele, um homem de paz? Deviam gravar isso em seu epitáfio, perto do de Nelson Mandela... Me precipito num abismo um pouco mais absurdo a cada minuto. No YouTube e certos sites especializados, encontro o vídeo de uma detonação incrível cujo título indica que foi assim que Abu Bilel encontrou a morte. Vê-se literalmente a terra se erguer. É impressionante. Ficamos sabendo por esse vídeo que a explosão se deve à Frente al-Nusra, que minou previamente um túnel ligando a Síria ao Iraque. Bilel havia ido lá “secretamente para assinar tratados [...], mas era na realidade uma emboscada”. Que, de passagem, matou um número considerável de civis que moravam por perto... A imagem fixa, que deve durar menos de sessenta segundos, é comentada por duas vozes francesas que se felicitam pelo êxito da cilada macabra. Efetivamente, o vídeo é verossímil. Bilel falou muitas vezes desses subterrâneos secretos que ele usava para ir ao Iraque ou para “encontrar pessoas importantes”. Mas só o que se tem são imagens, ainda que muito violentas, mostrando uma explosão. Nenhum rosto aparece. Nem o dos carrascos, nem o dos mortos. Impossível verificar. Ou Bilel de fato morreu, ou tudo isso não passa de uma fraude... Eu

ignorava a proximidade dos dois homens, Bilel e Abu Shaheed, mas me espanta a insistência deste, assim como a de seus congêneres, em repetir que Bilel “era o francês mais próximo de al-Baghdadi”.

Como expliquei, os mortos do Daesh são fotografados “no seu melhor ângulo mortuário”, antes que a foto seja postada para atestar o novo mártir “agora em paz”. Ora, muitos falam de Bilel, mas ninguém o apresenta em sua derradeira imagem, o que é estranho... Nem mesmo orgulhoso, em seu traje de beligerante, nos seus anos de glória. A única foto que circula é a de um quadro do seu vídeo na 4×4 , que se tornou dramaticamente célebre. Esquisito. Quer Bilel, coberto por sua milícia, se divirta simulando sua morte, quer tenha sido executado pelos seus homens por haver falado demais, o fato é que vou ao encontro de grandes problemas. Se a impostura de Mélodie foi descoberta, ela agora é suspeita de ser ou tira ou jornalista. O artigo sai depois de amanhã... Certamente as máquinas estão imprimindo o jornal neste exato momento. Mas não! Estou indo longe demais na minha imaginação! Com os “se” a gente pode imaginar tudo. Procuro me tranquilizar: Bilel me entregou informações comprometedoras mas não segredos de Estado, e os horrores que ele me contou com deleite e fartura de detalhes já são em parte conhecidos. Deixo pra lá o computador, seguindo os conselhos de Lou, também em pleno desânimo, e saímos do meu quarto. Ocupá-lo de novo me obriga a um flashback estranhíssimo. Viver isso tudo aqui, neste lugar em que tenho as melhores e as piores lembranças da vida, me dá uma sensação de desorientação. Como se eu não reconhecesse mais nenhum dos meus pontos de referência, ou pelo menos como se minha realidade tivesse sido subitamente alterada. Não cesso de me repetir interiormente: *Mas o que está acontecendo?*

Meu telefone toca a cada cinco minutos. Curiosamente, desde o início disso tudo, é esta noite que Bilel, ao que parece involuntariamente, mais me contraria. E não acabou. Como

não atendo ninguém, logo se espalhou o rumor de que Lou está comigo. Agora, é a ela que importunam. Quando a redatora-chefe chama, ela entra em pânico e me passa a chamada. Esta última me informa agora que Bilel não morreu.

Já disse que minha cabeça estava girando?

Os contatos de David Thomson acham a parada grave demais, e ele retira seu tuíte. É preciso entrar em contato com ele. Saber em que pé estão as coisas. Ela se oferece para se encarregar disso enquanto, do meu lado, tento separar o verdadeiro do falso na net e outras mídias. A noite toda transcorre assim. Com idas e voltas entre a cozinha, o único cômodo do apartamento em que a internet pega, e meu antigo quarto. Lou e eu disparamos um telefonema atrás do outro, vasculhamos a net e as notícias da Agence France-Presse. Amavelmente, David Thomson, já a par do “meu caso”, me liga. Se ele retirou o tuíte, foi porque os pais de Bilel lhe pediram. David nem sabia que essas pessoas acompanhavam suas publicações. Ele aceitou ao pedido por respeito a eles. No entanto, ele me confirma a morte do jihadista. É taxativo. A fonte que o informou está no local e nunca lhe mentiu até então. Bem... e agora?

Lou se despede tarde da noite, preocupada com me deixar sozinha naquela confusão. Presumo que o dia seguinte se eternizará. As diversas hipóteses de todas as pessoas com quem falei esta noite se entrechocam em minha cabeça. Não sei o que pensar. Tomo um sonífero para que o dia enfim termine.

Terça-feira

Sou acordada bem cedo pelo telefone. As chamadas se sucedem. Logo depois de ter me perguntado: “E então, ele morreu ou não?”, desferem: “Não te chateia que exista uma mulher e filhos?”. É a menor das minhas preocupações. Mal respondo. E, principalmente, eu sabia...

Há cerca de duas semanas, uma mulher se dirigiu a Mélodie no Facebook. Estranhamente, essa boa alma conseguia enviar mensagens privadas, apesar de as duas não serem “amigas” na rede social. Se queremos contatar uma pessoa que não está em nossa lista de amigos, os e-mails caem automaticamente nos spams, que ninguém nunca consulta. As únicas pessoas que podem enviar uma mensagem privada a alguém que não está na lista delas ou trabalham no Facebook ou são representantes do Estado, que para fazer uma investigação se escondem por trás de um perfil... O plano Cazeneuve começa a ser aplicado no momento em que Mélodie recebe essa mensagem. Num momento em que ela multiplica as postagens sobre o “Sham”, essa mulher que se apresenta como Fatima vem fazer perguntas estranhas à minha marionete digital... Primeiro, nem posso contar a quantidade de erros de ortografia por linha, mais ou menos como os de Mélodie quando se dirige a Bilel. Mas, bizarramente, ela acerta à perfeição concordâncias gramaticais complexas. Ela me chama de “minha irmã” e diz morar na Tunísia. Teria 28 anos. Tudo bem, mas o que quer de Mélodie? Fala imediatamente de Bilel. Ora vejam só... O

mundo é mesmo pequeno... Veio a calhar, ele também está conectado em plena tarde e envia renques de coraçõezinhos a Mélodie. “Por que você me fala de Bilel?”, pergunta Mélodie a Fatima. Esta última responde no ato que pretendia ir para a Síria, mas que hesita agora que sabe que ela é a segunda opção de Bilel. Primeiro, ele se casará com Mélodie, depois com Fatima. A poligamia a repugna. Ela diz de passagem: “É uma pena, porque ele é mesmo bonito! Mas ele sabe, e se serve muito bem disso”. Bem mais irritada do que afrontada, Mélodie pergunta a Bilel quem é essa Fatima que pretende ser sua futura esposa? Ele responde com kkkks, dizendo para ela não prestar atenção nas “irmãs ciumentas”. Retomo a conversa com Fatima e lhe pergunto como ela sabe disso tudo e, principalmente, por que vem me dizer? Fatima fica confusa. Ela me diz que está doente e, portanto, não ter certeza de que fará seu jihad. E, depois, de qualquer modo, é perigoso ir para lá. Muda de tom e se exprime cada vez melhor: Bilel é perigoso. Ir para a Síria, mais ainda. Ela renuncia a seu jihad e eu deveria seguir seu exemplo. Pela primeira vez nesta aventura, alguém finalmente conta para Mélodie a Síria como realmente é. Mélodie lhe pergunta por que, vinte minutos antes, ela queria se casar com Bilel e ir ao seu encontro, e parece agora ter mudado radicalmente de opinião. Fatima enrola um pouco e me pergunta se podemos nos falar por Skype. Ela então me dará as respostas. Parece preocupada comigo e repete várias vezes meu nome, me desaconselhando a ir “para aquele inferno”. Antes de lhe responder, tenho, é claro, vontade de “torturar” Bilel a meu modo. Mélodie vai representar sua primeira crise de casal... Isso sempre apimenta um pouco um início de caso. Dirige-se a ele mais firmemente e lhe faz saber da sua decepção. Enquanto a irmã da Tunísia lhe conta horrores sobre ele...

— Kkk! Tenho certeza de que é uma irmã de Roubaix! Ela te enrola porque gostaria de estar no teu lugar... Você vai ser a primeira mulher de Abu Bilel al-Firansi...

Roubaix? Até aqui Bilel — Rachid — sempre pretendeu ter nascido em Paris. Hmm... Volto a Fatima. Mélodie lhe assegura que elas se falarão pelo Skype, mas que antes gostaria de saber uma coisa: onde Bilel nasceu? Fatima não sabe. Em todo caso, o que ela pode me afirmar é que ele é procurado judicialmente e que já tem três mulheres. Duas convertidas, uma delas de vinte anos, e sua primeira mulher francesa, de confissão muçulmana, de 39... Uau! Definitivamente, é um dia apaixonante. Chateio mais um pouco Bilel, que sem se dar conta entrega a Mélodie detalhes sobre o seu duplo: Rachid. Em seguida, eles me serão muito úteis, e não só a mim... Bilel continua a sustentar que não tem mulher alguma: “nunca foi casado”! Estou no jornal e me apresso a voltar para casa, porque quero mesmo ter essa conversa com Fatima pelo Skype, mas hoje não levei meu véu. Tenho dúvidas quanto à sua identidade real, mas não passa de um feeling. É melhor ser prudente e me expor o mínimo. Três quartos de hora depois, em casa, quando Mélodie está pronta, a conta Facebook de Fatima desapareceu. Vem escrito em nossas mensagens, no lugar do seu nome: “usuário desconhecido”... Nunca mais ouvi falar dela. Seria ela, embora visivelmente perturbada, uma boa alma? Ou será que tinha a ver com as medidas do plano Cazeneuve? Mais uma vez, nunca obtive uma resposta...

Os chamados se multiplicam ao longo da manhã, em particular os do jornal. Tendo saído para passear com meu cachorro no parque vizinho, filtro a maioria. Ao meio-dia, a redatora-chefe me liga. Ela não quer que eu esteja em Paris quando da publicação do artigo... Algumas horas depois, viajo a seu lado, o nariz colado nas nuvens que a janela do avião reflete. Ela me leva por uns dias à casa de umas pessoas que conhece “muito bem”. O lugar é de tirar o fôlego. As oliveiras, os pinheiros e aquele verde infinito libertam instantaneamente uma parte das minhas angústias. Respiro tão bem aqui... Essa

propriedade me parece irreal. O interior, o exterior, tudo é tão majestoso, tão grande. As pessoas que me recebem, e que não me conhecem, são de uma gentileza, de uma doçura... Lá fora, passeio no meio das galinhas, dos burros e dos cavalos, escoltada por cachorros e por uma *bodyguard* de menos de cinco anos e cachinhos louros. Ninguém se leva a sério aqui. Como essa sensação é agradável... Essa menina, justamente, me acorda toda manhã ao romper do dia, algumas horas apenas depois de eu ter conseguido pegar no sono. Quando abro os olhos, desorientada, descubro diante de mim seu olhar esperto. O de uma criança travessa, inocente e pura. Uma visão que reflete exatamente o inverso do mês que acabo de viver. No entanto, mesmo nesse paraíso, sinto sempre essa impressão de me olhar de cima. Como se meu corpo e meu espírito tivessem se separado. Devo em todo caso algumas explicações a meus anfitriões caídos do céu. Então conto. Depois saio para dar de comer aos cavalos. Antes de voltar a viajar nos meandros da net em busca do menor indício. Volto às galinhas. Respondo a outras perguntas. E assim por diante... A morte, Bilel, o futuro, o presente, mudar de casa, esta garotinha, os animais, os anjos da guarda que acabo de encontrar, minha família e meus amigos longe de mim, tudo turbilhona na minha cabeça. É tão extraordinário. Nenhuma realidade se parece com isso. Estou num carrossel que gira a toda a velocidade. Poderia pular do cavalinho de madeira e me livrar dessa vertigem. Mas é como se eu estivesse bloqueada. Ou me bloqueassem.

Oito meses depois

Gostaria de ser capaz de dar uma moral a esta história... Mas como tirar a moral da história quando não se sabe se ela acabou? A espada de Dâmocles paira mais do que nunca sobre a minha cabeça. Uma ameaça invisível e imprevisível me aureola. Ou nenhuma. Eu sempre me faço uma torrente de perguntas, que encontraram muito poucos ecos. Talvez, se eu tivesse que escolher algumas palavras para resumir, eu as roubaria de Franklin Roosevelt: “Se fosse encarregado de classificar as misérias humanas, eu o faria nesta ordem: a doença, a morte, *a dúvida*”. O filósofo alemão Nietzsche explica que é a certeza e não a dúvida que mata. No meu caso, é o contrário. Minhas incertezas e as consequências das minhas ações me encerram numa prisão mental de que somente uma realidade blindada por convicções intangíveis poderia me livrar. Há oito meses este 5 de maio de 2014 é um eterno recomeço. Perdi a conta das declarações que diferentes brigadas policiais me pediram para repetir. Nunca as chamei: as autoridades sempre vieram a mim. A Polícia Federal e um juiz antiterrorista também tiveram de me ouvir depois que minha identidade real começou a se repetir em vários dos seus dossiês...

Mélodie quis ajudar algumas almas que achava que se pareciam com ela, e hoje Anna paga por isso. Tive de mudar de número de telefone duas vezes, a pedido das autoridades, que temiam que pudessem descobrir meu endereço e minha

identidade. Não moro mais na minha casa. Os jornais para os quais eu costumava escrever a esse respeito me proíbem, “pela minha segurança”, de trabalhar de perto ou de longe sobre o Estado Islâmico e suas redes. As medidas de segurança em alguns dos meus locais de trabalho foram drasticamente reforçadas, ao mesmo tempo que mocinhas de burca integral, acompanhadas por homens muito mais velhos e jamais vistos nas imediações até então, começaram a fazer perguntas estranhas na recepção. As ameaças se acentuaram também. Como tive de retirar toda existência virtual de Mélodie Nin do Facebook, só posso consultar o Skype. As autoridades me pediram para conservar essa conta em razão de diversas investigações e, principalmente, para acompanhar a progressão das tentativas de intimidação a mim. Claro, só me conecto raramente. E encontro toda vez atrocidades. Elas começaram neste verão, quando eu estava fazendo uma reportagem na América do Sul. Da conta de Bilel, uma pessoa que se apresenta como sua mulher me profere longos monólogos de ódio me insultando em todos os tons. E repete sem cessar: “E aí, sua babaca, como é querer fazer uma reportagem sobre um terrorista e se apaixonar por ele?”. Curiosa interpretação. Será mesmo uma das mulheres de Bilel? Uma enésima tortura do guerreiro que não teria morrido? Vocês adivinham o que vou responder: não sei.

As múltiplas células policiais classificaram Rachid X., dito Abu Bilel al-Firansi, como “vivo”. Até hoje não têm nenhuma prova da sua morte, mas detêm a seu respeito uma ficha bem comprida. No início, eles não chegavam a identificá-lo. Depois, eu lhes falei de Roubaix... Lá eles logo seguiram os rastros do indivíduo. Até eu entrar em colisão com eles, não tinham mais nenhuma pista sobre ele desde a partida para a Síria. Antes disso, cometeu vários delitos, de roubo a assaltos. Foi julgado e preso várias vezes por contumácia. Desde 2003, ele era um membro ativíssimo que lutava contra a invasão

americana no Iraque. Foi lá que conheceu Abu Bakr al-Baghdadi. Depois, entre 2009 e 2013, após longas temporadas primeiro no Afeganistão, a fim de aperfeiçoar suas técnicas de guerrilha, depois no Paquistão e enfim na Líbia no momento da queda de Kadafi, voltou para casa em Roubaix. Sem ninguém saber... Reapareceu nos radares em fins de 2013, quando foi localizado na Turquia. Tem de fato três mulheres, de vinte, 28 e 39 anos, a seu lado. É pai de pelo menos três meninos de menos de treze anos, e os dois mais velhos já estão no front da Síria. É estreitamente ligado a al-Baghdadi. Mas também a Suad Merah, a irmã fanática do assassino da moto.

Nunca mais tive contato direto com Bilel. Recentemente, quando eu estava em reportagem do outro lado do mundo, um amigo jornalista me ligou para dizer que sabia, de “fonte cem por cento segura”, que foi lançada contra mim uma *fatwa*, isto é, um pronunciamento público clamando por vingança. É a enésima vez que me informam disso. Tive algum medo às vezes, mas nunca me senti seguida ou vigiada. No entanto, esse amigo, eu sei, não teria me dito isso se não tivesse certeza do que sustentava. Então passei horas fuçando na net, descuidando do meu trabalho atual. Acabei dando com um vídeo a meu respeito. Eu me vi de véu no meu sofá. Imagino que seja uma foto da tela tirada por Bilel... Não tem som. Simplesmente animações representando um demônio e um texto em árabe, traduzido embaixo para o francês. Só vi esse vídeo uma vez. Nunca mais vou tornar a vê-lo, creio. Mas me lembro, palavra por palavra, do que estava escrito:

Meus irmãos mundo afora, chamamento à *fatwa* desse ser impuro que zombou do Onipotente. Se vocês a virem onde quer que seja na terra, obedçam à lei islâmica e matem-na. Sob a condição de que sua morte seja lenta e dolorosa. Quem zomba do islã pagará as consequências com seu

sangue. Ela é mais impura que um cão, estuprem-na, lapidem-na, liquidem-na. *Inch'Allah*.

Então, o que é pior, a dúvida ou a certeza?

Créditos

“Petit frère”, IAM. Letra: Akhenaton, Shurik N. Música: Akhenaton, Pascal Perez. © BMG VM Music France, Côté obscur.

“T.S.”, Diam’s. Letra: Diam’s. Música: Tefa, DJ Maître. © Universal Music Publishing MGB France, Because Editions, Kilomaitre Publishing.

Copyright © 2015 by Éditions Robert Laffont, S.A.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Dans la peau d'une djihadiste: Enquête au cœur des filières de recrutement de L'État islamique

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

FOTOS DE CAPA Guizhou Franck/ Hemis e Andrew Brookes — Corbis/Latinstock

PREPARAÇÃO Ana Cecília Agua de Melo

REVISÃO Julia Barreto e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-438-0343-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Sumário

Capa
Rosto
Paris, dez dias antes
Na mesma noite
Sábado de manhã
Mais tarde, na mesma noite
Domingo à noite
Segunda-feira
Segunda-feira, 20 horas
Segunda-feira, 21h30
Mélodie
Quinta-feira
Quinta-feira, 22 horas
Alguns dias depois
À tarde
Nesse mesmo dia, às 17h30
Segunda-feira, 19h30
Segunda-feira, 20 horas
Dois dias depois
O dia seguinte
Quinta-feira
Sexta-feira
Quatro dias depois
Quarta-feira à noite
Segunda-feira de manhã cedo

Sexta 25
Amsterdã, sexta-feira, 18 horas
Sexta-feira, 21 horas
Sexta-feira, 22 horas
Sãbado de manhã
Paris, domingo à tarde
Dois dias depois, na redaãõ
Mesmo dia, à noite
Cinco dias depois
Terça-feira
Oito meses depois
Créditos